

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Antropologia e Museologia
Programa de Pós-Graduação em Antropologia
Cultura, patrimônio e contemporaneidade.

QUANTOS ELEMENTOS GUARDAM ESTAS SEDES:

Um Clube, uma Troça e os seus encontros no carnaval de Olinda

Karla Danielle Santos de Oliveira

Recife

2015

Karla Danielle Santos de Oliveira

QUANTOS ELEMENTOS GUARDAM ESTAS SEDES:

Um Clube, uma Troça e os seus encontros no carnaval de Olinda

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientador: Bartholomeu Figueirôa de Medeiros

Recife

2015

O48q Oliveira, Karla Danielle Santos de.

Quantos elementos guardam estas sedes: um Clube, uma Troça e os seus encontros no carnaval de Olinda / Karla Danielle Santos de Oliveira. – Recife: O autor, 2015.

119 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Bartholomeu Figueirôa de Medeiros.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia, 2015.

Inclui referências.

1. Antropologia. 2. Etnografia. 3. Carnaval - Olinda. 4. Blocos carnavalescos. I. Medeiros, Bartholomeu Figueirôa de (Orientador). II. Título.

301 CDD (22.ed.)

UFPE (CFCH2015-50)

Catálogo na fonte

Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB-4 1291

KARLA DANIELLE SANTOS DE OLIVEIRA

“Quantos elementos guardam estas sedes: Um clube, uma troça e os seus encontros no carnaval de Olinda”.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Aprovado em: 07/04/2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Bartholomeu Figueirôa de Medeiros (Orientador)
Programa de Pós – Graduação em Antropologia – UFPE

Prof. Dr. Antonio Motta (Examinador Interno)
Programa de Pós – Graduação em Antropologia – UFPE

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto (Examinador Externo)
Departamento de Antropologia – UFPA

Agradecimentos

Em primeiro lugar, agradeço a João Vinícius Feitosa, meu companheiro de todas as horas, que sempre esteve comigo segurando minhas mãos e me ajudando a suportar todas as dificuldades desta longa caminhada. Este trabalho só foi realmente possível graças a ele, que tanto acreditou em mim. Agradeço também a minha família, meus pais e meu irmão. Dedico este trabalho a minha avó, Maria Izes, que tantos ensinamentos me ofertou em sua vida e que, mesmo sem saber ler, sempre me disse para continuar neste mundo das letras.

Agradeço ao PPGA pela recepção e acolhida, principalmente representado por Carla Neves, que sempre tinha as repostas para nossas inquietações e dúvidas, da maneira mais otimista e atenciosa possível. Agradeço ao meu Orientador Bartholomeu Figueirôa de Medeiros que aceitou me acompanhar nesta jornada. Agradeço a Lady Selma por tantos conselhos, ajudas e mesmo pelos sermões. Agradeço também a Hugo Menezes que tanto acreditou em meu potencial e que impulsionou o começo das pesquisas com agremiações carnavalescas.

Agradeço à Diretoria e aos participantes do Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite e da Troça Carnavalesca Cariri Olindense que tão bem me receberam e tornaram possíveis a produção de todo este trabalho.

Não posso deixar de agradecer a turma do Mestrado pela acolhida, ao carinho e a atenção, em especial, de Juliana Gonçalves, que tanto me ajudou, e de todos os meus amigos que deram força e impulso na produção deste material.

Resumo

As sedes dos blocos, clubes e troças são edificações do frevo, lugares em que o carnaval é pensado, planejado, produzido. Escolhemos, nesta dissertação, por analisar através da pesquisa etnográfica, duas sedes do carnaval olindense a do Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite e a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense. Elas foram escolhidas por sua longevidade, pela relação que os nativos apresentam com a sede e por ela ter também um papel de destaque na ocasião de seus desfiles. O nosso trabalho, portanto, se propõe a compreender como as sedes destas agremiações foram edificadas ao longo dos anos, percebendo, desta forma, como a preparação do carnaval ganhou diferentes formatos. Também pretendemos perceber como os participantes desta agremiação se relacionam com estes lugares, já que tantas atividades são desenvolvidas neste espaço. Passaremos ainda pelas questões que norteiam os seus desfiles e pelas estratégias de manutenção, para enfim, compreendermos que a estruturação de uma sede é fundamental para garantir a continuidade destas agremiações.

Palavras-chave: Sede. Homem da Meia Noite. Cariri Olindense.

Abstract

The headquarters of the *blocos*, *clubes* and *troças* are frevo buildings, places where the carnival is thought, planned and produced. We chose, in this paper, by analyzing through ethnographic research, two Olinda carnival headquarters: the Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite and the Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense. They were chosen by their longevity, by the relationship that the natives have with the headquarters and by the prominent role that it has in their processions. Our work, therefore, aims to understand how the headquarters of these associations were built over the years, realizing how the carnival preparation won different formats. We also want to see how the participants in the associations relate to these places, since many activities are carried out in this space. We will pass through the questions that guide their processions and the maintenance strategies, to finally, understand that the structuring of a headquarters is critical to ensure the continuation of these associations.

Key words: headquarters. Homem da Meia Noite. Cariri Olindense.

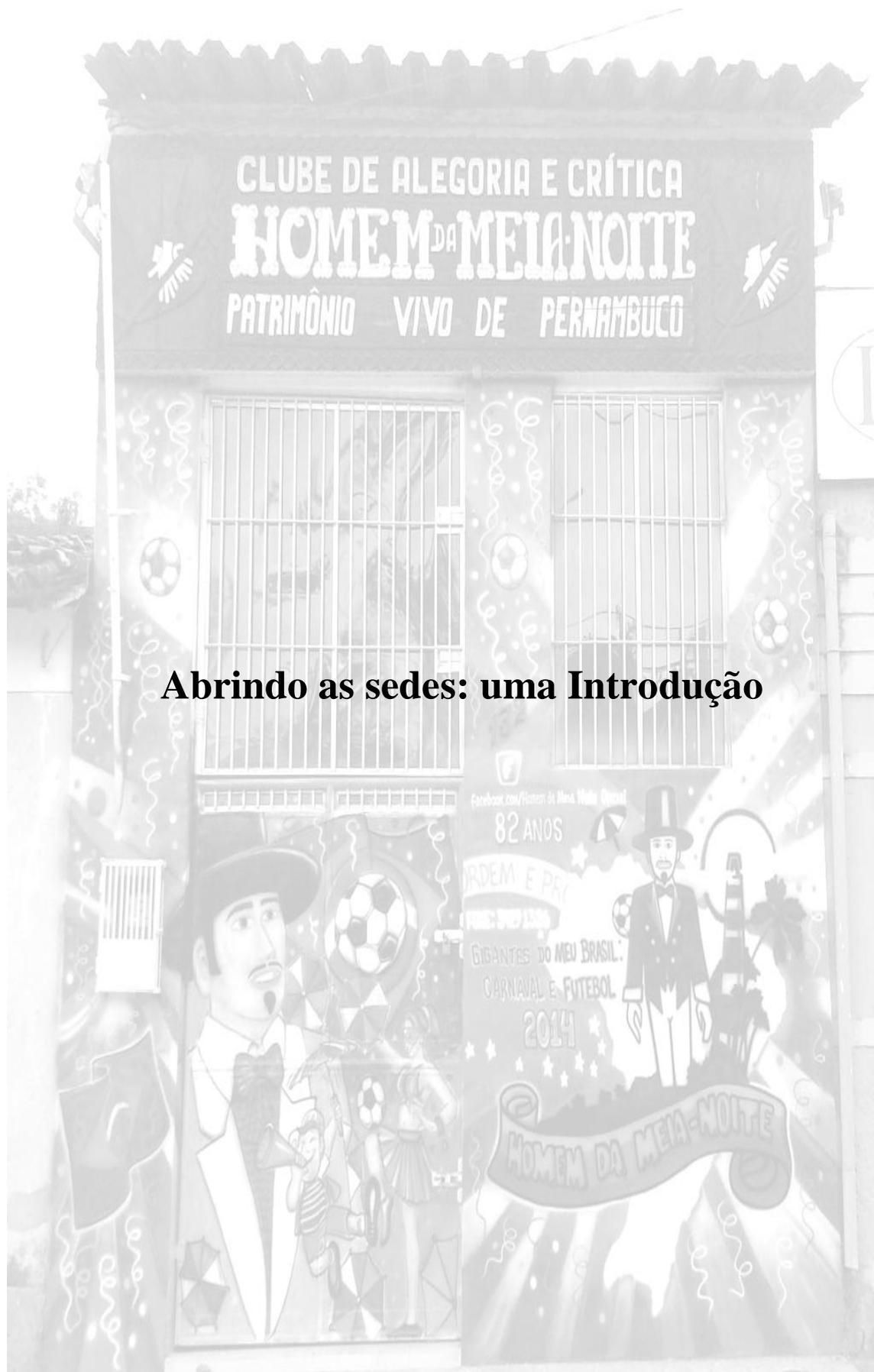
Lista de figuras

Figura 1: Desfile do Homem da Meia Noite nos anos 1930, possivelmente o primeiro Homem da Meia Noite.	25
Figura 2: O Homem da Meia Noite na casa de um dos seus fundadores.	27
Figura 3: Desfile com alegorias, anos 1940.	29
Figura 4: Desfile com alegorias, anos 1940.	30
Figura 5: Desfile com alegorias, anos 1940.	30
Figura 6: Desfile de 1975.	32
Figura 7: Fachada da sede do Homem da Meia Noite em 1996.	36
Figura 8: Fachada da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	40
Figura 9: Quadro com o nome dos fundadores e presidentes do Clube, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	43
Figura 10: Quadro com os nomes dos vencedores do Gigante Cultural, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	44
Figura 11: Loja do Calunga, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	44
Figura 12: “Museu” do Homem da Meia Noite, primeiro andar da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	46
Figura 13: Primeiro andar da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.	46
Figura 14: Segundo andar da sede. Acervo pessoal.	47
Figura 15: <i>Banner</i> com os patrocinadores e apoiadores do desfile do Homem da Meia Noite em 2014. Acervo pessoal.	51
Figura 16: Fotografia do senhor que trabalhava no mercado de São José e foi homenageado por Cariri, imagem de 1921, está presente na sede da agremiação. Acervo da Troça.	59
Figura 17: Desfile de 1974, considerado um desfile de luxo, com o tema: “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”. Acervo da Troça.	63
Figura 18: Frente da casa de Romildo Canuto, primeira sede de Cariri, fotografia de 1969. Acervo da Troça.	64
Figura 19: Produção das fantasias na primeira sede de Cariri. Acervo do Troça.	65
Figura 20: Desfile da agremiação em 1975, considerado um desfile de luxo, com o tema “China Milenária”. Acervo do Troça.	66
Figura 21: Local onde seria e foi construída a sede de Cariri. Acervo da Troça.	67
Figura 22: Construção da sede. Acervo da Troça.	68

Figura 23: Fotografia do desfile de 1962, com o estandarte de 1958. Acervo da Troça.	70
Figura 24: Estandarte utilizado em 2014 e 2015. Acervo pessoal.	71
Figura 25: O velho Cariri.	72
Figura 26: Fotografia retirada na frente da sede do Homem da Meia Noite, em 2014. Acervo pessoal.	87
Figura 27: O Gigante pronto para desfilar, depois da cerimônia da Troca de roupa, 2014.	89
Figura 28: A camisa do carnaval de 2014 é a primeira à esquerda. Acervo pessoal.	91
Figura 29: Gigante em pé, está perto do desfile começar, 2014.	93
Figura 30: Os clarins que anunciam a festa, 2014.	93
Figura 31: O gigante deixa a sua sede, 2014.	94
Figura 32: Surpresa, encantamento, admiração. É o desfile do Homem da Meia Noite, 2014.	95
Figura 33: Como é Gigante, 2014.	97
Figura 34: Os passistas conduzem o desfile, 2014.	98
Figura 35: Cumprimentado a sua casa, 2014.	98
Figura 36: O Gigante encontra com Tereza Costa Rêgo e reverencia a artista plástica, 2014.	99
Figura 37: Como as ruas parecem ter ficado tão estreitas e ao mesmo tempo tão largas, 2014.	101
Figura 38: A sede de Cariri se preparado para folia, 2014.	104
Figura 39: A chegada do Homem da Meia Noite à sede do Cariri, 2015. Acervo Pessoal.	105
Figura 40: O grande encontro em 2012.	106
Figura 41: Preparação para a saída de Cariri, 2015.	107
Figura 42: O saco do velho Cariri, 2015. Acervo pessoal.	108
Figura 43: Passistas, amigos e o Cariri já está na rua, 2015. Acervo pessoal.	108
Figura 44: Saudação do porta-estandarte, 2015. Acervo pessoal.	109
Figura 45: Segue o desfile de Cariri, 2015. Acervo pessoal.	110
Figura 46: O dia amanhece embalado pelo Cariri que inicia a folia no domingo de Momo, 2015. Acervo da Troça.	111
Figura 47: Momentos antes do desfile de Cariri em sua sede, 2015. Acervo pessoal.	112

Sumário

Abrindo as sedes: uma Introdução	11
Capítulo 1 – Entre a rua e a casa, uma sede de carnaval	21
1.1. A rua e a casa.....	23
1.2. O barracão	28
1.3. A sede social.....	34
1.4. Sede de um patrimônio	39
1.4.1. <i>Estratégias de manutenção</i>	49
Capítulo 2 – Rua, Casa, Pedaco: a sede do Cariri Olindense.	55
2.1. A primeira geração	58
2.2. A segunda geração.....	62
2.3. A terceira geração	69
2.4. Estratégias de manutenção	73
2.5. Duas agremiações, duas sedes, quantas estratégias.....	76
Capítulo 3 - De sede à sede: um desfile de Carnaval	82
3.1. Tudo começa na sede: a preparação para sair	85
3.2. Um lugar de segredos	88
3.3. A sede pode ser também protagonista	91
3.4. No meio do caminho tinha conflitos.....	100
3.5. O espaço de encontros	103
Quantos elementos guardam estas sedes? Considerações Finais	114
Referências	117



Abrindo as sedes: uma Introdução

Chegando à sede

Foliã do Carnaval, a ida às festas de Momo sempre foram uma constante na minha família. Desfiles das agremiações, no bairro e fora dele, marcaram as minhas primeiras recordações das festas. O enlace com o samba e o encanto pelo frevo foram lições preciosas ensinada em casa, acabei levando todo o encanto que aprendi a nutrir pelo carnaval para esta pesquisa. Ex-moradora de um bairro cheio de sedes, nunca parei, de maneira investigativa, a olhar para esses lugares, pois parece que me acostumei a tê-los como pertencentes e referenciais do lugar em que vivia. Eram os vizinhos que sempre estavam lá, fazendo com que o bairro possuísse aquela feição. Analisar uma agremiação carnavalesca foi um empreendimento começado ainda em minha monografia *“Lá vem o Homem da Meia Noite”*: formação, espaço e popularidade em um clube de carnaval, direcionada a um levantamento histórico, com a realização de algumas entrevistas que também foram utilizadas nesta dissertação. Para encontrar o Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia e a Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense, precisei me distanciar tanto de meu bairro de origem, como da cidade em que nasci, e acabei saindo do Recife e do Pina para ir investigar o Sítio Histórico Olindense. Lá, os referenciais foram outros e no meio de tantas conversas, as sedes que sempre estiveram tão próximas acabaram chamando tanta atenção.

A importância conferida às sedes ressaltava nas entrevistas, conversas e mesmo nas redes sociais. Comecei, então, a percebê-las de outra forma. “Quantos elementos guardam estas sedes” é a afirmação que irei defender ao longo desta dissertação e, ao mesmo tempo, que irei questionar. São os elementos que fazem este espaço enquanto trajetória, relações, estrutura e usos que buscaremos por descobrir.

As sedes das agremiações carnavalescas podem ser entendidas como o local de produção dos carnavais, onde esses são planejados, produzidos, sistematizados. A construção destes espaços, por suas agremiações, percorre uma história de conquistas e disputas, nem todas as agremiações, por exemplo, conseguem construí-las e mantê-las. As sedes começam a se apresentar pelo imprevisto, nas residências e casas de participantes e, por vezes, passam a funcionar de maneira independente, constituindo as edificações do frevo. Algumas, com o passar do tempo, deixam de funcionar como moradia e se tornam um lugar específico para os fazeres da agremiação. As sedes que analisaremos se constituem como estes espaços, não são espaços de residência familiar,

mas abrigam todas as atividades que giram em torno de suas agremiações. Entenderemos por agremiações as “divisões de grupos por categorias, geralmente da mesma profissão, ocupação ou que admirem algo que se torne comum àquele grupo” (LIMA, 2001: p. 131). São, portanto, os grupos que se organizam em torno de um elemento comum para brincar durante o carnaval.

As sedes são atribuídas à produção e organização do carnaval, são locais de armazenamento de fantasias, de tomadas de decisões e muitas ainda atuam diretamente com suas comunidades, realizando festas, batismos, atividades escolares ou reuniões familiares, por exemplo. São muitas as sedes espalhadas tanto no Recife como em Olinda e configuram como importantes pontos de referências e vivências para suas comunidades. A paisagem em que essas sedes se localizam apresentam relações de uma sociabilidade específica. Além disso, muitas sedes como essas são lembradas por suas atividades sociais. Ao perguntar pela sede do Homem da Meia ou de Vassourinhas, os moradores de Olinda logo respondem onde ficam e como fazer para se chegar lá.

Dessa forma, resolvi por investigar esse espaço. Depois de pesquisar um pouco sobre a formação do Clube de Alegorias e Críticas e Homem da Meia Noite para uma monografia, comecei então a perceber como o espaço da sede é importante para os participantes da agremiação, sua manutenção e reformas comprometem muito seus participantes que, sempre quando podem, convidam visitantes. Foi assim que decidi por pesquisar esse espaço. Conhecendo essa sede e a realidade de outras, me interessei, inicialmente, por compreender um pouco das vivências que ocorrem na sede do Gigante.

O Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite é uma das agremiações mais conhecidas do carnaval de Olinda. Desfila há 83 anos com um Calunga Gigante que com sua orquestra e muitos mistérios leva às ruas, todos os anos, um público enorme. A agremiação inicia seu desfile às 24 horas do sábado para o domingo de carnaval. Surgiu a partir de dissidências da diretoria de uma importante troça que abria o carnaval na madrugada do domingo de carnaval, o Cariri Olindense. Assim, Benedito Bernardino da Silva, Sebastião Bernardino da Silva, Luciano Anacleto de Queiroz, Cosme José dos Santos, Manoel José dos Santos e Eliodoro Pereira da Silva organizam uma agremiação que “começou como troça” (ATAÍDE, 1982: p. 97) e depois se transforma em um clube.

Primeiramente, a ideia desta dissertação era analisar apenas a sede do Homem da Meia Noite. Contudo, durante a pesquisa de campo, senti a necessidade de perceber as relações de outra sede. Como ocorreria a manutenção de outro espaço, como outra sede foi adquirida e se teria a mesma atenção de seus participantes. Então, pela proximidade geográfica e por estar conectada a este Clube tanto historicamente como pelo desfile que ocorre ao longo da mesma madrugada, resolvi por também analisar a Troça Cariri Olindense. Considerada como uma das mais antigas do carnaval de Olinda, com seus 94 anos, é a agremiação que conduz as chaves da cidade durante o carnaval.

A Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense sai às ruas no início da manhã do domingo. Às 4 horas da manhã, o velho Cariri sai de sua sede para começar o seu desfile, montado em um burrinho, levando às ruas um grande número de pessoas com um desfile que segue até às 8 horas da manhã, abrindo a folia no domingo de carnaval.

Nesta dissertação, nos debruçaremos e conheceremos, assim, essas agremiações a partir de suas sedes. Lugares que serão entendidos enquanto possibilitadores de sociabilidade inseridos em um contexto com uma história, estratégias de manutenção, relações sociais e que se apresentam como um dos elementos mais importantes para seus desfiles.

A pesquisa etnográfica possibilitou a escolha pelo tema e a realização de toda esta dissertação. A importância dada pelos participantes a estes espaços, fez com que a sede ganhasse uma atenção mais que especial em nossa pesquisa. A vontade de mostrar este espaço e de conservá-lo, com as reformas e atividades realizadas, possibilitou um olhar mais atento às relações de sociabilidade que se constituem nesses lugares.

As sedes: lugares e análises

As sedes existem como lugar e espaço. Segundo as categorias de Tuan (1983), o espaço possibilita a abstração e o movimento, pois fazem parte de bairros, ruas, referenciam endereços, situam e podem, aos poucos, se erguerem como lugares. Ainda segundo esse geógrafo, os lugares são os espaços conferidos de valor sentimental. Valor construído pelas histórias, vivências e experiências ocorridas nos mesmos. “Este valor pode ser dado, entre outras formas, pelas experiências que abrangem as diferentes maneiras em que uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983: p. 9). Os lugares são, portanto, estabelecidos a partir da consolidação dos espaços, cabendo às

experiências um importante papel nessa construção, pois elas dão sentido aos lugares de maneiras subjetivas e coletivas, de maneiras diretas e indiretas, de acordo com o que foi vivenciado.

Estas experiências criam diferentes relações nesses lugares, essas relações podem ir além de categorias conhecidas como a de “casa” que, enquanto sociabilidade, se distingue da de “rua”. Para DaMatta (1997), é a casa que guarda as relações privadas, o que nem sempre é revelado, diferentemente da rua, em que o público centraliza as relações. As sedes podem guardar elementos de ambos os espaços, tanto da rua como da casa e ainda podem proporcionar novas sociabilidades.

Pensada enquanto lugar, a sede está posicionada como elemento desta mediação, porém criando uma sociabilidade específica que pode ser entendida como um “pedaço”, conceito usado por Magnani (1998) para se referir às relações estabelecidas nos espaços de lazer em São Paulo. O termo se refere a uma sociabilidade que intermedeia os espaços da casa e da rua, laços que transpõem o familiar e relações que ultrapassam o individual, estabelecendo redes de uma coletividade para aqueles que são pertencentes ao pedaço. Nas sedes podem até existir relações familiares, porém não são apenas essas relações que constroem os sentidos de pertencimento a esses lugares. Existem questões próximas a de uma casa, como, por exemplo, a sua manutenção, mas verificamos também a intensa preocupação com o sair à rua. A sede comporta todas essas preocupações, criando uma sociabilidade coletiva e diferente.

As agremiações carnavalescas se inserem na atmosfera das manifestações populares. Essas manifestações ocupam diferentes lugares com diferentes usos. As agremiações que analisaremos, saem na madrugada do sábado para o domingo de carnaval, utilizando as ruas e as praças para realizarem seus desfiles. Esses espaços foram muito lembrados por pesquisadores como sendo o local onde os espetáculos públicos aconteciam (BURKE, 1989 e BAKHTIN, 1987). Esses autores ainda lembram que apresentações também ocorriam em alguns lugares “fechados”, como bares, tecelagem, estábulos, variando na posição das cidades e nos períodos históricos. O historiador E. P. Tompson (1998) vai, em sua análise, aos costumes, demonstrando que dentro das casas também encontramos práticas populares. Os costumes são realizados e se repetem seguindo condições e necessidades que podem não ser evidentes ou claras, mas significam muito para os que os fazem, às vezes sendo considerados como uma lei,

no nosso caso, sendo repetidos porque sempre foram realizados ou porque conseguem garantir as necessidades de cada agremiação.

As sedes nem sempre apareceram nas análises das agremiações carnavalescas. Encontramos autores¹ que não versam diretamente sobre as sedes, nem sobre a preparação dos carnavais, mas que abordam aspectos importantes como as diferenças entre as agremiações e os espaços em que ocorrem os desfiles. Em outros autores, como José de Ataíde (1982) a preparação do carnaval ainda é fortemente marcada pelo improvisado, a preparação ocorre, entretanto, as reuniões podem ocorrer em qualquer espaço, como a casa de participantes, por exemplo. Por fim, identificamos textos que apresentam as sedes enquanto lugares de preparação e sistematização do carnaval e da própria agremiação². A análise das sedes pode, também, ser interpretada como a análise da produção e manutenção do próprio carnaval. À medida que as agremiações ganham a edificação desses espaços, independentes em termos de estrutura, ela passa a ter maior autonomia e as ações relacionadas à produção do carnaval ganham as dimensões de especialização, profissionalização, trabalho, compromisso e seriedade.

Percebemos, assim, que durante muito tempo as sedes não eram diretamente trabalhadas pelos pesquisadores, como podemos constatar no levantamento da pesquisadora Katarina Real (1990), sobre o carnaval e folclore do Recife, que realiza ainda nos anos 1960. A autora apresenta e difere os clubes, das troças e dos blocos. Ela aborda os cortejos e destaca os desfiles, mas não questiona como é feita a produção do carnaval e nem em que local esta produção ocorre. Quando o espaço passa a ser associado ao frevo, as ruas são descritas como o centro de disputas, ainda focalizando o desfile. Na obra de Rita de Cássia Araújo (1996), temos uma importante análise da construção das agremiações carnavalescas no final do século XIX e início do século XX, onde surgem os clubes de pedestres e de alegorias e críticas, assim como as primeiras menções ao frevo, enquanto ritmo das ruas. Nessa obra, percebemos uma primeira possibilidade de análise do território do frevo: as ruas. Principalmente as ruas do centro comercial do Recife, nos bairros de São José e Santo Antônio. Essas áreas aparecem como espaços de disputa já que eram preferidas pelas agremiações, porém seu

¹ Ver REAL (1990); LIMA, (2001); ARAÚJO (1996); AMORIM (2002).

² LÉLIS, Carmem (Org.); MENEZES NETO, Hugo; NASCIMENTO, Leilane (2011; 2012).

acesso era, muitas vezes, negado por diferentes decretos produzidos pelas autoridades da época.

José de Ataíde, jornalista pernambucano, produz o livro *Olinda, Carnaval e Povo*, no qual realiza um grande levantamento de dados sobre as festas carnavalescas de Olinda e seus carnavalescos, além de apresentar, em sua obra, importantes fotografias, das agremiações olindenses, entre os anos de 1900 a 1981. Abordando a produção e preparação do carnaval, o autor afirma que isso era feito “em determinadas residências” (ATAÍDE, 1982: p. 13), onde as reuniões ocorriam, às vezes por semanas, resolvendo como seria o desfile. O termo sede ainda não era utilizado, mas muitas residências passaram, então, a funcionar como o espaço de produção do carnaval. Dessa forma, uma ideia de preparação e organização já começa a aparecer, mesmo que de maneira improvisada. Ainda hoje, algumas agremiações funcionam com sedes informais, ou melhor, residência de participantes.

As sedes passam a ser destacadas no *Dossiê de candidatura do Frevo Patrimônio Cultural e Imaterial do Brasil* (LÉLIS, 2007) e em *Frevo Patrimônio Imaterial do Brasil* (LÉLIS, 2011), síntese do Dossiê de Candidatura do Frevo. Nesses trabalhos, elas são mencionadas enquanto edificações do frevo, local destinado à preparação, planejamento e organização do carnaval. Segundo a definição apresentada aqui, as sedes carregam um forte valor simbólico, para os que a fazem, funcionando como um espaço de práticas sociais, passadas e presentes, e de tradições ligadas ao frevo. Desse modo, confere valor, não apenas comercial ou mercadológico, mas um valor que representa os significados que preenchem o local de sentidos e heranças dos que passaram e para os que ainda virão.

No trabalho de Carmem Lélis, Hugo Menezes e Leilane Nascimento (2012), sobre os 80 anos de dois blocos carnavalescos mistos, Batutas de São José e Banhistas do Pina, as sedes funcionam como espaços independentes das residências dos moradores: “o lugar onde nunca morou ninguém, mas que era de todo mundo” (2012). Assim, as sedes pertencem a um grupo maior e, dessa forma, são realizados nesses lugares atividades para esse grupo. Na sede do Bloco Carnavalesco Misto Banhistas, “são celebrados batizados, casamentos, aniversários, ensaios e eventos de grupos de seu entorno, tudo em parceria com o Bloco, que faz do seu espaço uma solicitada sede social” (2012). As disputas dessas edificações do frevo, portanto, ganham uma

dimensão que vai além da rua, ou seja, a manutenção desse lugar, que também é disputada e conquistada constantemente.

Das duas sedes que investigamos, a do Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite é destacada no *Dossiê* do Frevo por possuir um salão e um bar em sua estrutura. Ela é lembrada juntamente com outras sedes por desenvolver projetos sociais e programação para os associados e para o público em geral. Temos, ainda, uma importante descrição realizada pelo pesquisador Sandroni (2013), na Revista Observatório Itaú Cultural, em que cada ambiente é apresentado pelo autor, desde o térreo, com as fotografias, com os registros dos fundadores e presidentes além da presença de uma loja de souvenir, até o segundo ambiente, onde são projetados vídeos sobre o carnaval e o gigante. No entanto, com relação à Troça Carnavalesca Mista Cariri Olindense não encontramos informações de sua sede nem no *Dossiê* do Frevo, nem em sua síntese, nem em outros trabalhos.

Percebemos, então, que os trabalhos não se atêm a perceber detalhadamente como se produzem as relações dentro de uma sede carnavalesca. Existem, de maneira geral, poucos trabalhos sobre as agremiações carnavalescas de Pernambuco. Existem ainda menos trabalhos sobre o Homem da Meia Noite (FERRAZ, 2007) e sobre os bonecos gigantes de Olinda (BONALD NETO, 1992; ANDRADE, 2004) e poucos trabalhos relacionados ao Cariri Olindense (ATAÍDE, 1982). Temos registros, anos, datas, mas poucas análises antropológicas. Infelizmente, as sedes, ainda, não foram sistematicamente trabalhadas.

Dessa forma, nosso trabalho tem por objetivo fazer uma análise das relações e práticas sociais desenvolvidas nas sedes do Homem da Meia Noite e do Cariri Olindense. Tentaremos perceber a historicidade e a trajetória desses espaços, as sociabilidades construídas nesses ambientes e as várias facetas desses lugares durante o desfile de carnaval.

As sedes: pesquisa e a dissertação

Para construção desta dissertação, realizamos uma pesquisa etnográfica. As preparações do desfile, o desfile em si e o cotidiano foram acompanhados e vivenciados ao longo da investigação. A pesquisa de campo ocorreu durante o ano de 2014. Começando em janeiro e seguindo até o mês do novembro. Nos meses que antecederam

o Carnaval, as visitas às sedes eram mais frequentes. Depois continuaram a acontecer para a obtenção de entrevistas e mesmo de conversas com quem as frequentavam.

O caderno de campo foi um elemento que auxiliou o registro não apenas dos fatos, mas principalmente das reflexões geradas e das sensações possibilitadas pelo campo. Utilizamos também das fotografias tanto como fonte de análise como de registro dos desfiles. Serão utilizadas, ao longo da dissertação, fotografias, principalmente, do acervo pessoal e das agremiações. Algumas entrevistas ocorreram em 2012, para o trabalho prévio já citado. Realizamos, também, em 2013, a observação do desfile com algumas rápidas conversas. Algumas fotografias foram coletadas durante o carnaval de 2015.

A dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, **Entre a rua e a casa, uma sede de carnaval**, vamos compreender, através de uma análise diacrônica, as mudanças na relação com o espaço ocupado enquanto sede, para isto, apresentaremos as informações produzidas na sede do Homem da Meia Noite. Percebemos deslocamentos de espaços e de usos. Nesse capítulo, veremos como a agremiação saiu da rua e se estabeleceu enquanto o lugar de um Patrimônio Vivo. Lugar esse que enfatiza a sua história e a sua tradição como possibilitadores de continuidade da agremiação.

No segundo capítulo, **Rua, Casa, Pedaco: a sede do Cariri Olindense**, tentaremos perceber as relações estabelecidas entre os participantes e membros da diretoria das agremiações com a sede. Como “participantes” vamos englobar os que desfilam nas agremiações e mesmo os que a seguem, ou visitam suas sedes. Para isto, analisaremos as informações coletadas na sede do Cariri Olindense, também realizaremos uma breve comparação entre as atividades realizadas nas duas sedes analisadas, já que, ao longo desses dois primeiros capítulos, iremos apresentar as estratégias utilizadas por essas agremiações para garantir tanto a manutenção das suas sedes como a produção dos seus desfiles.

No terceiro capítulo, **De sede à sede: um desfile de Carnaval**, tentaremos entender as diferentes funções que as sedes podem receber ao longo da noite do desfile das agremiações. Espaço de concentração, rituais, euforia e encontros são alguns dos papéis que as sedes podem ocupar durante a grande madrugada do desfile, que conecta

as agremiações. Para isso, analisaremos o material etnográfico coletado durante os desfiles de 2013, 2014 e 2015.

As sedes são cheias de elementos e são alguns desses que tentaremos apresentar ao longo deste texto. A continuidade e a eficácia dessas agremiações estão associadas diretamente ao fato de possuírem esses lugares. Então, vamos abrir as sedes para perceber um pouco do que elas guardam.



Capítulo 1 – Entre a rua e a casa, uma sede de carnaval

Blocos, clubes e troças são as agremiações relacionadas diretamente ao frevo. O Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite é uma dessas agremiações. Desfila nas ruas na madrugada do domingo com dois gigantes: o primeiro, um Calunga com quase 4 metros de altura e, o segundo, um público arrebatador que lota as estreitas ruas olindenses. A sede do Gigante fica na rua do Bonsucesso, número 132, em Olinda, o lugar mais desejado nas altas horas do sábado de Zé-Pereira. É nesta sede que ocorrem os preparativos econômicos, ritualísticos do carnaval e é também onde a comunidade interage com a agremiação.

Os clubes são agremiações carnavalescas que tradicionalmente desfilam à noite. Em seus cortejos, podem desfilam com diretoria, porta-estandarte, cordões, passistas, orquestras e outros personagens. Historicamente os clubes de pedestre que reuniam os indivíduos das camadas populares urbanas que mantinham relações associativas ou por laços de parentesco, vizinhança, ou ofícios profissionais. Recebiam esta designação por seu cortejo processional – herança das procissões católicas. Seus sócios percorriam em cordões a pé. Também existiam os clubes de alegorias e críticas, como o Homem da Meia Noite, que surgem ainda no final do século XIX. Estes eram geralmente formados por um grupo elitizado que se organizava em torno de uma agremiação, desfilando com alegorias que poderiam ser corsos, carros puxados por cavalos, além de usarem fantasias luxuosas e faziam críticas relativas às questões políticas e aos costumes do período³.

No trabalho etnográfico realizado na sede do Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite, entre os meses de janeiro e novembro de 2014, percebemos que a edificação de sua sede reflete o trabalho de anos e de diferentes presidentes e parceiros. As entrevistas, as visitas à sede e as muitas conversas realizadas localizaram o valor da sede para os dirigentes e como sua manutenção é importante para a agremiação. A análise das relações estabelecidas na sede também pode ser interpretada como a análise da produção e manutenção do carnaval. À medida que a agremiação ganhou a edificação, independente em termos de estrutura, ela passa a ter autonomia e as ações relacionadas à produção do carnaval ganham as dimensões uma maior especialização, além de profissionalizarem o trabalho desenvolvido na agremiação. Além disso, podem-se notar mudanças na forma como os próprios participantes da agremiação passaram a percebê-la. Entendemos também que a agremiação ganhou

³ Sobre os clubes ver REAL (1990); LÉLIS (2011); LIMA, (2001); ARAÚJO (1996); AMORIM (2002).

importância diante de sua comunidade, entre outras coisas, devido às atividades desenvolvidas em sua sede.

Este capítulo, portanto, tem por objetivo entender os usos que a sede do Homem da Meia Noite recebeu ao longo do tempo e como esses diferentes usos podem ser percebidos na estrutura da sede atual. Também vamos conhecer quais atividades são utilizadas para garantir a manutenção da sede e da agremiação.

Para isso, separamos nossa análise em quatro momentos ou deslocamentos. O que chamamos de deslocamentos devem ser entendidos como as grandes mudanças que a preparação e o espaço da sede passaram ao longo do tempo. O primeiro deslocamento é marcado pela mudança de enfoque da rua para casa, o desfile que era destacado pelos participantes da agremiação segue para uma organização em um espaço familiar e domiciliar, a casa dos participantes. O segundo deslocamento faz com que ocorra a saída da casa dos participantes seguindo para o barracão, espaço próprio da agremiação. No terceiro deslocamento, continuamos no barracão, mas vamos notar uma mudança na forma de condução da agremiação e a necessidade de edificação de uma sede social que realizasse atividades para, de alguma forma, intervir na comunidade. Dessa maneira, o deslocamento está nos usos da sede. No último deslocamento, apresentaremos como os trabalhos sociais estão relacionados com a sede de um Patrimônio Vivo e como ela se apresenta diante do recebimento deste registro, separamos ainda nesta seção um tópico para perceber as estratégias de manutenção utilizadas para a conservação da sede.

1.1. A rua e a casa

O frevo tem nas ruas o seu principal palco, as agremiações relacionadas ao frevo tem em seu desfile a possibilidade de apresentação e concretização das realizações de seu grupo. Os desfiles parecem representar a agremiação. Podemos notar isso até mesmo na forma de nos dirigirmos aos seus cortejos, geralmente não falamos que vamos acompanhar o desfile do Galo da Madrugada ou do Homem da Meia Noite, falamos que vamos ver o Galo da Madrugada ou o Homem da Meia Noite, como se desfile e clube se misturassem quando saem às ruas. As ruas parecem ser percebidas como os grandes cenários de consolidação desses grupos.

Contudo, as agremiações têm ocupado e produzido sentidos a outros espaços, espaços esses que parecem ter recebido pouca atenção por alguns autores⁴. A sede das agremiações é o espaço que nos chama atenção nessa análise. São esses lugares que produzem efetivamente o que é visto nos desfiles nas ruas e, no caso específico do Homem da Meia Noite, é um dos lugares que faz parte, inclusive, do próprio desfile. A sede desse Clube ocupou diferentes papéis ao longo do tempo, tanto para a agremiação quanto para seus participantes. Esses usos representam as preocupações dos dirigentes, às necessidades da agremiação e mesmo a percepção da agremiação e sua relação com a comunidade.

Descobrimos, durante as conversas e as muitas entrevistas, que antes de funcionar na rua do Bonsucesso no número 132, a sede teve três endereços provisórios, se alterando à medida que os presidentes e fundadores também mudavam de residência. A agremiação surge em 1932, como uma troça⁵, e não havia a necessidade, nesse primeiro momento, de um espaço permanente. Os participantes se reuniam em algum local, esquina ou rua, que era apenas um lugar “para sair” e assim começava o seu desfile. Esse lugar poderia ser em qualquer ponto, porém sempre no Sítio Histórico, da cidade de Olinda principalmente nos arredores do bairro do Amparo. Nesses primeiros desfiles, “o Homem da Meia Noite não tinha um espaço fixo de sair, ele saía e aí as pessoas diziam ‘Lá vem o Homem da Meia Noite’. Daí as pessoas cantam esta música...” (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista):

Lá vem o Homem da Meia-Noite
Vem pelas ruas a passear
A fantasia é verde e branca
Para brincar o carnaval.

O Hino do Clube foi escrito por um de seus fundadores, o senhor Benedito Bernardino da Silva, e podemos destacar o desfile e a rua nesta música. O desfile possivelmente era considerado a marca mais importante da agremiação. As ruas são os espaços da brincadeira e do carnaval. Era nas ruas, portanto, que os participantes se encontravam e o desfile estava feito. O espaço e as práticas eram de todos e aconteciam onde todos poderiam participar. A preocupação com um ponto fixo para a saída da agremiação e o planejamento dos preparativos do carnaval parecem não acontecer nesse

⁴ Ver REAL (1990); LIMA, (2001); ARAÚJO (1996); AMORIM (2002).

⁵ As troças são agremiações carnavalescas que geralmente se apresentam durante o dia nas ruas dos subúrbios e/ou no centro do Recife e/ou Olinda. Mais informações no Capítulo 2.

primeiro momento. Tudo acontecia de forma bastante improvisada como podemos perceber na figura 1, datada dos anos 1930, que mostra como era o primeiro Gigante e os desfiles, a cavalo e com fantasias mais simples.



Figura 1: Desfile do Homem da Meia Noite nos anos 1930⁶, possivelmente o primeiro Homem da Meia Noite.

Segundo alguns relatos, os dirigentes da agremiação, em muitas ocasiões, também desfilavam a cavalos. Ainda nos anos 1930, a agremiação passa por seu primeiro deslocamento, saindo da rua e seguindo para casa. Nesse primeiro deslocamento, que entendemos como uma importante mudança, percebemos que essa ida para a casa faz com que as questões da agremiação sejam debatidas no espaço das relações domésticas. Segundo DaMatta (1997), a casa é o espaço das relações familiares, destinado ao privado, àquilo que pode e deve ser restrito. Percebemos que o deslocamento da rua em direção a casa pôde possibilitar à agremiação a entrada na esfera das questões domésticas. Saindo do improvisado para o mínimo de preparação e atenção. De acordo com DaMatta (1997), poderíamos entender que as relações familiares passam a ocorrer através desse primeiro deslocamento, uma vez que os afazeres da agremiação parecem entrar nesse espaço e passaram a ser assuntos

⁶ Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.

familiares. Ainda hoje, famílias inteiras atuam diretamente na agremiação, trabalhando para as realizações da sede e do desfile.

Analisando as primeiras sedes, o improvisado continua a se configurar como uma das marcas dos desfiles do Homem da Meia Noite. Suas três primeiras sedes funcionaram de forma improvisada em residências:

A primeira sede do Homem da Meia Noite foi aqui em um destes sobrados em frente à bodega do Veio, aqui na Rua do Amparo. Foi a primeira, onde morava um dos fundadores. A segunda sede tem uma História ligada ao misticismo do Homem da Meia Noite, porque você está dentro da segunda sede provisória do Homem da Meia Noite. Na verdade, eu comprei esta casa há 14 anos atrás. Eu ainda não era presidente, era meu pai e eu não tinha nem ideia de que esta casa tinha sido uma sede provisória. No qual ele saía do quintal desta casa (...). A terceira sede é ao lado do Homem da Meia Noite, onde também morou seu Bernardino. E mora até hoje os filhos dele, D. Irene e seu Leo. Inclusive no chão ainda há uma marca onde ficava o mastro do Homem da Meia Noite. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista)

As sedes estavam diretamente ligadas às casas dos participantes e presidentes da agremiação, todas estavam situadas muito próximas espacialmente nos bairros do Sítio Histórico olindense. Abordando a produção e preparação do carnaval de Olinda, José de Ataíde afirma que isso era feito “em determinadas residências” (ATAÍDE, 1982: p. 13), onde as reuniões ocorriam, às vezes por semanas, resolvendo como seria o carnaval. O termo sede ainda não era utilizado, mas muitas residências passaram, então, a funcionar como o espaço de produção do carnaval. Dessa forma, uma ideia de preparação e organização do carnaval já começa a aparecer, mesmo que de forma improvisada. Ainda hoje, algumas agremiações funcionam com sedes informais, ou melhor, residência de participantes que funcionam para produção do carnaval.

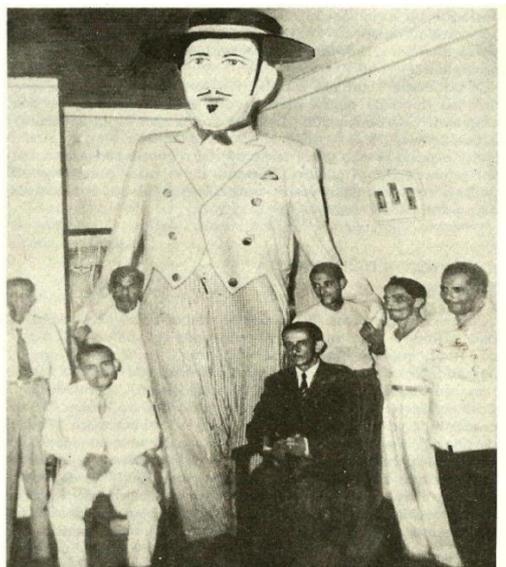


Figura 2: O Homem da Meia Noite na casa de um dos seus fundadores⁷.

Possivelmente, o que vemos na figura 2 é uma das reuniões do Homem da Meia Noite, que deve ter ocorrido na casa de seu Benedito Bernardino, um dos fundadores, que realizava as reuniões da agremiação em suas residências (ATAÍDE, 1982). Podemos, desta forma, configurar sua casa como uma sede improvisada.

Esse primeiro deslocamento da agremiação, em que a produção do carnaval começa a ser arquitetada nas residências dos dirigentes, coincide com o período em que a agremiação passa a ser um Clube de Alegorias e Críticas, os desfiles passam a acontecer à noite, o que ocorre a partir de 1936, e em que se consegue mantê-los sem interrupções até 1949⁸. Os desfiles continuam sendo o momento mais esperado da agremiação, mas as casas, onde as sedes se localizavam, passam a ganhar importância para os participantes. O Clube passa a fazer parte das relações domésticas em que os grupos familiares atuam na produção dos cortejos. Nesse período, ocorreu um dos cortejos memoráveis em 1945, segundo José Ataíde, onde a agremiação fez uma homenagem ao trabalho, com quatro carros e cavalaria com 40 cavaleiros, ricamente fantasiados. Nessa alegoria também estava montada uma representação das ruínas do antigo senado de Olinda e um carro com cisnes (ATAÍDE, 1982: p. 97).

⁷ Imagem disponível em ATAÍDE, 1982: p. 44.

⁸ A agremiação desfila sem interrupções de 1932 a 1949.

1.2. O barracão

Saindo dos anos 1940, a agremiação vai passar por um novo e importante deslocamento. Das reuniões familiares nas casas dos participantes vai se estabelecer um local próprio para se funcionar como uma sede, um espaço independente das residências dos participantes do Clube. Esse novo espaço aparece em meio a um período de dificuldades enfrentadas no início dos anos 1950, momento em que se fará a doação de um galpão que funcionará como sede.

A agremiação, no início dos anos 1950, enfrenta dificuldades financeiras. Não conseguindo desfilar entre os anos 1950 e 1953. Porém, a partir de 1954, o então prefeito de Olinda, Alfredo Lopes⁹, presidente de honra perpétuo do Clube, destinou verbas para a agremiação que voltou a desfilar sem mais interrupções, além disso, ele fez a doação do espaço onde se localiza, até hoje, a atual sede do Homem da Meia Noite.

Ele teve... Como posso dizer? Esta gentileza, esta iniciativa importante e, naquela época, já percebia a importância que tinha o Homem da Meia Noite ter um espaço, uma sede, e doou aquele casarão, que era um casarão aberto. Onde o telhado era alto e não tinha divisória nenhuma. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

Destacamos o caráter pontual da doação, ela não fazia parte de uma política de preparação e realização do carnaval de Olinda. Por isso, pode ser entendida como uma “gentileza”, pois isso não fazia parte de uma política pública da cidade com o objetivo de fomentar e incentivar as agremiações. Era uma medida direcionada apenas a essa agremiação. Assim como ocorreram medidas isoladas que incentivaram outros grupos, como o Grêmio Musical Henrique Dias¹⁰ que foi criado por esse prefeito.

O espaço ficou conhecido como o “Barracão do Homem da Meia Noite”, onde os carros alegóricos, que eram uma das principais marcas dos desfiles deste período do Clube, eram produzidos e armazenados. Nessas décadas, o Clube era uma agremiação familiar, a produção das alegorias era coletiva, participantes e amigos auxiliavam na produção do carnaval. O Homem da Meia Noite pedia dinheiro de porta em porta para a

⁹ GASPAR, Lúcia. *O Homem da Meia-Noite*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2011.

¹⁰ O Grêmio Henrique Dias é um centro formador de músicos e tem dado contribuição para as orquestras e bandas que trabalham no Carnaval de Olinda, além das procissões religiosas, eventos e festas. In: Foral informativo da Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda.

manutenção da Clube e os amigos e parentes dos fundadores, participantes e presidente ajudavam como podiam.

Os desfiles aconteciam com belas alegorias, que eram produzidas coletivamente e apresentando um tema central, assim como, acontece ainda hoje. Além disso, a agremiação homenageia personalidades importantes para a cultura pernambucana. Podemos, através das imagens, perceber a criatividade que as alegorias, que marcaram vários anos de desfiles, apresentam:



Figura 3: Desfile com alegorias, anos 1940¹¹.

¹¹ Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.



Figura 4: Desfile com alegorias, anos 1940¹².



Figura 5: Desfile com alegorias, anos 1940¹³.

Podemos perceber que as alegorias, ou carros alegóricos, eram muito criativos e bem trabalhados, dentro de todas as limitações que tinha o Homem da Meia Noite. Elas tinham como missão apresentar, nas ruas, o tema que era escolhido pela diretoria e pelo presidente da agremiação. Os carros eram ricos em detalhes, como podemos perceber

¹² Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.

¹³ Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.

em todas as imagens. Na figura 3, percebemos que as alegorias possuíam ricas fantasias e mais de uma pessoa desfilando. Na figura 4 aparece, na alegoria, um possível tema ou, pelo menos, uma das propostas apresentados pelo Clube: “O sol nasce para todos” e, mais uma vez, ricas fantasias. Na figura 5, a alegoria parece recriar um conflito, em que dois jovens encenam um embate.

Em todas as figuras, temos a presença de pessoas nos carros, o que mostra que eles eram feitos de um material resistente e todos os que desfilavam estavam fantasiados, possivelmente, dentro da temática escolhida e desenvolvida naquele ano. Não conseguimos mais informações sobre estes desfiles, mas as imagens trazem muito o que pensar. As alegorias exigiam trabalho, esforço e um grande investimento financeiro em sua produção, já que, com algumas exceções, não recebiam investimentos nem do poder público nem de empresários ou patrocinadores para sair às ruas, pelo menos, naquele momento. Além disso, necessitavam de um local para a sua produção e mesmo para seu armazenamento depois do carnaval.

Com o barracão erguido, percebemos uma maior atenção reservada à produção das alegorias que são levadas às ruas, uma maior atenção à produção do carnaval. Os elementos que eram apresentados nos desfiles eram produzidos de forma coletiva e artesanal, os participantes e dirigentes com seus familiares e amigos eram os personagens centrais na produção do carnaval, além de compartilharem os custos e a manutenção da agremiação.

A partir dos anos 1970, o barracão passou a receber novos usos. O Clube deixa de desfilarmos com as alegorias. Os altos custos e as grandes dificuldades para produzi-las modificam os desfiles, que voltam a contar apenas com a presença do Calunga¹⁴, como podemos perceber no desfile de 1975, figura 6:

¹⁴ Ver Katarina Real (1990).



Figura 6: Desfile de 1975¹⁵.

Vemos, na figura 6, o Homem da Meia Noite e outros bonecos gigantes, que surgem nesta década, mas as alegorias não mais existem nesse registro. Ainda hoje a questão das alegorias é rodeada por dificuldades. Os carros alegóricos necessitam de um grande investimento o que, para a agremiação, inviabiliza esses desfiles. Em 2012, no ano em que o circo foi homenageado pelo Homem da Meia Noite, ano também dos 80 anos da agremiação, as alegorias acompanharam o desfile. Porém, os gastos e dificuldades foram muitas, fazendo com que, nestes últimos anos, o Calunga saísse sozinho em seu cortejo. Até mesmo o percurso, realizado pela agremiação, dificulta o desfile das alegorias, pois são muitas as ladeiras e as ruas são estreitas.

Na década de 1970, os presidentes, em meio a tantas dificuldades, se desfazem do resto dos materiais que eram utilizados para as alegorias e a sede passa a funcionar como um bar.

Ela [a sede] passou a ser usada como um bar. Com um balcão vermelho no canto. Era um colega, que tinha um revólver prateado, que tomava conta do bar. Ele atendia às pessoas, mas era metido a brabo. O chão era todo crespo, tudo era abandonado. Foi um período em que até presidentes usavam a sede como garagem. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

A manutenção de um espaço desse porte é difícil e onerosa, principalmente quando este espaço não era destinado nem mesmo à moradia. Manter a sede não era uma atividade fácil, o espaço físico já havia sido conseguido, mas a conquista diária de sua manutenção se tornava um ponto de disputas. O bar acabou articulando a

¹⁵ Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.

necessidade de movimentar o local e gerar lucro. Desta maneira, o bar conseguia uma frequência de público e renda. Historicamente espaços como bares, tavernas são bastante recorrentes como espaços que reúnem informações e apresentações da cultura popular¹⁶. Os objetos do Clube ficavam em meio às mesas e cadeiras e qualquer um poderia ter contato com o Gigante e com os elementos utilizados durante o carnaval. Para os clientes, o acesso à imagem do Gigante era uma constante e até mesmo um atrativo. O barracão não possuía divisórias e muitos usavam o espaço, segundo uma das dirigentes do Clube, “para ir ao banheiro” e assim tinham acesso a tudo, vendo “o Homem, o tempo todo” (Márcia, dirigente da agremiação, em conversa). Mesmo que de forma irregular, ou não organizada, esse espaço proporcionava, de alguma maneira, a interação do público com a agremiação.

O espaço da sede servia também de garagem para seus dirigentes. Funcionava assim, de alguma forma, como uma extensão de suas casas. O segundo deslocamento pode ser considerado a saída da casa e o estabelecimento de um espaço próprio, no entanto, percebemos algumas continuidades. Podemos notar que os usos eram coletivos, assim como os sentidos ofertados à sede. Não havia uma homogeneidade de interesses, o que dificultava a organização do espaço e da própria agremiação.

Apesar de ser chamado de “barracão do Homem da Meia Noite”, esse espaço em muito se distingue dos usos dos “barracões das escolas” de samba. De acordo com Maria Laura Viveiro de Castro Cavalcanti (1999), estes são espaços de trabalho coletivo e profissional, onde as alegorias e carros são produzidos, com o carnaval sendo uma constante ao longo do ano. No caso do Homem da Meia Noite, era mais parecido com um galpão em que, nas proximidades do carnaval, os dirigentes se reuniam e produziam as alegorias.

Quando passa a ser um bar, o espaço ganha funcionamento e manutenção. Os elementos da agremiação ficam ao alcance de todos, mas os interesses dos diretores eram muito diversificados. Ainda existem sedes que tanto funcionam como bares, como a do Clube Carnavalesco Misto Vassourinhas de Olinda, assim como, existem sedes que funcionam como barracões, como a do Clube Carnavalesco Tubarão do Pina no Recife, em que as atividades apenas ocorrem nas aproximações do carnaval, porém as fantasias e demais objetos ficam armazenadas em seu interior.

¹⁶ Ver BURKE, 1989.

Improviso ainda é a marca maior das relações apresentadas até aqui. Dentro das relações das agremiações do frevo, percebemos que a existência de uma sede, mesmo que improvisada, já promove um importante deslocamento sobre a preparação da agremiação e do carnaval. A saída da casa dos participantes seguindo para um espaço próprio da agremiação promove mudanças, garante a produção e armazenamento das alegorias e uma breve noção que a agremiação necessita de seriedade e compromisso. Contudo, traz a dificuldade da manutenção desse novo espaço. As relações de improviso continuam, se não mais na mudança de endereços, agora a improvisação permanece nos usos. O espaço físico já existia, o que se fazia necessário, então, era outra forma de olhar para a agremiação.

1.3. A sede social

Até o final dos anos 1980, os usos da sede permaneceram os mesmos, ela continuou funcionando enquanto bar, garagem e espaço para preparação do carnaval. Os objetos da agremiação, como o Calunga, ficavam expostos para que todos que frequentassem aquele espaço pudessem visualizar, “era uma bagunça” (Márcia, dirigente da agremiação em conversa). Muitas fotografias e documentos foram perdidos durante este período. No espaço sem divisórias, tudo poderia ser visto e mexido. Os usos da sede podem ser entendidos como a própria forma de se relacionar com a agremiação. A falta de atenção com o espaço representava a falta de atenção à própria agremiação. Para muitos, a agremiação estava descredibilizada e a condução do Homem da Meia Noite precisava “tomar novos rumos”.

A chegada aos anos 1990 produz um novo impulso à agremiação. Os carnavais começam a atrair públicos maiores e assim necessitam de mais atenções em sua produção. É quando, então, assume a presidência da agremiação Tarcio Botelho, que vai dirigi-la entre 1990 e 2001. Bastante engajado no carnaval de Olinda e já tendo participado e dirigido outras agremiações carnavalescas, ele possibilita novos rumos ao Clube.

Era um Homem determinado e que tinha sua ideologia muito bem formulada, chegou a fazer chacota na cara de prefeita, chegou a desligar câmera de emissora de televisão famosa. Porque ele achava que aquelas emissoras eram responsáveis pelo Brasil estar se tornando capitalista. Ele era um admirador de Leonel Brizola, ele tinha aquele sonho, aquela ideologia e usava isso como arma de vida. Não tinha

duas conversas com ele. Com essa força, com essa coragem, ele resgatou a história do Homem da Meia Noite. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

A forma como ele entendia o papel da mídia e a importância que conferia a um posicionamento político foi levada para a agremiação. A escolha de uma ideologia e posturas políticas refletiram nas posições relacionadas à produção do Clube e a condução de sua sede. Percebia-se, nesse espaço, uma possibilidade a mais para o Clube, começando assim sua reforma. Dá-se início, também, a um importante trabalho de recuperação da história da agremiação.

Então, foi meu pai que começou uma grande obra de estruturação da nossa sede, uma obra que foi feita ano a ano, tijolo a tijolo. Os recursos eram muito escassos. Eu me lembro quando ele me pedia para pagar a conta de água do Clube, para vocês terem uma ideia. E ele começou tijolo a tijolo, cerâmica a cerâmica, fazendo parcerias, arrumando madeira, foi quando ele fez a laje. A laje, quando eu assumi, já existia. Fez várias divisórias no clube, porque ele não gostava que as pessoas vissem o que estava lá dentro, aquele ar de mistério dentro da sede. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

A reestruturação da sede foi uma obra grandiosa, dentro das limitações do grupo. Foi realizada aos poucos, os custos eram muito altos. Várias parcerias foram feitas para transformar a sede. A ajuda de amigos se fez necessária. A preocupação em colocar as divisórias já apresenta uma preocupação com o mistério, uma das principais marcas dessa agremiação que desfila a meia-noite e que Tarcio Botelho tanto fez questão de reforçar. Se começa, dessa forma, a aprofundar também na sede este universo misterioso.

Além desse ar de mistério e de segredos, uma das maiores preocupações de Tarcio Botelho era de transformar a sede em uma “sede social”, um espaço que não apenas servisse à agremiação, mas que pudesse realizar um trabalho social para sua comunidade. A forma como ele percebia as possibilidades do Clube aproximava a cultura popular da “ideia de revolução” (ROCHA, 2009: p. 227), uma ideologia política que, de alguma forma, pudesse intervir na realidade da comunidade e promovesse uma maior interação entre a comunidade e o Homem da Meia Noite.

A agremiação está inserida em uma área com muitos problemas sociais e em que os números de violência são muito altos. Nas áreas baixas do Sítio Histórico, as

comunidades enfrentam diversos problemas estruturais. O Homem da Meia Noite passa a entender que poderia intervir, de alguma maneira, nessa realidade e foi se articulando para produzir um espaço em que estas atividades ocorressem, estabelecendo assim, uma sede social. A juventude era uma das preocupações da sede social, como inserir os jovens em ocupações para, de alguma forma, ajudar na comunidade.



Figura 7: Fachada da sede do Homem da Meia Noite em 1996¹⁷.

Na figura 7, de 1996, conseguimos perceber a simplicidade do local. Podemos perceber ainda as divisões internas da sede, sua fachada está bastante conservada. Além disso, destacamos a presença de um importante patrocinador, que tem seu nome bem abaixo do nome da agremiação. Esta parceria de quase 30 anos foi muito importante na manutenção do Clube.

Tárcio Botelho, durante seu período na presidência do Homem da Meia Noite, deixou um importante legado que foi e ainda é continuado. Apresentamos os pontos de ação ou vontades que, segundo Luís Adolpho, ele tinha para a agremiação. Além da transformação do barracão em uma “sede social”, podemos destacar, também, a importância de

¹⁷ Disponível: <http://www.homemdameianoite.xpg.com.br/galeria.html>. Acessado em: 20 de outubro de 2012.

não perder a tradição do Homem da Meia Noite (...). O outro [ponto] era eternizar definitivamente a História do Homem da Meia Noite, que ele fez em um primeiro documentário do Clube – “60 anos do Homem da Meia Noite: magia e frevo”, pela TV Jornal e o jornalista José Mário Austragésimo e o grande sonho era torná-lo independente financeiramente. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

As preocupações de Tarcio e da agremiação, nesse período, são questões recorrentes nas manifestações populares: a tradição, o registro e a independência financeira. Estas são questões que permeiam as relações dos brincantes nos mais diversos grupos da cultura popular.

A tradição é um elemento presente nas conversas e entrevistas com os participantes da agremiação e mesmo para os que a acompanham. Ela confere aos participantes uma ideia ou noção de pertencimento a um grupo e a um espaço, garantindo legitimidade (VICENTE, 2005: p. 52). A tradição é lembrada diante de muitas práticas que são repetidas no Clube, às vezes são até recriadas, mas sempre se remetendo a práticas anteriores. Essas tradições nem sempre são reveladas, o que aumenta a atmosfera de mistério que recobre a agremiação e sua sede. São elas também que alguns dirigentes afirmam como um dos elementos de continuidade da agremiação. É um tema recorrente nas demais manifestações populares, se apresentando tanto na estética destes grupos como em suas práticas (MENEZES NETO, 2009). Muitos dirigentes defendem que talvez sem a tradição, edificada ao longo dos mais de 80 anos, possivelmente o Clube não existisse mais, pois são essas práticas que conseguem manter a integridade do mesmo.

Porém, as mudanças advindas, mesmo que pelo passar dos anos, são inevitáveis e as negociações se fazem necessárias. Em 2014, a agremiação, por exemplo, modificou o percurso de seu desfile deixando de desfilar nas partes baixas do Sítio Histórico de Olinda, contudo, não deixaram de desfilar no Largo do Amparo, esse local que é lembrado como tradicional e mágico “da cidade histórica de Olinda, por onde desfilam todas as agremiações, realizam-se os maiores comícios e passam os enterros para os cemitérios de São João” (BONALD NETO, 1992: p. 153) e continuaram o cortejo nas partes consideradas altas do Sítio Histórico.

Os diálogos e as negociações acontecem no deslocamento do espaço, segundo o presidente do Clube, Luiz Adolpho, “quando se faz necessário, o percurso do desfile

muda” (outubro de 2012). O desfile da agremiação é acompanhado, principalmente na parte baixa do Sítio Histórico, por muitas brigas e cenas de violência. Devido a isso, o cortejo já mudou, tendo seu caminho diminuído. Por exigência do poder público e, inclusive, da polícia militar. No entanto, essa negociação, ainda segundo o presidente, leva em consideração a tradição do Clube e, dessa forma, foi definido entre continuidades e rupturas. Percebemos que a tradição é lembrada e utilizada diante de variadas situações vivenciadas pela agremiação.

Além da tradição, o registro da História do Clube foi outra das preocupações de Tércio Botelho. Assim, se produziu um documentário relatando os 60 anos de história da agremiação. A questão da tradição também perpassa esse registro, já que existia a preocupação de não se perder as marcas e elementos principais da agremiação. Percebemos essa inquietação também com os folcloristas que, em seu fazer, se preocupavam, como afirma Magnani, em “descobrir festas, lendas, folguedos e objetos de antigo uso; descrever e registrar a indumentária, os gestos e instrumentos neles utilizados; perseverar sua ‘autenticidade’ e denunciar as ‘deturpações’ a que estão expostos” (1982: p. 23). Assim, para Tércio, o registro poderia garantir a continuidade do Clube, pois assim a tradição continuaria e seria lembrada.

A questão da independência financeira da agremiação, outra preocupação não apenas de Tércio, mas que aparece na agremiação desde a aquisição do barracão e da produção das alegorias, era um grande desafio para a época e ainda hoje é para os brincantes da cultura popular. A conquista da autonomia financeira sinalizava mudanças nas práticas relacionadas à agremiação e um compromisso muito maior por parte dos dirigentes e participantes da mesma. Ela aproxima, por exemplo, as agremiações dos patrocinadores, apenas os participantes, amigos e vizinho já não mais conseguem, como antes, manter a agremiação, é preciso angariar apoios de empresas diversas para garantir a continuidade dos desfiles.

Os anos 1990, portanto, trouxeram muitas conquistas para o Homem da Meia Noite. A sede é reformada, o Gigante aumenta em número de espectadores e começa a vivenciar os grandes carnavais de multidões. Novas preocupações rodeiam a agremiação que, através de sua sede social, percebia a necessidade de intervir diante dos problemas da comunidade. Para isso, a agremiação tinha a necessidade de continuidade, de estabelecer laços de pertencimento, e a tradição pode ter funcionado como um

importante elo nesse sentido. O registro, o cuidado com a História e a busca pela autonomia financeira se acrescentam às preocupações do período. Ainda são questões constantes nos fazeres dessa agremiação e de outras manifestações populares, mas que impulsionaram novas atividades e usos à sede.

Mais uma vez, esse espaço vivencia um deslocamento, agora não mais físico ou espacial, mas uma mudança de percepção com relação a seu uso, norteadas pelas questões sociais. O barracão começa a se preocupar a não apenas abrir as portas a sua comunidade, mas interferir nela de alguma forma. Não basta apenas ter uma sede, é preciso edificar uma sede social. A reforma é iniciada com Tércio Botelho, mas a consolidação só é concretizada nos anos 2000, com a presidência de Luís Adolpho, filho de Tércio, quando a sede passará por mais um deslocamento para se tornar a sede de um patrimônio.

1.4. Sede de um patrimônio

A sede continuou passando por mudanças. Com a saída de Tércio Botelho da Diretoria, assume, então, o seu filho Luís Adolpho, que segue como atual presidente do Clube. Ele e sua família, juntamente com alguns diretores, garantem a manutenção da sede e da agremiação. Suas medidas preveem a continuidade das realizações de seu pai, “ele queria ver aquela sede como ela está hoje e ele não viu, mas era um grande sonho dele e quando eu entrei lá, eu entrei para realizar os sonhos dele”. A sede foi um dos principais objetivos de Adolpho e muitas reformas foram feitas nela para tornar isso possível.

Eu que tirei as divisórias novamente, mas aí já foi uma coisa mais organizada com arquiteto e engenheiro que me orientaram que é uma área muito pequena e deveria ficar mais ampla, com visual para todo mundo ver, que desse a impressão que a sede fosse gigantesca e as divisórias quebravam muito isso. Quando eu assumi o Clube, claro que, na frente, a cerâmica era uma cor, do outro lado, era outra cerâmica, porque as dificuldades eram muito grandes (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

Todas estas mudanças e reformas tornaram a sede no que nós podemos visualizar atualmente. A sede, nesses últimos 12 anos, passou por três grandes reformas. “A sede está muito arrumada, boa, bem organizada” afirmou, em uma conversa, seu Pedro Garrido, atual carregador oficial do Homem da Meia Noite. O carregador é um dos membros da agremiação que dá vida ao boneco, que é responsável pela condução

do Calunga pelas ladeiras de Olinda e para onde o Gigante for chamado, quando o Calunga não vai, sua réplica é quem atende ao chamado. Seu Pedro, assim como outros participantes, afirma que hoje a sede está bem estruturada, o espaço tem diferentes ambientes e é climatizado. A organização é uma preocupação constante, assim como os vários convites dos diretores para que as pessoas conheçam esse espaço.

A sede, depois das reformas, possui uma fachada já bastante representativa, o tema da agremiação, escolhido para o ano corrente, vem pintado logo à frente. Destoando dos demais casarios do Bonsucesso, apenas ao passar pela rua, a sede já se destaca em meio às demais construções. Como podemos observar na figura 8, que apresenta o tema do ano de 2014, “Gigantes do Brasil: Carnaval e Futebol”, tema que integra duas paixões brasileiras e conecta o Gigante ao grande acontecimento do ano corrente, a Copa do Mundo.



Figura 8: Fachada da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

Além da fachada, podemos perceber, na figura, que o sobrado é pequeno e estreito, como as demais residências desta rua. Vemos o nome da agremiação e, diferente da imagem da década de 1990 (figura 7), o nome de um dos patrocinadores não está mais estampado na frente da sede, em seu lugar, consta o registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco, que a agremiação recebeu em dezembro de 2006.

Ainda podemos perceber, na fachada, que há, nos dois lados que envolvem o texto, luvas, uma cartola e uma bengala, instrumentos que poderiam fazer menção à vestimenta da época em que a agremiação foi criada nos anos 1930. As cores da agremiação são o verde e o branco, como anuncia seu Hino, que fora escolhido pelos fundadores, os atuais diretores afirmam ter sido uma escolha aleatória pela preferência de algum dos fundadores. Existem três versões que explicam a inspiração para a imagem do Calunga, ligadas ao contexto de Olinda nos primeiros anos do século XX.

A primeira versão afirma que a inspiração viria do cinema. O boneco seria a imagem de um detetive que, à meia-noite, saía de dentro de um relógio de parede, baseado “num seriado policial que passava no Cine Olinda” (BONALD Neto, 1992: p. 105). Nesta versão, a cidade já encontrava os sopros da modernidade. No Recife e em Olinda, a produção de filmes e o costume de ir ao cinema eram populares, vários bairros, possuíam cinemas. O que infelizmente a oralidade parece não ter guardado foi o nome do herói ou do seriado.

A segunda versão, também tomando por base o cinema, afirma que o Homem da Meia Noite utiliza a imagem vista na grande tela. Nesta versão, conta-se que Luciano Anacleto de Queiroz, um dos fundadores do Clube, “foi ao cinema assistir a um filme “O ladrão da meia-noite”. Era a história de um ladrão de classe que saía de um relógio sempre à meia-noite, cada dia de um lugar diferente, causando pânico na cidade”¹⁸. A inspiração também vem do cinema, só que agora não representa um super-herói, mas sim um ladrão que saíria de um relógio à meia-noite.

A terceira versão retrata a história de outro fundador, o marceneiro Benedito Bernardino, autor oficial do Hino do Homem da Meia Noite, que junto com dois amigos de profissão da comunidade do Bonsucesso deu vida ao Calunga. “Benedito começou a observar que um homem forte, alto e elegante trajando sempre cores verdes e branca com chapéu preto, com um dente de ouro o cumprimentava com um aceno e um belo sorriso”¹⁹. Seguindo este homem, percebeu “que o homem era um apreciador das belas mulheres, pulava escondido as janelas das donzelas da cidade para namorar”²⁰. Nessa versão, nem ladrão, nem herói, teríamos a imagem de um “Dom Juan”. Segundo Ataíde

¹⁸ *História do Homem da Meia Noite*. Disponível em: <<http://www.homemdameianoite.xp.com.br/historia>> Acessado em 23 de novembro de 2011.

¹⁹ *História do Homem da Meia Noite*. Disponível em: <<http://www.homemdameianoite.xp.com.br/historia>> Acessado em 23 de novembro de 2011..

²⁰ *Idem*.

o Gigante “têm a aparência do seu construtor Benedito” (ATAÍDE, 1982: p. 97). Então, podemos pensar que as três representações revelam muito das situações vivenciadas em Olinda no início do século. Representar um herói, um ladrão ou um galã emite sentidos próximos e que se aproximam à figura de um elemento muito comum para a sociedade brasileira, o malandro, o profissional do “jeitinho”. É o malandro “o concretizador da boemia e o sujeito especial da boa vida. Aquela existência que permite desejar o máximo do prazer e bem-estar, com um mínimo de trabalho e esforço” (DAMATTA, 1986: p. 86-87), e que se insere num período de turbulências, que as transformações do início do século XX trouxeram às cidades.

Os objetos como bengala, luva e cartola podem estar relacionados a essas histórias de sua fundação, mas também podem ser indicativos de outro elemento que está presente tanto na agremiação como na sede: o mistério. Os instrumentos apresentados também se parecem com os que um mágico pode utilizar. A agremiação é lembrada por seus participantes e pelo público que a acompanha pelas coincidências e pelo misticismo que a envolve. Sua fundação, por exemplo, ocorreu no dia de Iemanjá, sua sede está localizada na frente da Igreja do Rosário dos Homens Pretos de Olinda e seu desfile sai à meia-noite. Além de vários fatos que são associados ao Calunga, como podemos perceber no relato de Dona Olivia Gonçalves Lira, moradora de Olinda, que afirma, “para evitar a violência que sempre marca a saída do Homem da Meia Noite, só há uma solução, botar coisa pra ele logo após sua saída da sede...” (APUD, BONALD Neto, 1992: p. 99). A moradora acredita que se devia colocar sangue animal em oferenda ao Homem da Meia Noite para que esse evitasse derramamento de sangue humano. Histórias como essas envolvem a agremiação que alguns afirmam ser do candomblé ou tendo um lado diabólico.

A fachada já chama a atenção para todos esses detalhes. Ao entrarmos na sede, verificamos que muitas mudanças já haviam ocorrido se comparadas à descrição feita pelo pesquisador Sandroni (2013) que, na Revista Observatório Itaú Cultural, relatou o que encontrou no ambiente, desde o térreo, com as fotografias, com os registros dos fundadores e presidentes, além da presença de uma loja de souvenir, até o segundo ambiente, onde são projetados vídeos sobre o carnaval e o gigante.

Encontramos na sede três ambientes, cada qual com elementos diferentes e finalidades diversas. Ao adentrarmos o portão, percebemos imediatamente um quadro

com o nome de todos os presidentes e fundadores da agremiação. Esses nomes ainda aparecem em outros espaços, os dirigentes como Márcia Botelho afirmam que é preciso reconhecer o trabalho dos que tanto fizeram pela agremiação, são nomes que não podem ser esquecidos, precisando estar sendo sempre lembrados.



Figura 9: Quadro com o nome dos fundadores e presidentes do Clube, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

Este primeiro ambiente, o térreo, é cheio de fotografias que lembram acontecimentos marcantes da agremiação. Também encontramos um quadro com os ganhadores do prêmio Gigante Cultural, prêmio em que são escolhidos personagens importantes para Pernambuco e para a agremiação para serem homenageados. A premiação ocorre no início do ano e, geralmente, anuncia alguns dos que podem ser homenageados pelos desfiles da agremiação. Obras em que o Gigante é homenageado também fazem parte desse primeiro ambiente.



Figura 10: Quadro com os nomes dos vencedores do Gigante Cultural, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

Nesse ambiente, temos um pequeno bar. Diferente do antigo bar, esse tem seu funcionamento mais ocasional, funcionando em dias específicos, recebendo os amigos e participantes da agremiação, como pudemos perceber durante, por exemplo, o aniversário da agremiação, no dia 2 de fevereiro.



Figura 11: Loja do Calunga, térreo da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

Temos, nesse piso, uma pequena lojinha onde se podem encontrar suvenires do Homem da Meia Noite, livros que falam dos Bonecos Gigantes, selos comemorativos homenageando a agremiação e as camisas produzidas pelo Clube sobre os temas apresentados pelo Gigante no ano corrente. A venda desses produtos auxilia na manutenção da agremiação e da sede. Este piso é um pouco mais funcional, também é o mais visitado. Em todos os dias de visita à sede, esse ambiente estava sempre recebendo visitas de vizinhos ou de amigos, mesmo que para uma rápida conversa.

Subindo a escada, seguimos para o “museu”, termo utilizado pelos dirigentes para denominar a área onde encontramos belas produções expostas, as roupas que o Gigante usou em carnavais passados. Nesse espaço, temos a possibilidade de observar as vestimentas em seus detalhes, ou ainda de olhar aquilo que não foi experimentado, o que não pode ser visto ou sentido durante o desfile de carnaval. O que fica exposto na sede é escolhido pela diretoria da agremiação na intenção de valorizar a história e a tradição do Clube, seguindo, o que os nativos chamam de “instinto”. O critério para a seleção segue a ideia do que é importante para agremiação e não deve ser esquecido. Poderíamos perceber, nesse espaço, que existe a relação visível/invisível como uma oposição universal a ser mediada pelas coleções (POMIAN *Apud* GONÇALVES, 2007: p. 46), em que as experiências que não foram sentidas pelos que visitam, possam ser imaginadas. Podemos também acrescentar que as coleções podem deslocar sua análise para o “olhar” (GONÇALVES, 2007: p. 52) enquanto uma categoria histórica e culturalmente determinada, e como as roupas do Gigante podem ser vistas, não apenas como um elemento funcional, mas como um trabalho artístico que representa a produção de um grupo. Dessa forma, pode se tornar possível a busca por um olhar mais atento aos detalhes que passam despercebidos em um primeiro momento. As roupas possuem vários detalhes que só uma visita demorada e cautelosa pode perceber.



Figura 12: “Museu” do Homem da Meia Noite, primeiro andar da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

As roupas chamam atenção pelo tamanho e pela riqueza de detalhes, cada obra é uma verdadeira produção artística. São expostas seis peças, porém ainda existe a dificuldade de guardar as demais, já que o espaço da sede não comporta tudo. Essas vestimentas eram produzidas pelo Alfaiate oficial do Homem da Meia Noite, o Senhor Brasil. Porém, desde sua morte, em 2012, artistas plásticos de Olinda são convidados para confeccionar as peças. Em 2014, a escolhida para esse grande feito foi Tereza da Costa Rego, artista plástica de Olinda, uma apaixonada pela agremiação, considerada “a namorada do gigante”, até mesmo um jantar ela promove para esperar o desfile do Homem da Meia Noite.



Figura 13: Primeiro andar da sede, em fevereiro de 2014. Acervo pessoal.

Por entre as roupas, encontramos uma réplica do Homem da Meia Noite, além da chave e do relógio da cidade marcando meia-noite, objetos que o Gigante leva às ruas no dia de seu desfile. Nesse andar ainda encontramos um espaço para exibição de vídeos sobre os bonecos gigantes e sobre o Homem da Meia Noite. Há também uma sala de estudo que está sempre recebendo materiais e informações sobre o Gigante. A sede recebe a visita de escolas, quando é feita a exibição destes vídeos. Assim, os alunos de muitas escolas podem conhecer um pouco mais da história de Olinda e dos gigantes que saem pelo carnaval. Esses usos educativos também conferem a essa área a denominação de museu pelos nativos.



Figura 14: Segundo andar da sede. Acervo pessoal.

Subindo a escada novamente, no segundo andar, vamos para a sala de reuniões em que, mais uma vez, encontramos uma homenagem a um dos fundadores da agremiação, esta sala chama-se Benedito Bernardino da Silva. Nesse espaço, encontramos os objetos que lembram as muitas honrarias e prêmios obtidos pelo Gigante. Como, por exemplo, a comenda Guararapes, a maior honraria ofertada pelo Estado de Pernambuco. Dessa forma, são lembradas as muitas ocasiões e agremiações que estão conectadas ao Homem da Meia Noite.

Nesse ambiente, podemos ter uma vista privilegiada da rua do Bonsucesso, um lugar bastante desejado na noite do desfile. É nesse andar que funcionava o projeto “Gigante Cidadão”, um Ponto de Cultura²¹ em que a sede funcionava como “uma

²¹ Os Pontos de Cultura surgiram como estímulo às iniciativas culturais já existentes da sociedade civil, por meio da realização de convênios celebrados após a realização de chamada pública. Estes convênios se

instituição que presta grandes serviços à comunidade em geral”²². Enquanto Ponto de Cultura, o Homem da Meia Noite desenvolveu “seu projeto social”²³. Eram ministradas aulas de cidadania, dança popular, artes, teatro, música, oficina de carnaval e áudio e vídeo. “O projeto é aberto a toda comunidade e o valor deste trabalho é reconhecido por todos aqueles que o conhecem”²⁴.

O local em que o Calunga é guardado não é revelado, o que vemos na sede é uma de suas réplicas, a mesma que sai nas apresentações que ocorrem ao longo do ano, porém o Gigante “original” permanece escondido entre os segredos da sede.

Nesse trabalho, destinado a crianças e jovens, a agremiação se volta para a comunidade, se aproximando dela, fazendo-se parte e produtora da mesma. Funcionando, de fato, como uma sede social, foi a consolidação, portanto, da ideia começada ainda na década de 1990. Servindo e intervindo em sua comunidade, com este projeto, o Gigante se popularizou e passou a fazer parte das práticas cotidianas dos moradores de Olinda, não apenas saindo no carnaval, mas participando, por todo ano, da vida olindense.

A sede, atualmente, não mais funciona como Ponto de Cultura, porém ainda tem projetos em planejamento para continuar atuando na comunidade. Para muitos dos participantes e dirigentes, a sede é um dos aspectos que tornou possível, devido as suas atividades, o registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco. Sendo essa a única agremiação ligada ao frevo que recebeu o registro (AMORIM, 2010). O registro foi recebido em 2006, ano em que o projeto foi aplicado. Em relação ao recebimento do registro, o presidente da agremiação afirmou o seguinte:

Quando eu perguntei a um dos componentes da comissão [FUNDARPE], ele olhou pra mim e respondeu: o Homem da Meia Noite teve esse reconhecimento pelos relevantes trabalhos sociais que vocês realizam. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista)

firmam entre entidades culturais e governamentais, recebendo verbas tanto de governos estaduais como do ministério da cultura. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/ponto-de-cultura/> acessado em 15 de novembro de 2012.

²² Disponível em: <<http://www.homemdameianoite.xp.com.br/gigante.html>> Acessado em: 13 de novembro de 2012.

²³ *Idem*. Ibidem.

²⁴ *Idem*. Ibidem.

Devido ao recebimento do registro e a estas palavras, os trabalhos de intervenção na comunidade e promoção da cidadania são levados muito a sério pelos participantes. Sendo assim, há uma grande preocupação em manter e continuar com esse tipo de atividades.

Dessa forma, o recebimento do registro, para alguns dirigentes, se deveu ao projeto “Gigante Cidadão” que era realizado na sede. O que também justificaria, para o presidente da agremiação, o fato de nenhuma outra agremiação relacionada ao frevo ter ganhado o registro. Sendo assim, para os participantes, outros projetos devem ocorrer, como a formação de passistas de frevo para agremiação, que atualmente contrata essas pessoas. Para os dirigentes, esses projetos devem continuar pela importância que conferem à sede e à agremiação, além de garantir a manutenção do registro de patrimônio que prevê a transmissão dos conhecimentos como uma das atividades que os ganhadores do registro devem promover, garantindo a continuidade das práticas da agremiação.

1.4.1. *Estratégias de manutenção*

A manutenção financeira passa por diversas atividades. Fantasias, camisas, orquestra e passistas acabam entrando no orçamento do grupo. Percebemos, ao longo do texto, que o Clube de Alegorias e Críticas Homem da Meia Noite passou por diferentes situações e as formas de garantir a manutenção da agremiação também mudaram com o tempo.

Em 2006, a agremiação passou a receber um importante incentivo, o registro de Patrimônio Vivo que, valorizando as atividades desenvolvidas pelo grupo, vai auxiliar na manutenção da agremiação. Os Patrimônios Vivos recebem atualmente, na categoria de grupos, uma bolsa de R\$ 2.161,22 para auxiliar a sua continuidade, garantindo a transmissão dos conhecimentos do grupo e sua participação nas demandas culturais. Esse valor, segundo os participantes, pode servir, entre outras coisas, para o Homem da Meia Noite manter a sua sede. O dinheiro, portanto, auxilia na manutenção desse espaço.

O orçamento do desfile, segundo o seu presidente, gira em torno de 50 mil reais. Este valor garante um desfile com fantasias e camisas usadas pela diretoria e alguns

participantes que se relacionam com o tema do ano, ele também financia os passistas, que a agremiação não possui, bem como a orquestra e os vigilantes particulares que constituem o desfile. Esse saldo poderia ser, em parte, garantido pelo registro de patrimônio, que somado, em um ano, chegaria à metade do valor do desfile. Porém, a agremiação prefere, com esta remuneração, financiar a sua sede. As demais atividades, patrocínios e verbas destinadas pela prefeitura de Olinda garantem a realização do desfile.

Essas atividades ocorrem por todo o ano. A coletiva de imprensa é a primeira das atividades, ela anuncia, logo no início do ano, o tema, os homenageados, as novidades e os patrocinadores da agremiação. O evento chama atenção de diferentes veículos de informações, atinge um grande público e sinaliza que o carnaval já está chegando. Esse evento ocorre na sede, mas, já ocorreu em um restaurante do Sítio Histórico, que apoia o desfile. O calunga não comparece a esse evento, mas uma réplica, que foi produzida ainda durante o período da diretoria de Tércio Botelho, por Silvio Botelho²⁵, anima à coletiva e chama a atenção das várias pessoas que passam pelo local.

Patrocínios e apoios são muito importantes para a continuidade dos desfiles, na coletiva de imprensa são apresentados através de um *banner* os patrocinadores que financiam a agremiação. Porém, segundo os dirigentes, são relações difíceis de serem conseguidas e continuadas.

²⁵ Considerado o pai dos bonecos gigantes do carnaval de Olinda, o artesão Silvio Romero Botelho de Almeida, autodidata, desde cedo começou a trabalhar com esculturas em madeira, gesso e barro, influenciado pelos ceramistas de Caruaru, principalmente pelo Mestre Vitalino. Foi o idealizador do Encontro de Bonecos Gigantes de Olinda e realizou várias restaurações no Homem da Meia Noite. Ver GASPAR, Lúcia. *Silvio Botelho e seus bonecos gigantes*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de abril de 2015.



Figura 15: Banner com os patrocinadores e apoiadores do desfile do Homem da Meia Noite em 2014. Acervo pessoal.

Outra atividade que agita a agremiação é o prêmio Gigante Cultural, uma premiação em que o Clube homenageia personalidades importantes para a cultura pernambucana. É um dos eventos promovidos pelo Clube e que proporciona além da divulgação e promoção da agremiação, a sua manutenção. É uma das estratégias que possibilita ao Clube atingir um público diferente daquele que o segue nas ladeiras de Olinda, necessitando de outros atrativos. O registro dos ganhadores desse prêmio fica logo depois da entrada na sede. As fotografias ficam expostas por todo ano, entorno de 20 personalidades da cultura pernambucana já receberam. Os vencedores desse evento levam para casa uma estatueta de madeira do Homem da Meia Noite.

Eu não tenho como fazer um evento como este aberto. Tem que ser fechado. (...) Temos que fazer eventos com pessoas de ponta, isso traz retorno para o Homem da Meia Noite. Não é só isso, é o reconhecimento das pessoas. (Luís Adolpho em Entrevista)

A premiação é fechada, sendo assim, restringe a participação do grande público que vai às ruas, porém atinge setores diferentes, homenageados e patrocinadores aproveitam o Homem da Meia Noite nesta ocasião. É uma festa para os patrocinadores e uma possibilidade de se conseguir divisas.

O aniversário aproxima os amigos, participantes e presidentes. Uma das coincidências que chamam a atenção para o Homem da Meia Noite é o fato dele ter nascido no dia 02 de fevereiro, dia de Iemanjá. A data aumenta o universo de mistérios

que envolvem a agremiação, pois essa coincidência aumenta as interpretações que alguns têm acerca da aproximação dessa agremiação com os cultos de matriz afro-brasileira, os participantes não afirmam e muito menos negam essas aproximações, o universo das coincidências e do mistério parece sempre se perpetuar. Essa coincidência, assim como outras, não passa despercebida pelos seus participantes. É sempre lembrada e comemorada. A sede é o espaço da reunião de amigos e simpatizantes para comemoração de uma data tão importante. Muitos chegavam à sede, no dia 02 de fevereiro, pois já sabiam que esse é o dia do aniversário da agremiação.

Na semana que antecede ao carnaval, o maior uso da sede é provavelmente para a comercialização das camisas, uma vez que o desfile depende de acordos e terceiros como, por exemplo, com patrocinadores, que não necessariamente perpassam pela sede. Além disso, a comercialização das camisas auxilia na manutenção da agremiação e da sede.

Depois do carnaval a sede passa por um período de recesso, nesse ano foi de março a abril. Quando reabre, agora tem novas preocupações e possibilidades. Abre para visitação. O público pode ter acesso às várias fotografias e prêmios expostos, além de, no primeiro andar, poder encontrar as roupas utilizadas pelo Gigante em outros carnavais. O primeiro vídeo documentário realizado sobre o Gigante é apresentado. A visita ao primeiro andar é guiada e é cobrado o valor de R\$5,00 para ser realizada. Além disso, a loja do Calunga também vende livros, selos, camisas e souvenir do Homem da Meia Noite. Duas diretoras são responsáveis pelas atividades da sede. Uma delas, a senhora Marcia, é a responsável pelas atividades pedagógicas da sede, ela é quem guia as visitas.

A função pedagógica é ressaltada nessa atividade, porém as visitas não são muitas. Ocorrendo geralmente antes do carnaval e no mês de março, devido às comemorações pelo aniversário de Olinda. Alguns turistas também procuram o local, porém a distância, e mesmo a falta de informações sobre a sede, afasta a possibilidade de mais visitas.

O Homem da Meia Noite também ocupou o espaço virtual, uma página na *Wikipédia*, um site oficial e um perfil na rede social *facebook*, além de links em outros sites garantem à agremiação a presença no mundo virtual. A interação com o público parece que fica garantida principalmente pelo perfil no *facebook*.

Através deste perfil são divulgadas as informações sobre o que a agremiação está realizando, as atividades da sede, a contagem regressiva para o carnaval e os avisos sobre as apresentações do Gigante. São muitas as curtidas, comentários e compartilhamentos a partir de novas postagens. Opiniões e questões aparecem, desde reivindicação de cartazes e da visita da agremiação na rua durante o desfile, a comentários sobre o desfile, a camisa e demais acontecimentos que envolvem a agremiação. O perfil do *facebook* pode funcionar como uma continuidade da sede, pois a representa bem como à agremiação, pode funcionar como uma estratégia de levar a sede para a casa dos que a seguem. Essa conexão do Clube com as redes sociais garantem uma visibilidade ainda maior da agremiação. O perfil articula as informações, portanto, é um importante canal de divulgação, convidando os que acompanham a agremiação expondo as opiniões e servindo como um espaço de diálogo. Aproximando ainda o público dos participantes.

Percebemos, ao longo desse capítulo, que a sede do Homem da Meia Noite atravessou uma trajetória de mudanças físicas, estruturais e de uso. A agremiação que somente precisava de um local para sair, passa a se organizar nas casas dos participantes até conseguir o seu barracão próprio. A estrutura desse barracão, assim como seus usos, se modifica, principalmente, dos anos 1970 em diante, conseguindo e enfrentado diversas questões.

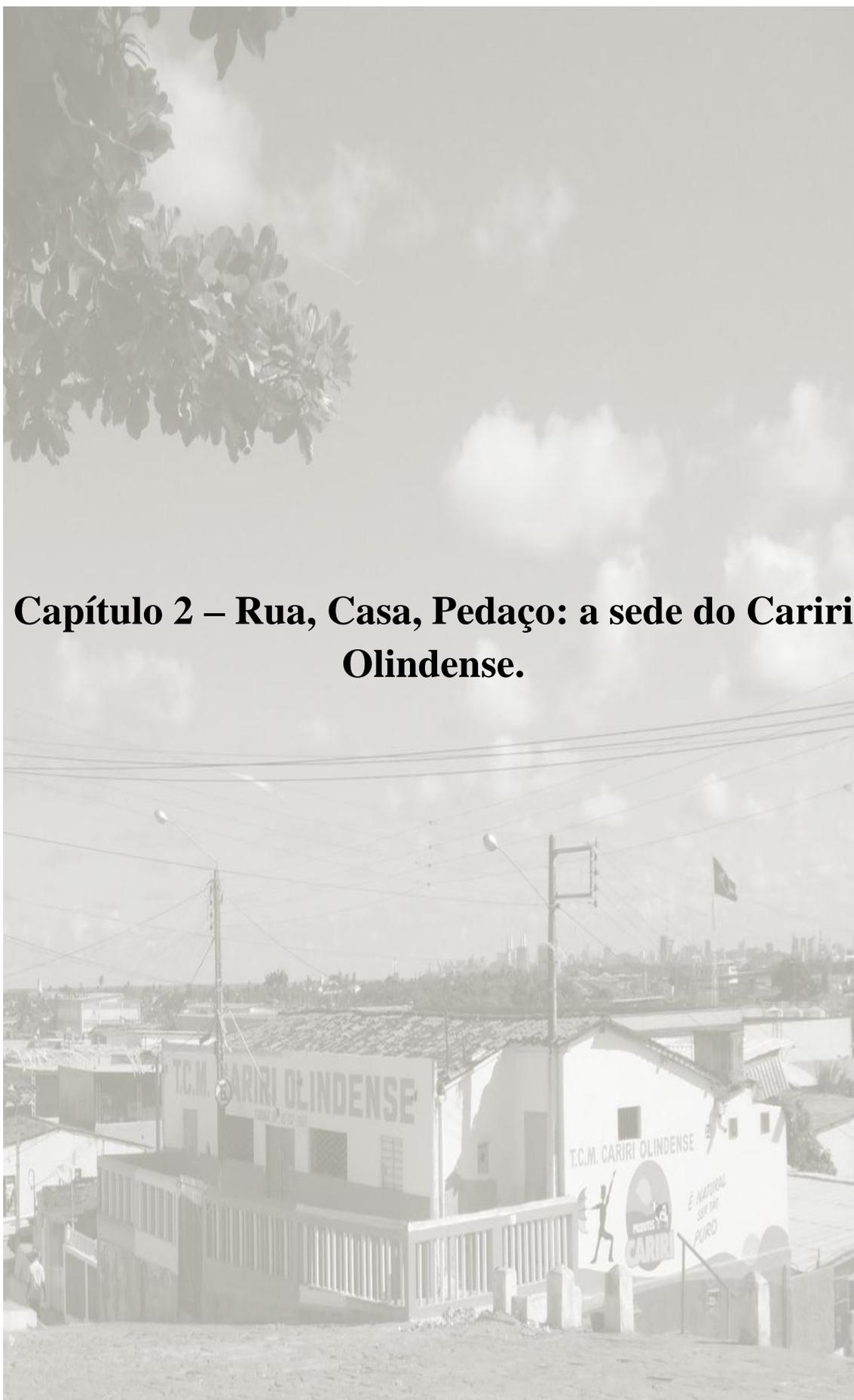
A manutenção de um espaço próprio é onerosa e, para ocorrer, utilizou de diferentes estratégias e atividades ao longo do tempo. As agremiações e suas sedes precisam obedecer às relações de um mercado que pode atender a um público que vai ou não às ruas para acompanhar os desfiles de carnaval e, além disso, pode ou não ser de Olinda.

Ao observamos a sede hoje, ela parece que guarda, em seu interior, um pouco de toda essa trajetória, pois lá os espaços estão homenageando os fundadores e presidentes, há várias fotografias, prêmios, homenagens e demais elementos que fazem lembrar os grandes carnavais e não faz esquecer a importância que é a continuidade da agremiação. A presença de um bar também traz as lembranças do antigo bar que funcionava no

barracão, porém com outro formato e destinado a um público mais seletivo, os amigos e as pessoas que acompanham a agremiação.

A sede do Homem da Meia Noite é um local “que se respira história”, assim afirma o seu presidente. É nesse sentido que atuam os dirigentes, o local tem se modelado para guardar a história da agremiação e, para os participantes, é a história juntamente com a tradição que podem garantir a continuidade da mesma. No discurso de alguns dirigentes, eles até entendem que tradição e História são sinônimos, sabemos que são categorias e dimensões diferentes, mas ambas estão presentes nas práticas da agremiação e são refletidas e percebidas na sede. A transmissão dessa história é um ponto que deve ocorrer e é desta forma que eles organizam o espaço conhecido como Museu. A visitação dessa área apresenta informações sobre Olinda e sobre o Clube e é a parte mais enfática para os nativos. Portanto, é preciso transmitir a história do Gigante para que essa agremiação não deixe de existir e é a sede o local que garante essa transmissão.

Capítulo 2 – Rua, Casa, Peçaço: a sede do Cariri Olindense.



A sede de uma agremiação recebe uma atenção especial pelos participantes e por quem acompanha os seus desfiles. As atividades realizadas em seu local estão relacionadas com o carnaval e acontecem por todo o ano. As sedes são edificações “não representativas no sentido arquitetônico, contudo, carregam uma dimensão simbólica que contribui para a formação e manutenção do bem” (LÉLIS, 2011: p. 30). Ou seja, as sedes não apresentam, do ponto de vista de sua arquitetura, grande destaque. A sua importância é conferida pelos sentidos que são ofertados pelos seus visitantes e por aqueles que fazem as agremiações.

Percebemos que, apesar de existirem preocupações com as sedes do Homem da Meia Noite e de Cariri, sentidas pelas muitas reformas nas quais estas edificações passaram, sua estrutura, em termos arquitetônicos, não tem a representatividade mais importante. Os usos desses lugares são os que dão sentido aos mesmos, garantido a manutenção e a continuidade da agremiação e do frevo.

A construção das sedes são conquistas para as várias agremiações, espaços de disputa, e sua manutenção ocorre à base de várias negociações. Lembrando de Certeau (2000: p. 202), “o espaço é um lugar praticado”, dessa forma, são as práticas que dão sentido e tornam possíveis o preenchimento dos espaços por uma dimensão simbólica. As práticas tornam as sedes vivas, dinamizando os usos e interagindo com participantes e os que acompanham a agremiação. Além das atividades carnavalescas, eventos promovidos ao longo do ano possibilitam as interações da comunidade com as sedes.

Em nossa pesquisa etnográfica, acompanhamos as atividades da sede da Troça Carnavalesca Mista O Cariri Olindense. As troças, segundo Katarina Real, são “clubes de frevo de dia”, que saem de manhã cedo e brincam até o meio-dia (1990: p. 25). São agremiações carnavalescas que geralmente se apresentam durante o dia, nas ruas dos subúrbios e/ou no centro do Recife e também nas ladeiras de Olinda. Essas agremiações são marcadas pelo improviso, descontração e irreverência²⁶. As troças

São conhecidas também como levanta poeira, uma vez que saem arrastando um grande número de foliões por onde passam. Formadas com a intenção de brincar e zombar com os mais diversos temas

²⁶ Sobre troça ver REAL (1990); LÉLIS (2011); LIMA (2001).

possuem muita criatividade e nomes irreverentes, que provocam o riso e o divertimento²⁷.

As troças arrastam multidões para Olinda. O desfile de Cariri apresenta um grande público, principalmente por ocorre às 4 horas da manhã do domingo de Carnaval. A palavra “Mista”, presente no nome da troça, significa que dela podem participar tanto homens quanto mulheres. Como essas agremiações surgiram ainda no final do século XIX e início do XX, tanto no Recife como em Olinda, nesse período, temos diferentes papéis sociais assumidos por homens e mulheres e, muitas vezes, as mulheres não podiam participar. Por ser uma agremiação mista, portanto, os dois gêneros podem participar e dirigir a agremiação, o que não poderia acontecer antes.

A sede do Cariri está localizada na Praça Conselheiro Miguel Canuto, no Guadalupe, também no Sítio Histórico Olindense. É o ponto de concentração para o desfile e é o espaço onde o Cariri se encontra com o Homem da Meia Noite, abrindo “oficialmente” os festejos carnavalescos em Olinda.

Na pesquisa etnográfica realizada na agremiação, entre os meses de outubro e novembro de 2014, percebemos que a sede representa muito para os seus participantes, as experiências e as vivências preenchem este lugar de sentido. Neste capítulo, então, analisaremos a Sede do Cariri Olindense. Buscaremos entender, com isso, as relações estabelecidas entre os participantes com esta sede, conhecer a estrutura tanto da Troça como da sede e as estratégias que são utilizadas para garantir a manutenção desse lugar.

O capítulo foi organizado em cinco seções que vão apresentar as três gerações consideradas pelos atuais dirigentes no que tange à trajetória do Cariri. A família dos Canuto está presente, na direção da agremiação, desde a fundação da Troça. Dessa forma, os nativos consideram que as diferentes fases da agremiação podem ser apresentadas de acordo com a geração de Canuto a frente da diretoria. Avô, Pai e filho Canuto estiveram na diretoria dessa agremiação, representado assim respectivamente cada uma das gerações. Cada geração pode ser entendida enquanto um período que compreende vários dirigentes responsáveis pelas atividades, do Cariri e os usos da sede, porém a presença de membros dessa família é sempre ressaltada. Resolvemos seguir, nessa dissertação, por esta divisão. As três primeiras seções desse capítulo irão,

²⁷ GASPAR, Lúcia. *Troças carnavalescas de Olinda*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014.

portanto, apresentar as três gerações de Canutos envolvidos na agremiação. Na quarta seção, tentaremos compreender as principais estratégias utilizadas para garantir a continuidade da sede e da Troça. Logo em seguida, na quinta seção, faremos uma breve comparação entre as estratégias utilizadas pelas duas agremiações, o Homem da Meia Noite e o Cariri.

2.1. A primeira geração

Clubes e Troças marcam o carnaval das ruas estreitas e ladeiras de Olinda. É a rua, segundo Magnani, que “resgata a experiência da diversidade” (1993), possibilitando encontros entre conhecidos e desconhecidos, as variadas trocas entre os diferentes, “a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas públicas” (1993). As ruas são um espaço de experiências e encontros diversos. Muitos olhares rodeiam aquilo que passa pela rua e ela pode servir para diversos usos, como o de passarela para o desfile de uma agremiação. Às 4 horas da manhã do domingo de carnaval sai às ruas uma agremiação que, diferentemente das muitas outras olindenses, não desfila com bonecos gigantes. Sai com seu personagem montado em um burro. O carnaval de Olinda hoje é lembrado pela presença de bonecos gigantes que desfilam em todos os dias de carnaval, acontecendo até o encontro de vários bonecos. O aumento quantitativo desses bonecos aconteceu a partir da década de 1980²⁸. A Troça Carnavalesca Mista Cariri de Olinda, em contrapartida, leva às ruas, todos os anos, um velho barbudo, com sua face pintada de branco, longa barba e vestimentas bem simples. Sua imagem foi inspirada em um vendedor de ervas medicinais do mercado de São José, no Recife. Muitas troças tiveram suas origens assim, com fatos pitorescos (LÉLIS, 2011: p. 70), como afirma Katarina Real, “o grupo tem uma experiência notável que deixa uma impressão forte” (1990: p. 32) e assim começa a Troça.

²⁸ Sobre os Bonecos gigantes, ver BONALD NETO (1992); GASPAR, Lúcia. *Bonecos Gigantes de Pernambuco (A-Z)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.



Figura 16: Fotografia do senhor que trabalhava no mercado de São José e foi homenageado por Cariri, imagem de 1921, está presente na sede da agremiação. Acervo da Troça.

A figura 10 foi uma fotografia registrada pelos fundadores da agremiação do vendedor de ervas. Quando os fundadores Augusto Canuto, Cosmo Botão, Jacinto Martinho, Oscar Silvino, Isnar Colombo e Eugênio Cravina resolveram criar uma Troça, foram ao centro do Recife para comprar os materiais necessários. Chegando lá, se deparam com um mascate muito peculiar, não conseguiram o nome de batismo desse indivíduo, mas registraram uma foto e pediram a sua permissão para homenageá-lo em uma agremiação carnavalesca. A homenagem foi concedida e, desde 1921, o Cariri sai às ruas. Como só sabiam o apelido do senhor, que era “Cariri”, e nunca mais conseguiram vê-lo novamente, assim a troça ficou sendo chamada.

Existe também outra versão para a fundação de Cariri, esta é uma versão lendária muito falada nas ladeiras de Olinda. Nela, se afirma que o velho Cariri era, na verdade, um sequestrador de crianças, muitos pais contavam essas histórias para amedrontar os filhos, dizendo que entregariam seus filhos ao Cariri que os colocariam em um saco e assim não iriam mais aparecer. Fragmentos dessa lenda podem até ser identificadas em seu Hino:

“Lá vem o Cariri ali
Com saco de pegar criança
Pegando menino e moça
Pegando tudo o que a vista alcança”

O Hino não tem autoria conhecida, mas os dirigentes da agremiação afirmam que essa lenda não tem fundamento e que a Troça surgiu de fato da homenagem ao retirante que veio do sertão e era um mascate. O improviso marcou o início e boa parte das atividades dessa agremiação. O desfile também era, e ainda é, um dos pontos mais esperados da Troça. Nos primeiros anos, assim como no Homem da Meia Noite, havia um “lugar para sair” e o desfile começava.

O desfile de Cariri era o responsável por abrir oficialmente o carnaval de Olinda, a Troça esperava o “Zé Pereira para anunciar Momo”, (Rivaldo, um dos dirigentes, em Entrevista) para sair às ruas. Zé Pereira teria sido o primeiro boneco gigante de Pernambuco, criado pelo folião Gumercindo Pires de Carvalho, na cidade de Belém de São Francisco, abrindo os festejos carnavalescos de sua cidade (BONALD, 1992). Porém, para os olindenses, ainda no sábado de carnaval,

A maioria dos foliões se fazia presente, bem como todos os estandartes das agremiações da cidade. No Varadouro, a partir das 20 horas, ficavam à espera do desembarque, no Largo existente, daquela figura representativa do carnaval. De repente, surgia uma embarcação, bastante iluminada e enfeitada. O povo ficava ansioso para ver o Zé Pereira (ATAÍDE, 1982: p. 24).

Zé Pereira chegava à cidade de barco e depois continuava seu cortejo “montado num burro, no Largo do Varadouro, acompanhado por uma orquestra de frevo” (ATAÍDE, 1982: p. 24). Depois de sua chegada e durante o seu cortejo, os estandartes das agremiações do período voltavam para as suas sedes.

Depois que Zé Pereira chegasse à Olinda e anunciasse o Carnaval, Cariri já poderia e deveria iniciar a folia, abrindo os festejos do carnaval de Olinda. Para os mais antigos olindenses, o carnaval na Cidade Alta começa apenas no domingo de carnaval, já que no sábado a folia era conduzida por Zé Pereira. Não são mesmo muitas as agremiações que desfilam no sábado, quando comparamos com o domingo e os outros dias de folia, nas ladeiras.

Os desfiles da primeira geração foram marcados pelo improviso, não havia muitos preparativos, a brincadeira era a palavra de ordem das atividades. Pouco dinheiro, muita criatividade e animação marcam os primeiros cortejos do Cariri. As ruas, ainda, eram o espaço de destaque e os desfiles os momentos de maior importância.

Em 1931, ocorreu uma eleição para presidência da agremiação, duas chapas se organizaram e a chapa que perdeu a eleição resolveu se desmembrar da Troça de Cariri. A partir dessa dissidência, para ocupar a presidência da agremiação, a chapa perdedora resolveu fundar outra agremiação, assim surgiu o Homem da Meia Noite, que passou a desfilar antes de Cariri. A partir dessa data, começa uma grande rivalidade entre as duas agremiações, como afirmam os dirigentes Mauro, Romildo e Rivaldo: “Lá nos anos 1930 era ferro e fogo, a gente não podia se encontrar que se pegava”. Por algum tempo, a rivalidade permaneceu entre os membros das duas agremiações, eles não se entendiam e as relações não eram nem um pouco cordiais. Segundo José de Ataíde,

A rivalidade entre agremiações faz sucesso que se vem verificado há muitos anos. Outrora com mais ardor. Havia até brigas entre os simpatizantes. (...) A rivalidade nasce a partir da criação de qualquer brincadeira de carnaval, porque é formada quase sempre por dissidentes. (1982: p. 16)

A rivalidade entre as agremiações carnavalescas pode ser verificada entre vários grupos. Em Olinda, existem histórias de rivalidade entre os blocos Batutas e Guaiamum-na-Vara e entre os Clubes Lenhadores e Vassourinhas, por exemplo, além de Cariri e o Homem da Meia Noite. Cada agremiação seguia com seus cortejos, organizando seus desfiles sem contato e com muita competitividade.

Em muitos desses casos, a rivalidade se explica pelas dissidências, como podemos verificar no caso de 1931. Contudo, essas divergências acabam, de alguma forma, dando continuidade ao carnaval, como explica Katarina Real:

Naquele momento, o grupo revolve que “vão fundar uma troça” para sair no próximo carnaval. Fundam-se troças e acabam-se troças, divergências num grupo vão produzindo novos grupos, membros deixam uma troça para brincar com outra. (1990: p. 32)

A dinâmica de fundação e pertencimento das agremiações perpassa por divergências, continuidades e a vontade de fundar novos grupos. Assim, o carnaval e as agremiações acabam se renovando. A rivalidade pode também funcionar como um importante estímulo para garantir que os desfiles aconteçam e sejam cada vez mais criativos e chamem mais pessoas a acompanhá-los.

As gerações são lembradas, pelos dirigentes do Cariri, muito mais pelos dirigentes de cada momento do que pela periodização em anos. A partir da década de

1950, portanto, teria início à segunda geração, uma geração que compreendeu um vasto período terminado apenas no final dos anos 1990, quando teria iniciado a chamada terceira e atual geração.

O parentesco também pode ser usado como um dos marcadores de tempo. As gerações marcam também a genealogia da família Canuto, presente na agremiação desde seu surgimento. Augusto Canuto, que foi um dos fundadores da primeira fase, é o pai de Romildo Canuto, que dá seguimento à segunda geração e Romildo Canuto Filho e Rivaldo Canuto são os herdeiros que atuam na terceira geração da Troça.

Essa primeira geração foi marcada pela criação da Troça e o forte imprevisto dos desfiles, além da dissidência e formação do Clube de Alegorias e Críticas o Homem da Meia Noite. Talvez, tenha sido essa rivalidade que tenha impulsionado a continuidade dos desfiles nesse primeiro momento. A geração se finaliza para que importantes mudanças ocorram na segunda geração, como aquisição de uma sede.

2.2. A segunda geração

Durante a primeira geração, mesmo com muitas dificuldades, os desfiles aconteceram sem interrupções. Mas, os dirigentes consideram que a partir dos anos 1950, com os dirigentes Romildo Canuto, Edno Mendes, Rodolfo Medeiros e Juarez Ribeiro Costa, terá início a segunda geração da agremiação. Como afirmou Romildo Canuto, “venho sendo a continuidade do velho Augusto Canuto de Santana e, de lá para cá, nunca tive mais descanso” (1982: p. 45). A continuidade é uma das marcas das gerações, pois os filhos entendem e tentam dar continuidade ao trabalho de seus pais.

Nessa geração, teremos os grandes carnavais e a organização de uma sede familiar. São esses os principais elementos que vão marcar os dias da agremiação que, neste período, apenas deixou de desfilar, em 1972, por questão de luto, a morte de um dos fundadores vai fazer com que a Troça não saía às ruas nesse ano. Os grandes desfiles, desse período, podem ser reconhecidos pelas fantasias bem ornamentadas. As troças podem apresentar alguns personagens como a diretoria, as passistas, as fantasias de destaque, o porta-estandarte e uma orquestra (LÉLIS, 2011: p. 71), embora nem todas as troças apresentem todos esses elementos, sempre apresentam alguns deles.



Figura 17: Desfile de 1974, considerado um desfile de luxo, com o tema: “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”. Acervo da Troça.

Temos, na figura 11, o registro de um dos “desfiles de luxo” promovidos pela Troça. São chamados assim, pelos participantes de Cariri, os desfiles que ocorreram durante os anos 1970, trazendo às ruas um tema, escolhido pela diretoria, a ser apresentado pelas fantasias e pelos personagens. Os temas eram bem criativos, alguns dos temas foram:

1974, com a fantasia de luxo, “Aladim e a Lâmpada Maravilhosa”, 1975; “China Milenária”; 1977, “Raposo Tavares o maior dos Bandeirantes”; 1978, “Um baile Municipal”; 1979, “Carlos Magno e os paladinos”; e em 1980, “O Astro-Rei” (ATAÍDE, 1982: p. 93).

O esforço para organizar esses grandes desfiles era grande. Criar essas fantasias, realizar todo o trabalho de planejamento e sistematização, além de manter os custos eram as questões que giravam em torno do Cariri e do carnaval, como afirma Romildo Canuto, um dos dirigentes do período:

E depois que Cariri passou a desfilar com fantasias de luxo, o trabalho aumentou consideravelmente. Antigamente, essa brincadeira era fantasiada com roupas simples e sem grandes despesas. Hoje, a coisa se tornou bem mais difícil e tenho que fazer muito sacrifício para não ver a brincadeira passar em branco (ATAÍDE, 1982: p. 45).

Exigindo, além de um grande esforço da diretoria e participantes, se fazia necessário também um local para confeccionar e armazenar as fantasias. Além de realizar todo o planejamento do carnaval. A primeira sede da Troça funcionava na casa de seu Romildo Canuto, bem em frente à Igreja de Guadalupe. Era uma sede familiar, pois eram essas as relações que sobressaíam à família Canuto, que estava muito envolvida com as atividades de Cariri.

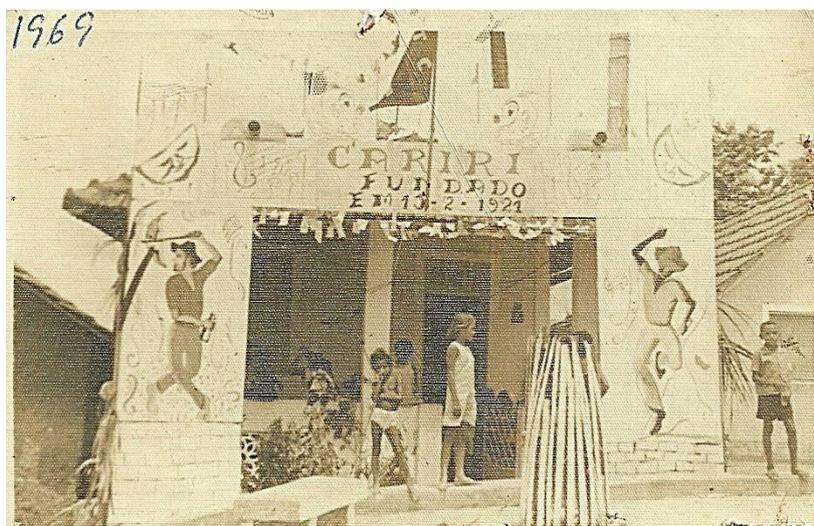


Figura 18: Frente da casa de Romildo Canuto, primeira sede de Cariri, fotografia de 1969. Acervo da Troça.

A fachada da casa já anunciava que não era qualquer residência e que nela o Cariri também estava presente. Percebemos que a identificação que o lugar corresponde a uma sede aparece na fachada das duas sedes que foram analisadas aqui. As reuniões, confecções de fantasias, armazenamento, tudo acontecia nesse espaço. As relações familiares prevaleciam nessa agremiação, os dirigentes eram descendentes dos fundadores e já iam preparando os seus sucessores. A sede funcionava na casa de um dos dirigentes, as atividades eram desenvolvidas pelos amigos e familiares, como poderemos perceber na figura 13.



Figura 19: Produção das fantasias na primeira sede de Cariri. Acervo do Troça.

Percebemos, na figura 13, que tudo era realizado de forma artesanal. Mas, com uma sede, o imprevisto foi abrindo espaço para o planejamento e organização do desfile. A estrutura da casa era alterada para comportar as costureiras e para armazenar o que era produzido. Os desfiles eram grandiosos e para produzir as fantasias era necessário trabalho, organização e compromisso. Os gastos, muitas vezes, saíam do bolso dos próprios dirigentes, dos amigos, familiares e vizinhos. Além de todo o sofrimento para colocar o desfile na rua, como afirma seu Romildo Canuto,

O bom carnavalesco tem seu lado de sofrimento. Quem de fato faz o carnaval tem seus momentos de aflição e quase desespero. Quem participa do carnaval, como eu venho participando, sabe bem como é o problema. (ATAÍDE, 1982: p. 45)

O trabalho de um carnavalesco, ou de quem organiza e realiza o carnaval exigia compromisso, esforço e dedicação. Muitos eram os problemas com a manutenção da agremiação, sistematização e produção dos desfiles. O fato de existir um local para auxiliar na preparação do carnaval já facilitava muito, mas os gastos continuavam e era preciso da ajuda de muitos para colocar a Troça nas ruas.

Nesse período, já com essa sede familiar, é realizada o que pode ser considerada uma trégua entre as duas agremiações que tiveram sua dissidência em 1931. O Clube e a Troça continuam organizando seus desfiles de forma separada e independente. Porém, o Homem da Meia Noite passou, então, a levar a chave que abre o carnaval, no final de

seu desfile, até a sede de Cariri. Depois da entrega simbólica da chave, a Troça começa sua festa pelas ruas de Olinda.

Durante essa geração, o prefeito Alfredo Lopes concede à agremiação o título de “Utilidade Pública”, em 1955. Dessa forma, a agremiação seria um bem municipal, prestando serviço à sociedade de forma legalmente desinteressada, ou seja, sem interesses financeiros. Esse prefeito, como já foi afirmado no capítulo 1, realizou algumas atividades relacionadas às questões culturais da cidade. Para os participantes da agremiação, essa foi uma importante valorização dos trabalhos realizados em Cariri, servindo também de importante incentivo para a sua continuidade.



Figura 20: Desfile da agremiação em 1975, considerado um desfile de luxo, com o tema “China Milenária”. Acervo do Troça.

A figura 14 mostra as fantasias e coreografias realizadas durante o desfile de Cariri. Para produzir um desfile como esse, muito trabalho e compromisso se faziam necessários. Entre as necessidades do grupo, se destacava a construção de um local próprio, pois os transtornos e as dificuldades eram muito grandes, como afirma Rivaldo, um dos dirigentes atuais e que é filho de Romildo Canuto, morador dessa sede familiar: “Nós passávamos três meses sem dormir direito, para fazer as fantasias, não tinha espaço, era tudo em casa”. O período de preparação para o carnaval era de trabalho e de esforço por todas as partes, todos da família e quem morasse na sede tinha que, de

alguma forma, se esforçar e participar da preparação de Cariri. Colocar a Troça na rua era o mais importante, o que tinha que ser feito com muito brilho e alegria.

Surge, assim, a necessidade de um local independente para a agremiação, a construção de uma sede própria. Todos os transtornos e dificuldades de manter tantas atividades em um local residencial provocaram a saída da casa. Garantindo a produção e armazenamento das fantasias, os ensaios da agremiação e um local específico e independente para realizar as reuniões que planejam o desfile. As relações familiares continuaram muito fortes, mas esta mudança impulsionou ainda mais seriedade às atividades de Cariri.

Dessa forma, os dirigentes se organizam e resolveram comprar um terreno para construção da sede. Com muita dificuldade, conseguiram uma grande oportunidade:

Meu pai e alguns diretores se organizaram. Esse terreno aqui, há uns 30 anos atrás, estava boiando, era um terreno baldio. Apareceu esta oportunidade, era uma viúva, o marido dela morreu e ela queria vender, botou a anúncio e nada (Rivaldo em entrevista).

A viúva queria se desfazer de uma área de sua propriedade, porém não conseguiu nenhum comprador. Os dirigentes aproveitaram a situação e resolveram comprar o imóvel. Negociaram com a proprietária e adquiriram o seu terreno. O Local era próximo da antiga sede familiar, praticamente em frente da casa de Romildo Canuto. A ocasião foi aproveitada e o terreno da sede foi adquirido.

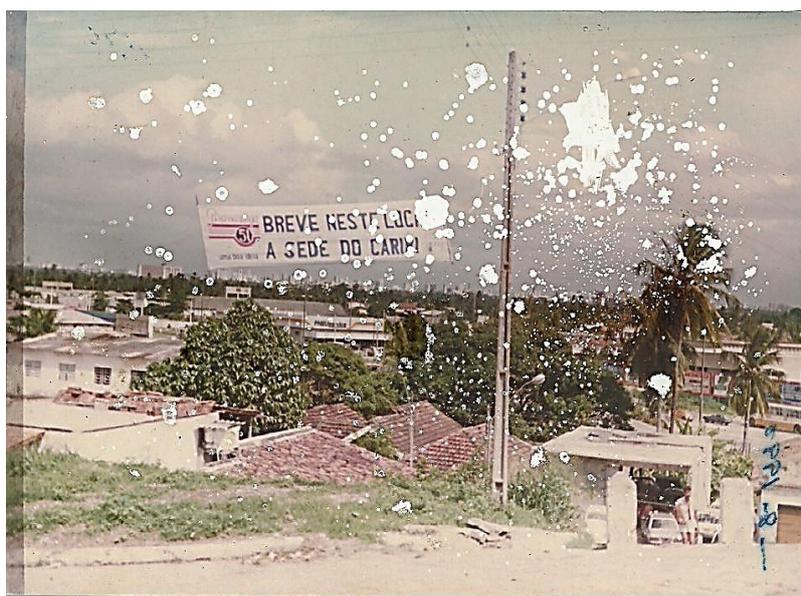


Figura 21: Local onde seria e foi construída a sede de Cariri. Acervo da Troça.

A forma de pagamento, segundo Romildo Canuto Filho, “foi a perder de vista, ela vendeu fiado o terreno”, os dirigentes pagavam quando conseguiam, nem sempre o pagamento acontecia, e também não foi necessário nem uma entrada ou sinal para aquisição desse terreno. Como o local para a construção da sede foi conquistado, começaram, a partir daí, as estratégias para conseguir edificar a sede propriamente dita. Novas conquistas impulsionavam a agremiação. O esforço agora seria custear a construção, como afirmam os atuais dirigentes: “cada um dava, um dava duzentos, outro dava trezentos, outro dava cimento, cada um fazia o que podia”.



Figura 22: Construção da sede. Acervo da Troça.

A construção foi feita aos poucos, como é possível perceber na figura 16. Cada participante, como foi afirmado pelos dirigentes, ajudavam a sua maneira. De tijolo em tijolo, parte a parte, a sede ficou pronta. Foi inaugurada apenas em 1992, como anuncia um quadro presente na sede. Nesse quadro, identificamos os nomes dos diretores e diretoras, responsáveis por edificar esse lugar.

Ainda é nessa geração que as fantasias começam a ter sua importância reduzida e acabam deixando de ser produzidas pelos altos gastos. Dessa forma, deixam de levar às ruas os grandes desfiles de luxo. Porém, essa geração finaliza com a mais importante aquisição da agremiação, até então, a sua sede. Com ela pronta, novas preocupações aparecem, já que agora os dirigentes da agremiação também tinham que se preocupar com a manutenção desse novo espaço.

2.3. A terceira geração

A terceira geração que, entre os seus 16 dirigentes, traz Romildo Canuto Filho, Mauro e Rivaldo da Silva Santana, como esses afirmam: “do meu avô passou para o meu pai, do meu pai para mim e assim a gente já é a terceira geração”. Essa geração guarda consigo a herança dos que fundaram e mantiveram a agremiação por todos esses anos e tentam, de diversas formas, conectar a Troça às novas questões exigidas nesse período. Os dirigentes afirmam: “a velhice veio chamar a gente: ei menino! chegou a tua hora!” e, nos últimos dez anos, essa nova geração têm, aos poucos, assumido a agremiação.

A sede está, portanto, estabelecida. Durante o período da pesquisa, ela passava por reformas, promovendo obras para garantir um melhor acesso ao local, colocando rampa e organizando o espaço. A fachada da mesma já anuncia que aquele é um local de alegria e carnaval, toda pintada com cores fortes, o azul e o amarelo são as cores da agremiação. Um muro separa a rua de um terraço que é muito útil nos dias de carnaval, pois serve como uma espécie de camarote para acompanhar o desfile de Cariri e a passagem do Homem da Meia Noite. Entrando nesse espaço, que possui um único piso, temos um salão amplo com um palco à direita, aparelhos de som sinalizam que eventos podem ocorrer neste local como shows artísticos, por exemplo. Temos, inclusive, saída de emergência para ocasião de shows ou festas. Já, à esquerda, encontramos a área que é considerada como acervo.

No acervo, temos muitas peças preciosas: a fotografia retirada do mascote do mercado de São José que inspirou a Troça ainda está lá, com seus 94 anos de existência, para os dirigentes, é uma das peças mais importantes da agremiação. No acervo também encontramos vários estandartes. Esses são muito usados pelas troças, apresentam informações como o nome completo da agremiação, o ano em que foi fundada e o ano em que está desfilando e características e cores que podem ser marcas da agremiação, muitas vezes os estandartes estão muito bem adornados. “Os estandartes, como bem definiu Waldemar Valente, eram símbolos dotados de forte poder significativo capazes de encarnar a própria instituição que representavam” (SILVA, 1990: p. 377). Os estandartes não levam apenas as informações das agremiações, representam as mesmas. É com se houvesse

algo de sagrado nos estandartes, algo que evocava respeito e veneração de seus seguidores e admiradores. Por outro lado, tinham o poder de despertar a ira e os ressentimentos de seus inimigos e rivais. Os estandartes cumpriam importante função ritual nas passagens dos cortejos carnavalescos pelas ruas. Eram eles que se curvavam à frente de instituições, personalidades e sociedades congêneres, em sinal de cumprimento e de respeito; ou silenciavam, indicando protesto e hostilidade (ARAÚJO, 1996: p.339-340).

Os estandartes servem ainda para cumprimentar as instituições, moradores e personalidades, representando a agremiação e o esforço de sua produção. Para os participantes de Cariri, ainda há algo nos estandartes que evoca respeito, por isso, estão guardados, para lembrar os carnavais já realizados. O estandarte mais antigo, presente no acervo, é o de 1958. Antes dessa data, a agremiação só teve um estandarte que era feito de lona e se desfez com o tempo.



Figura 23: Fotografia do desfile de 1962, com o estandarte de 1958. Acervo da Troça.

Como podemos perceber na figura 17, o porta-estandarte não poderia desfilar com qualquer vestimenta, assim como afirma Katarina Real,

É tradicional para o porta-estandarte vestir trajes à Luiz XV, com peruca branca, camisa de rendas e babados, jaqueta de cetim ricamente bordada, pantalonas até o joelho, meias finas e sapatos altos de fivelas brilhosas. [...] O porta-estandarte vem gingando ao ritmo do frevo, conduzindo o enorme e luxuoso estandarte, de ricos bordados, franjas e pingentes de ouro, montado numa “cruz” de metal, chamado

o varão, com pontas de seta ou de lança nas extremidades, correntes de ouro e prata, outros detalhes. Para agüentar melhor o imenso peso, de 40 ou 50 quilos ou mais, o porta-estandarte usa o que se chama de talabarte, um grosso cinturão de couro forrado de lã que atravessa um dos seus ombros e termina na cacheta, onde descansa a ponta do varão (1990: p. 15).

Fantasia produzidas, temas criativos, porta-estandarte pomposos, todas essas são as lembranças dos grandes desfiles de Cariri, os desfiles luxuosos da segunda geração. Com tudo isso, o desfile ainda conta com um porta-estandarte trajado à Luiz XV, elemento que aparece no desfile de várias troças, e que continua a cumprimentar os amigos, personagens e espaços importantes de Olinda.



Figura 24: Estandarte utilizado em 2014 e 2015. Acervo pessoal.

Alguns prêmios e homenagens conferidos à agremiação também estão nesse ambiente do acervo. Fotografias dos presidentes também compõem esse local, que é bem pequeno, mas armazena o que, para os dirigentes, a sede tem de mais precioso. “A história está sendo bem contada, de geração em geração” afirmam os dirigentes Mauro, Rivaldo e Romildo. Os nativos se orgulham bastante de apresentar os seus familiares e de mostrar que a agremiação passa por entre as gerações, continuando o trabalho de parentes e realizando novas conquistas.

No salão ocorre, durante a semana, aulas de frevo, com os passistas que desfilam na Troça durante o carnaval. A atividade não tem fins lucrativos, mas proporciona, para os jovens da comunidade, uma atividade durante as noites. Na sede também pode acontecer ensaios de orquestras e de outros blocos.

Entre os meses de outubro e fevereiro, os preparativos são para o carnaval, reuniões ocorrem toda semana até que o carnaval aconteça, e quanto mais próximo desse evento, mais reuniões para resolver questões como, por exemplo, sobre a camisa da agremiação, os elementos e o orçamento do desfile.



Figura 25: O velho Cariri.²⁹

Os dirigentes da agremiação se orgulham muito de conseguir manter a sede, mesmo que não seja da forma como queriam. A sede é chamada, por eles, de “nossa segunda casa”. Muitas vezes, eles chegam do trabalho e vão direto para a sede. Cada um tem suas histórias, vivências e experiências sentidas ali. A casa pode ser entendida muito mais que o “espaço de laços de simpatia, lealdades pessoais, complementaridade, compensações e bondades ou maldades” (DAMATTA, 1991: p. 55), mas como um local no qual se vive experiências e essas experiências preenchem os contornos do lugar de sentidos e de tensões.

²⁹ Disponível em: <https://triunfob.wordpress.com/2009/02/21/la-vem-o-cariri/> Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Como afirma Tuan, “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (1983: p. 9). Todas essas relações familiares, que foram construídas ao longo do tempo, acabam conferindo à sede as vivências e as experiências subjetivas. Pela importância que as experiências receberam, pode ser entendido que a sede é como uma casa. É dentro de nossas casas que as primeiras experiências e talvez as mais marcantes aconteçam. Se consideramos outro espaço como casa, é porque as experiências vivenciadas nesse espaço são tão importantes e marcantes quanto a do espaço em que moramos.

O fato de ter existido uma sede familiar e de muitos dos atuais diretores terem morado nesta primeira sede, pode fazer com que o atual espaço pareça realmente uma casa. As emoções vivenciadas ali aproximam a agremiação e a sede da atmosfera da familiar e do privado que envolve a casa. As fronteiras parecem não ficar bem estabelecidas, se é que precisam estar. A sede pode ser considerada uma casa, sem nenhum morador, e pode dar continuidade às relações familiares, já que membros das famílias dos fundadores ainda continuam por lá.

2.4. Estratégias de manutenção

Nesta seção, apresentaremos algumas das estratégias utilizadas pelo Cariri para garantir a sua manutenção financeira. A Troça possui duas importantes preocupações: a primeira é garantir um bom desfile de carnaval e a segunda é manter a sua sede. A cada ano, os desfiles arrastam mais pessoas. Talvez, por ocorrer após a saída do Homem da Meia Noite, e também pelo fato da cobertura, nos últimos carnavais, de algumas emissoras de televisão, como afirma Romildo, dirigente da agremiação, pela “Globo estar aqui, aí ele pegou mídia”, pode ter chamado ainda mais pessoas para conhecer e participar do desfile da agremiação.

Uma das dificuldades que acontecem, na ocasião do desfile, é o horário em que este ocorre. A questão da tradição também é bastante assinalada no discurso de alguns dirigentes, como Rivaldo: “A família quase toda está dentro, mantendo a tradição”. Além de ser uma agremiação marcada pelos laços familiares, a tradição é o elemento que conduz as relações, mantendo, por exemplo, os desfiles às 4 horas do domingo de carnaval. “Por que vocês não mudam de horário? (...) É a mesma coisa do Homem da

Meia Noite sair de meio-dia, não pode”, afirma seu Romildo Canuto Filho, um dos dirigentes. São práticas como estas que são consideradas pelos dirigentes como importantes para a continuidade da agremiação e, por isso, devem ser respeitadas, transmitidas e mantidas.

Para garantir que estes desfiles ocorram, a Troça se organiza produzindo camisas da agremiação para serem vendidas nas semanas prévias do carnaval. A compra das camisas possibilita também a entrada na sede para aguardar o início do cortejo. A Troça organiza, assim, uma pequena recepção a partir da meia-noite para se preparar para o desfile. A agremiação também conta com o patrocínio de uma empresa paraibana de produtos derivados do leite que, por coincidência, tem o mesmo nome da agremiação, além do subsídio oferecido pela prefeitura de Olinda para as agremiações que desfilam oficialmente nas ladeiras durante o período carnavalesco. O recebimento desse subsídio requer uma prestação de contas. Quando o valor é recebido “a gente recebe lá e tem 60 dias para prestar contas lá [prefeitura] e tem até 6 meses para prestar contas no Ministério Público”. São muitas as exigências dessa prestação de contas e a sede ganha juridicamente a estrutura de uma empresa:

Agora é uma empresa, a gente paga as taxas *todinhas* que tem na prefeitura. Tem CNPJ e agora exigiu tem que funcionar como se fosse empresa. A gente, além de diretor, é funcionário da nossa sede. Na prestação de contas lá, agora, é assim (Romildo Canuto Filho, em entrevista).

A agremiação precisa ainda se aparelhar burocraticamente, as exigências que são feitas das empresas que prestam serviço às prefeituras também recaem sobre esta Troça e é preciso cumprir os requisitos para angariar esse subsídio. As agremiações precisam estar por dentro dessas relações e cabe aos seus participantes à busca por essas informações e editais.

Além da prestação de contas, o recebimento do subsídio não ocorre antes do carnaval. A agremiação tem que custear os seus gastos e esperar que a prefeitura os reembolse:

A gente sai em fevereiro, sabe quando a prefeitura vem reembolsar a gente? Em julho, agosto, setembro... No ano passado, a gente recebeu no dia 5 de novembro. (...) Aí a diretoria tem que estar bancando. (...) Esse ano a gente foi um pouco agraciado, a gente recebeu em agosto [em tom irônico]. (Romildo Canuto Filho em entrevista)

Levar uma agremiação às ruas exige muito planejamento e atenção, os custos devem ser bem organizados e endereçados, pois a prestação de contas exige os comprovantes com os gastos e todas as notas fiscais envolvidas. Também é preciso ter em mente que os recursos providos pela prefeitura vão chegar, porém apenas depois do carnaval, o que necessita de uma sistematização muito maior dos gastos e arrecadações; um “jogo de cintura” com o dinheiro para, assim, garantir o desfile. Percebemos as teias de uma rede de relações que mesclam economia e manifestações populares. Autores como Canclini (1983) trabalham com essa perspectiva em relação ao artesanato e Hugo Menezes (2009) com as quadrilhas Juninas. Novas relações se criam, a agremiação passa a funcionar como uma empresa e os membros da Troça são também funcionários.

A manutenção da sede é outra dificuldade, várias estratégias e atividades auxiliam na continuidade desse local. “A gente tem um patrimônio para manter, queira que não queira, a gente gasta duzentos e cinquenta a trezentos reais, água luz e manutenção”, afirmam os dirigentes. Poucas agremiações de Olinda têm sede própria, a maioria delas funciona nas casas de seus participantes. Devido a isso, algumas procuram Cariri para usar o espaço de sua sede, a agremiação “aluga a sede para outros blocos, para fazer os ensaios” (Rivaldo, um dos dirigentes), mas, para isso, cobra-se uma pequena taxa para ajudar na manutenção. O que pode demonstrar que as agremiações podem se ajudar, e que existe uma rede de interação e colaboração entre algumas agremiações. Mesmo durante o carnaval, algumas agremiações saem da sede do Cariri, no domingo, na segunda e na terça de carnaval.

A Troça também permite que ocorram, na sede, ao longo do ano, vários eventos. Eventos das escolas da comunidade, festas de criança e até velórios, “aqui não é perto do cemitério? Esse tipo de atividade a gente não cobra nada”, afirmam os dirigentes. Ainda é comum, nessa área, os velórios ocorrerem em casa ou mesmo nesta sede, devido à proximidade com o cemitério São João, que fica a 10 minutos de caminhada, da sede sai como um cortejo até o cemitério. Mesmo sendo vizinha a uma Igreja, a comunidade confere à sede de Cariri esta importância. O espaço que proporciona alegria à comunidade é também o espaço de todas as horas, inclusive a da despedida. A sede parece, assim, integrar-se à vida cotidiana da comunidade.

Contudo, “tem certos tipos de eventos que a gente diz que não dá pra cá, porque prejudica a comunidade” (Romulo Canuto Filho em entrevista). Nem todos os eventos,

portanto, a agremiação aceita que sejam realizados em sua sede. Dependendo da proposta, do público, do estilo musical, o espaço não é disponibilizado, pois se os dirigentes entenderem que isso pode prejudicar a comunidade ou ocasionar conflitos com os vizinhos do local, a sede não é alugada.

A agremiação também organiza rifas de pequenos prêmios para angariar recursos para garantir orçamento para a produção de camisetas. Das camisetas já se consegue arrecadar o dinheiro que facilita o pagamento da orquestra e alguns outros gastos que não podem esperar o recebimento do subsídio da prefeitura.

O Cariri também está sintonizado no mundo virtual, inclusive entramos em contato com os dirigentes da agremiação graças ao *facebook* e ao e-mail fornecido pela página na *Wikipédia*. Tanto a rede social como a página foram criadas pelos dirigentes com o objetivo de divulgar os trabalhos realizados no Cariri. Destacamos, ainda, que na página do *facebook* são disponibilizadas muitas das imagens que foram utilizadas nesta dissertação, a rede social possibilita um importante contato não apenas com os dirigentes, mas com os registros da agremiação. A rede social acaba aproximando ainda mais gente tanto para acompanhar o desfile como para conhecer a sede do Cariri.

As várias atividades realizadas auxiliam tanto na manutenção da sede como na promoção dos desfiles. A agremiação luta também, há cinco anos, para conquistar o registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco. O recebimento desse registro iria possibilitar uma renda mensal, para o grupo, de R\$ 2.161,22, como acontece com o Homem da Meia Noite. Além de um grande incentivo para realização de projetos e outras atividades, ela também iria valorizar o esforço e o trabalho dos 94 anos de existência de Cariri. A agremiação entende que esse registro iria auxiliar bastante na manutenção da sede, assim como na organização do carnaval e possibilitaria também que a agremiação não dependesse apenas do subsídio oferecido pela prefeitura. Enquanto o registro não é conseguido, a agremiação continua com suas atividades promovendo os desfiles e realizando os eventos que a comunidade necessita.

2.5. Duas agremiações, duas sedes, quantas estratégias

As duas agremiações analisadas são marcadas pela importância que conferem às suas histórias, uma com 94 e a outra com 83 anos. São marcadas também pelo fato de

realizarem seus desfiles em horários pitorescos, que não devem ser modificados, o Cariri desfila às quatro da manhã e o Gigante sai à meia-noite, além de que ambas mantêm suas sedes. As estratégias para garantir a continuidade dessas agremiações são muitas, passando por atividades desenvolvidas nas sedes, por relações com a prefeitura de Olinda e seus patrocinadores, além da questão do Patrimônio Vivo.

As duas sedes analisadas ofertam atividades ao longo do ano para a comunidade. No Homem da Meia Noite, as atividades pedagógicas, a comercialização de camisetas e variados objetos ajudam no processo de manutenção da sede e da agremiação. No Cariri, as festas, eventos e ensaios angariam fundos para garantir a conservação da sede e a continuidade da Troça. As duas agremiações reclamam da falta de visitas dos turistas, segundo seus integrantes, os guias não levam os visitantes até estas áreas por elas ficarem distantes de outros pontos turísticos da cidade de Olinda.

Os eventos do Homem da Meia Noite, como a coletiva de Imprensa, o Gigante Cultural, promovem a interação do Clube com os patrocinadores e com a mídia, conseguindo assim mais recursos e mais parcerias. A mídia, quando divulga o desfile Cariri, consegue aumentar ainda mais o público que acompanha a Troça, o contato com o patrocinador ocorre através das negociações prévias ao carnaval e na recepção que antecede a saída da agremiação.

O patrocínio de empresas, portanto, pode ajudar muito no custeamento dos desfiles. O Homem da Meia Noite tem parcerias de mais de trinta anos com alguns patrocinadores, e algumas empresas de Olinda e da região metropolitana. Esses patrocínios e apoios passam desde a doação de bebidas, oferecimento de comidas até concessão de recursos. No Cariri, o patrocínio é recente, apenas três anos de parceria com uma empresa. Porém, em ambos os casos, isso ajuda não apenas no custeio, mas na valorização das agremiações. Elas conseguem parcerias que possibilitam que os desfiles ocorram.

O Homem da Meia Noite também pode contar com a ajuda dos muitos amigos que ajudam como podem, realizando doações, muitas vezes, financeiras para o Clube. Já na Troça, o trabalho de produção do carnaval é familiar, as gerações promovem a continuidade das tradições e estabelecem relações muito próximas entre os dirigentes e participantes da agremiação, todos ajudam como podem para manter o Cariri na rua.

A prefeitura de Olinda tem uma parcela importante na garantia dos desfiles das agremiações. Tanto o Clube quanto a Troça se escrevem para o recebimento do subsídio ofertado pela prefeitura para os grupos que se apresentam durante o carnaval. Para ambos, assim como para outras agremiações, o dinheiro é conseguido, porém com atraso. Os dirigentes de Cariri reclamam e precisam ter muito planejamento para lidar com a demora em receber este dinheiro. Em muitas ocasiões, os próprios dirigentes financiam o desfile, aguardando o posterior reembolso pela prefeitura. Com o Homem da Meia Noite temos várias estratégias para arrecadação de recursos o que faz com que não exista apenas a dependência do subsídio da prefeitura. Os dirigentes do Clube afirmam que o poder público não pode manter todos os gastos da agremiação e que é preciso planejamento, articulações e parcerias.

As duas agremiações utilizam de páginas virtuais e redes sociais para divulgar as suas atividades. O perfil do *facebook* é muito importante para as duas agremiações. Sempre recebem novas postagens e atualizam as atividades realizadas tanto pelo Clube como pela Troça. Ambos estão conectados, não apenas a um mundo mercadológico, mas também a um mundo virtual.

O registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco aparece nas falas das duas agremiações. Para o Clube, segundo o seu presidente, “foi o maior marco do Homem da Meia Noite (...) porque é eterno”. O recebimento desse registro garante uma importante valorização e reconhecimento do grupo e também proporciona uma bolsa mensal para a agremiação, a bolsa só deixa de ser recebida pelos grupos em caso de dissolução das agremiações. O valor da bolsa auxilia na manutenção, principalmente da sede e da agremiação de forma geral. O recebimento, às vezes, também é feito com alguns atrasos, o que faz com que o Clube necessite fazer mais planejamento e organização. Possivelmente, o que percebemos é que quando o grupo recebe os incentivos públicos, planejamento e organização se tornam as palavras que norteiam as práticas e discursos dos mesmos. O dinheiro é reembolsado e realmente é pago, mas os compromissos das agremiações não podem esperar, é preciso sistematizar bem os gastos para poder cumprir com todos os compromissos.

Para o Cariri, o registro de Patrimônio Vivo é uma das lutas dos últimos cinco anos. Nesses anos, a agremiação busca essa estratégia, porém ainda não conseguiram. Para a Troça, o reconhecimento do título seria importante para homenagear os que

criaram e continuaram a agremiação, também conseguiria manter a sede e os desfiles, poderia possibilitar novos cursos na sede, e fazer com que as festas e eventos organizados pela comunidade ocorressem sem o pagamento de taxas. Em 2014, a agremiação concorreu novamente ao registro.

A história também parece impulsionar a continuidade das duas agremiações. Nas duas sedes, encontramos as fotografias dos ex-dirigentes e fundadores, objetos que lembram os antigos carnavais e imagens antigas. A história é um elemento recorrente nas falas dos participantes das duas agremiações e parece solidificar as práticas de continuidade, como podemos perceber em Cariri, “daqui a seis anos vamos fazer 100 anos, já estamos na contagem regressiva”. De alguma forma, todas as experiências vivenciadas pelos participantes nas trajetórias de cada agremiação parecem impulsionar as atividades e conduzir para um prosseguimento. Assim, Cariri prepara os seus 94 anos, em 15 de fevereiro de 2015, e o Homem da Meia Noite já está perto de completar 83 anos.

Percebemos, na análise das duas agremiações, que a ideia de uma sede foi algo construído com o passar dos anos e das necessidades de cada período. Dos desfiles da rua, parte uma primeira preocupação em organizar e planejar o carnaval. Nas casas dos participantes, as primeiras reuniões com o objetivo de planejar e organizar o carnaval, tudo ainda com muito improvisado, mas fazendo parte das questões familiares, os desfiles carnavalescos eram feitos com a ajuda de amigos e familiares. Porém, os tempos passam e as necessidades mudam. A doação e ou aquisição de um espaço para a sede incentiva carnavais alegóricos, ricos em fantasias e com temas criativos, mas as dificuldades da manutenção de um espaço destinado ao carnaval são grandes e novos deslocamentos se fazem necessários.

A sede e a agremiação passam por diversas dificuldades e os carnavais alegóricos e os desfiles de luxo com fantasias e adornos deixam de existir. Apenas nos anos 1990 novos ares parecem impelir as reformas para transformar o espaço do Clube em uma sede social e os carnavais que arrastam multidões se tornam cada vez mais recorrentes. As mudanças começam nos anos 1990, mas apenas se consolidam depois

dos anos 2000, quando a sede abriga o projeto Gigante Cidadão, a sede assim trabalha com e para a comunidade. Além disso, guarda as lembranças dos que fizeram pelo Homem da Meia Noite e pelo Carnaval de Olinda. O recebimento do registro de Patrimônio Vivo de Pernambuco legitima a agremiação e as atividades desenvolvidas na sede. O reconhecimento vem para os dois, Clube e sede, por todos os trabalhos realizados para Olinda.

No caso da Troça, apenas na última geração é que a sede ganhará outras atividades como as aulas de frevo, a produção de seu acervo é também estimulada. O valor pago pelo aluguel da sede pelos moradores ou por outras agremiações também chama a atenção, por estabelecer uma rede de colaboração com outros blocos, clubes e troças de Olinda. A sede é alugada para que outras agremiações realizem seus desfiles e ensaios nesse lugar. As atividades da sede estão em cooperação com a comunidade.

Lugares como as sedes podem aparecer nas falas dos dirigentes como uma casa, e pode até ter como referência esse espaço. Porém, percebemos que, enquanto local de sociabilidade, esta categoria não compreende as relações verificadas em uma sede. As preocupações com as sedes são muitas, seus usos modificaram com o tempo, assim como as relações estabelecidas nesse lugar. Temos um lugar de relações subjetivas, em que se guarda uma memória e um patrimônio imaterial. Todas essas relações também se aproximam do que Magnani chama de pedaço:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (1998: p. 116).

A sede compõe, portanto, um espaço que intermedeia as relações entre o privado e o público. A casa e a rua podem ficar mediadas pelas sedes do Homem da Meia Noite e do Cariri. É a casa de um Gigante em que todos podem entrar, é o lugar da Troça que pertence a todos. As relações familiares estão presentes, mas não são as únicas, o pertencimento a esse espaço é dado e realizado a partir da simpatia e atenção ao Gigante, do carinho e das experiências com o Cariri.

Dessa forma, o pedaço ultrapassa as dimensões da categoria casa e compreende sociabilidades diferentes. A sede não está apenas no âmbito do privado e do familiar, elas estão abertas para um público maior que está unido por laços e pela simpatia pelas

agregiações. As visitas acontecem sempre que as sedes estão abertas, nem que sejam dos próprios vizinhos. Os objetivos de quem visita são muitos, mas a atenção e o carinho pelo Gigante e pelo Cariri aparecem nas respostas dos visitantes. Unidos pelo desfile, pelos mistérios do Gigante, pelas lendas do Cariri ou pela curiosidade que envolve a calunga e o velho mascate, as visitas e uma sociabilidade diferente ocorrem mediadas por relações coletivas. A coletividade da agregiação e as práticas conferidas como tradições reafirmam a continuidade dessas agregiações e motivam os visitantes, tornando possível a noção de pertencimento a um grupo.



Capítulo 3 - De sede à sede: um desfile de Carnaval

As sedes analisadas possuem um grande momento de encontro. Este encontro é estabelecido pelo desfile das duas agremiações. Multidão, misticismo, tradição, rivalidade e violência marcam o percurso de um cortejo que tem como principal objetivo a abertura oficial do carnaval de Olinda. De fato, muitas agremiações desfilam antes dessas, a própria prefeitura organiza uma abertura oficial dos festejos na quinta-feira antes desse desfile. Porém, para os dirigentes e membros das agremiações, os moradores de Olinda e mesmo alguns participantes é como se o grande desfile da madrugada perpetuasse o início da folia. O desfile, portanto, será o objeto de análise de nosso terceiro capítulo.

Percebemos que, durante o desfile das agremiações, as sedes ocupam diferentes papéis. Ao longo da noite, elas vão recebendo diferentes funções. Os clubes, as troças e os blocos se apresentam a partir de um desfile ou cortejo. As influências e elementos desses podem ter adotado “na medida do possível, o esquema básico do cortejo trazido para o carnaval pelos maracatus”. (BENJAMIN; AMORIM, 2002: p. 47) As agremiações desfilam como se levassem uma grande corte com vários elementos, como: “lampiões, o estandarte, o cordão dos homens, damas com ricas fantasias e a orquestra fechando o cortejo, excluída a corte real”. (BENJAMIN; AMORIM, 2002: p. 47). Os desfiles poderiam levar às ruas um cortejo real, porém sem a corte, sem as figuras do rei e da rainha.

O cortejo pode, também, ter chegado ao carnaval pela aglutinação das várias manifestações populares, pelo uso do modelo hegemônico imposto pelas procissões, ainda por ser uma caricatura de uma instância oficial, recurso frequente da cultura popular³⁰ do modelo conhecido/oficial. Como lembra Claudia Lima (2001: p. 137):

A estrutura da agremiação do Clube de Frevo ou Clube Carnavalesco assemelha-se muito às procissões quaresmais, de Cinzas e Fogaréus, comuns no Recife do século XVIII, trazendo o estandarte (bandeira) próprio das corporações medievais, com seus integrantes vestindo seda, calças de flanela e cordões com o distintivo da profissão. As corporações profissionais existentes no século XIX, remanescentes dos primeiros séculos de nossa colonização, deram origem, primeiro

³⁰ Bakhtin afirma que “o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as hierarquias, privilégio, regras e tabus” (1987: p. 8). Essa manifestação da cultura popular na Idade Média traz o riso carnavalesco que é, antes de qualquer coisa, um riso festivo “alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (1987: p. 10). O riso vence o medo de burlar e satirizar a ordem social conhecida, possibilitando a paródia e o sarcasmo. As sátiras, as caricaturas possuem um importante papel nas comemorações da cultura popular.

aos Clubes Carnavalescos Pedestres e, a seguir, aos Clubes de Frevo ou Clubes Carnavalescos, que durante o carnaval saíam às ruas para passear, cantando e dançando em visita a casas de pessoas amigas, onde comiam e bebiam, numa euforia comum àquela época.

Os desfiles das agremiações são, assim, construções históricas que, ao longo do tempo, foram se resignificando e guardando elementos de suas origens e criando outras posições ou personagens para, dessa forma, se adaptar as novas questões.

O desfile começa à meia-noite, com a saída do Homem da Meia Noite de sua sede, e segue até a chegada desse Clube à sede de Cariri. Inicia-se então a saída dessa última agremiação. Acompanhamos, para realização dessa etnografia, desfiles das duas agremiações entre 2013, 2014 e 2015. Procuramos, em cada ano, ocupar lugares distintos com objetivos diversos, buscando a percepção dos diferentes papéis que a sede pode ocupar ao longo do desfile. Dentro e fora das sedes, seguindo ou não as agremiações. Conversando com moradores e turistas, olindenses, pernambucanos e estrangeiros, correndo da multidão ou fazendo questão de estar no meio dela. Além de registrarmos com fotografias algumas situações dessas madrugadas.

Vamos apresentar nossa análise em cinco seções. Em cada uma, apresentaremos uma possibilidade de interpretação da sede durante o desfile. A sede como o ponto de concentração e saída, o lugar ocupado pelas práticas tidas como rituais, o espaço de grande euforia e também de violência, e o espaço possibilitador de encontros.

Também utilizaremos, como estratégia de análise, as várias fotografias retiradas diretamente pela pesquisadora ou coletadas em jornais e veículos virtuais para apresentar o desfile. O texto e as imagens estarão, a todo o momento, apresentando pontos importantes do desfile. Escolhemos por apresentar o desfile, além do texto, através de fotografias, pois a “primeira função das imagens em antropologia foi (e é) documentar, isto é, criar algo portador de informação que traz em si a inscrição e o registo de um acontecimento observável ou verificável” (RIBEIRO, 2005: p. 38). Dessa maneira, apresentaremos os registros visuais do desfile, por todo potencial de possuir informações que, por ventura, não serão descritas. Vamos utilizar a imagem como uma “segunda observação” (SAMAIM, 1995: p. 38), forma como Malinowski empregou em suas análises, ou seja, mais uma possibilidade de perceber aspectos importantes do grupo analisado.

Dessa forma, escolhemos por apresentar as imagens distribuídas ao longo do capítulo, seguindo o percurso do próprio desfile. Por ora, elas estarão diretamente relacionadas ao tópico ou análise, por ora, elas serão ilustrativas, mas percebidas em sua totalidade vão conduzir a mais uma possibilidade de interpretação do desfile.

3.1. Tudo começa na sede: a preparação para sair

Esta seção vai reunir as análises realizadas durante o período de espera para a saída da agremiação. Observação, conversas e registros marcam a coleta das informações deste momento. O cortejo precisa de um ponto de saída para começar seu desfile e esse ponto, nesse caso, é a sede do Homem da Meia Noite e a do Cariri. Anteriormente, as agremiações estavam relacionadas às suas sedes e seus bairros, os desfiles eram para os moradores e seus vizinhos. Com os concursos de agremiações carnavalescas, que foram criados pela Federação Carnavalesca, nos anos 1940, muitas agremiações passam a desfilar em locais específicos em que serão julgadas ou passam a desfilar em locais em que terão mais visibilidade, muitas vezes distantes de seus locais de origem e mesmo de suas sedes. Tanto o Homem da Meia Noite quanto o Cariri continuam a sair de suas sedes, podem até desfilar em outros locais durante o período momesco ou em outras épocas do ano, porém, nos dias específicos de seus desfiles, entre a madrugada do sábado para o domingo, é a sua sede o local de onde devem sair.

Enquanto estamos na expectativa e aguardando a saída do Gigante, em rápidas conversas, percebemos que é o misticismo que encobre as fronteiras da sede. “A primeira vez que eu fui, tive medo! Tinha um amigo que morava próximo da gente que fazia coisas lá na casa do Homem da Meia Noite. A gente ouvia cachorro latindo e essas coisas assim, sabe?” (autor desconhecido). Muitos que acompanham o desfile afirmam que o “Gigante é místico”, isso também aparece na fala dos dirigentes e pode ser interpretado de variadas formas, mas podemos apresentar as mais recorrentes associações: na primeira, temos o místico associado a aproximações religiosas, principalmente, às de matriz africana; outra possibilidade de interpretação é pensar o místico como o misterioso, as sensações que não são descritas, mas que são vivenciadas por participantes ou acompanhantes da agremiação; e ainda temos o místico como as muitas coincidências descritas pelos participantes e dirigentes que rodeiam a agremiação e não possuem explicações sistemáticas para seu acontecimento. Entre o

Gigante e a sua sede este misticismo preenche as ladeiras e seu desfile. Esse ar de mistério é bastante reforçado pelos seus participantes:

Que existe algo de diferente nele, existe. O que é? a gente não sabe, mas que tem algo de diferente nele que mexe com tantas pessoas. Só para se ter uma ideia, tem gente que entra na sede chega junto dele, faz uma oração dizendo que a partir daí começou o carnaval e rezando, como se ele fosse uma entidade religiosa, algo assim. (Luís Adolpho, em entrevista, 2012)

Os participantes da agremiação podem até afirmar não haver aproximações religiosas. Porém, as experiências que ocorrem com os participantes, bem como com os expectadores, aqueles que acompanham o desfile, e todas as expectativas misturadas à ideia de misticismo, acabam produzindo “experimentações”. Tuan afirma que:

A experiência é constituída de sentimentos e pensamentos. O sentimento humano não é uma sucessão de sensações distintas; mais precisamente a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência. (1983: p. 11)

As experiências, portanto, são constituídas através de sentimentos e pensamentos a partir das sensações produzidas inclusive pela memória. As histórias que são transmitidas pelos moradores e difundidas, inclusive pela mídia, acabam criando sentidos para a sede. Muitas explicações não têm uma condução sistemática de pensamento ou causas e efeitos claros, mas muitas vezes são associadas às coincidências, que acabam reforçando o ar de misticismo, e a sede é um dos elementos fundamentais, pois está envolvida por coincidências e, como boa parte do tempo armazena o Calunga, é a grande guardiã dos mistérios e do místico.

Eu, particularmente, acho que existe algo diferente nele. É que eu sinto isso. É, mas até porque, se a gente olhar direitinho, ele nasceu no dia de Iemanjá, 2 de fevereiro. O horário que ele sai é a meia-noite, o horário mais místico do povo brasileiro, a hora da mula sem cabeça, do lobisomem, etc, etc. Nossa sede social definitiva fica de frente à Igreja do Rosário dos Homens Pretos, a igreja mais mística da cidade. Eu comprei uma casa tentando escrever um livro que narra toda história dele e descobri que essa casa, onde você está, foi a primeira sede do Homem da Meia Noite. E eu não sabia, ele saía do quintal dessa casa e eu não sabia. (Luís Adolpho, presidente da agremiação em entrevista).

As alegadas “coincidências” são interpretadas, portanto, pelo presidente e por alguns dirigentes, como um reforço e um provocador de experiências. Uma experiência

que pode ser considerada como mística, se estabelecendo em meio aos mistérios e coincidências que preenchem de sentidos o que se passa na espera antes do desfile, dentro e fora da sede. O ar de curiosidade atrai o expectador que pode até se sentir desafiado a conhecer a agremiação e participar de todo este ar de mistério, comprovando as experiências, ou produzindo novas.



Figura 26: Fotografia retirada na frente da sede do Homem da Meia Noite, em 2014. Acervo pessoal.

Desta forma, muitos querem estar próximos da sede, muitos querem ver o momento tão aguardado da saída do Gigante da sede. A expectativa em torno da sede é grande, é nesse lugar que se guardam mistérios e segredos são revelados. Ainda nos momentos anteriores ao desfile, por exemplo, muitos questionavam com que roupa o Gigante iria desfilar. As cores já são conhecidas, mas o traje também se destaca e a curiosidade em relação a sua vestimenta.

Por volta das 22 horas, já encontramos muitas pessoas, jovens, crianças, idosos, homens e mulheres, na rua do Bomsucesso e na frente da sede. O Homem da Meia Noite contrata inclusive seguranças para controlar a entrada nesse lugar. Em outros anos, a entrada era liberada, porém, por medidas de segurança, hoje existe esse controle, pois “o povo entra e não quer mais sair de lá, e aqui não cabe todo mundo” (Marcia Botelho, dirigente da agremiação em entrevista). Assim, nem todos podem entrar nesse lugar, mas quanto mais próximo da meia-noite, mais gente preenche os espaços ao redor da mesma.

3.2. Um lugar de segredos

Além de trabalho com as reuniões de planejamento para a saída da agremiação é na sede que também ocorrem os preparativos rituais. Essas práticas consideradas rituais ajudam a fortalecer o ar de mistério da agremiação. Há vários momentos considerados rituais, pelos dirigentes da agremiação, um deles, por exemplo, é a ocasião da troca da roupa do Gigante:

Às 18 horas, a gente faz a troca de roupa que já virou um momento especial da saída do Clube. Antes do desfile existe um pequeno ritual dos diretores, se reúnem tomam cachaça, fazem orações pedindo proteção. Ocorre esse momento místico, derramam cachaça no chão. E é um dos momentos mais especiais que antecedem a saída do Homem da Meia Noite. Daí em diante, é aquela ansiedade toda, não só da diretoria, mas de toda população que fica querendo descobrir como ele vem. Qual o segredo que está guardado a sete chaves? (Luís Adolpho, presidente da agremiação, em entrevista).

A cerimônia é fechada, poucos podem participar, apenas alguns dirigentes e alguns participantes da agremiação. Ela começa, portanto, às 18 horas, com a troca da roupa do Gigante, seguido por orações e pedidos de proteção. Os participantes bebem cachaça e a lançam ao chão e, para finalizar, uma criança aparece jorrando perfume. Apenas homens participam desse momento. O misticismo e as curiosidades que envolvem essa agremiação são alimentados por esse ritual, que os entrevistados afirmam não ter vínculos religiosos. Contudo, para Mary Douglas, “santidade e não-santidade afinal não necessitam sempre ser opostos absolutos”, eles “podem ser categorias relativas” (1966: p. 21). No caso das práticas da cerimônia da Troca de Roupa, portanto, podemos perceber que os elementos religiosos e os não-religiosos não ocupam posições rígidas, podem ser percebidos como relativos sofrendo deslocamentos ou por estarem posicionados entre essas categorias. As práticas entendidas como rituais são todas as realizadas na sede, para o desfile da agremiação, e garantem uma boa condução do desfile. Para os dirigentes, é preciso realizar a Troca de Roupas para que a agremiação continue e que todo o planejamento dê certo, os rituais se repetem devido a sua suposta eficácia.

O rito reforça, ainda, “o lado social da comunidade tanto na efervescência dos longos meses de preparação quanto nos desfiles” (SEGALEN, 2002: p. 103). Percebemos que os ritos criam laços sociais e produzem sentidos à preparação, ao

desfile e à sede. O ritual ainda, “focaliza a atenção por enquadramento; ele anima a memória e liga o presente com o passado relevante. Em tudo isso, ajuda a percepção. Ou melhor, muda a percepção porque muda os princípios seletivos” (DOUGLAS, 1966: p. 82). Este pode ser um importante elemento para reviver a memória, fator fundamental que garante a continuidade da agremiação, ele muda a percepção dos participantes e acompanhantes do Clube, do Calunga e de sua sede, conduzindo a novas experiências. Percebemos também que sem os ritos, “algumas coisas não entrariam na experiência. Os acontecimentos que se desenvolvem em série adquirem sentido pelo fato de estar em relação com outros elementos da mesma série” (DOUGLAS, 1966: p. 83). Os rituais acabam conferindo sentidos às práticas realizadas, a sede e ao desfile e tudo isto possibilita as experiências.

Os rituais acabam produzindo novas experiências e vivências tanto para os participantes e dirigentes da agremiação, como para os que vão acompanhar o desfile. Os ritos aumentam a atmosfera de mistério e esta vivência é experimentada por quem acompanha o desfile. Enquanto pesquisadora, não pude acompanhar a realização do ritual, o que foi interpretado em nossa pesquisa, como mais uma das estratégias de continuar o misticismo.



Figura 27: O Gigante pronto para desfilhar, depois da cerimônia da Troca de roupa, 2014.³¹

³¹ Disponível em <http://carnaval.leiaja.com/carnaval/2014/03/02/homem-da-meia-noite-pode- virar-livro>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Ainda refletindo sobre a questão dos rituais, temos um Clube que se faz em torno de um Calunga bastante misterioso. O Homem da Meia Noite é considerado um grande calunga, esta categoria nativa lhe atribui uma natureza sagrada, uma aura sobrenatural, como afirma Bonald Neto (1992: p. 37):

Os bonecos gigantes em Olinda são também designados “calunga” pelos carnavalescos mais antigos. Os irmãos José e Anacleto Queiroz e o Mestre Isnard Colombo de Luna, em entrevista no ano de 1967 sobre o surgimento da Agremiação Carnavalesca do Homem da Meia Noite.

O Gigante, já chegou a pesar cerca de 50 quilos e tinha 3,50 m de altura, atualmente com quase 4 metros e com 48 quilos. Sua composição, nos primeiros desfiles, era de forma artesanal com sua estrutura em:

(...) madeira, a cabeça, o busto e as mãos eram modeladas em papel gomado, com acabamento de massa de parede e depois pintadas na cor de pele humana. Os braços eram recheados de palha de colchão e os punhos e as mãos continham certa quantidade de areia para pesar e mantê-los em posição quando das evoluções do gigante folião no passo do frevo. (ANDRADE, 2012)

O termo calunga é carregado de sentidos místico e religioso. Está diretamente relacionado à boneca de madeira dos Maracatus Nações, ou de Baque Virado. Ele ainda tem outro significado no vocabulário popular dos mais antigos brincantes de Bumba-Meu-Boi e de carnavalescos olindenses. Como afirma Bonald (1992: p. 37):

A palavra calunga é plena de sugestões mágicas, quer por sua origem mística africana, quer pelo significado nos Maracatus, no Mané-gostoso ou Mané Pequeno do Bumba-Meu-Boi ou no Homem da Meia Noite. Na língua quimbunda, do grupo Banto, falado em Angola, – local de onde vieram numerosos grupos de escravos para Pernambuco – Kaluga significa boneco pequeno, ratinho, e também designa uma divindade secundária do culto Banto, tudo levando a aceitar o sentido místico e talvez até mágico que bonecos gigantes têm na concepção popular.

Para manter essas restrições, é na sede que o Calunga fica guardado por todo o ano, sua réplica é que fica exposta para visitação. O Calunga não pode ser carregado por todos e de todo jeito.  , então, o seu Pedro Garrido Mangabeira o responsável por carregar e dar vida ao Gigante, ele está nessa mesma função há mais de 20 anos. Para isto, ele não pode ingerir bebidas alcoólicas durante os dias do desfile e passa também por uma série de preparativos e restrições para conduzir o Gigante.

Por mais que os nativos afirmem que não há vínculos religiosos, as categorias utilizadas, as ressalvas e restrições feitas, tanto para quem o carrega como para quem troca a sua roupa, se aproximam bastante das manifestações de matriz africana. Talvez a consciência religiosa tenha se perdido com o tempo, mesmo com a permanência de influências e práticas, ou, talvez, esta associação queira ser esquecida propositalmente, mas, de uma forma ou de outra, as aproximações precisam ser ressaltadas.

3.3. A sede pode ser também protagonista

A semana de preparação para o desfile é de trabalho na sede. Além de terminar os últimos preparativos, é na sede que é comercializada a camisa da agremiação. Já faz alguns anos que a agremiação cria camisas com os temas apresentados na rua. A ideia partiu da irmã de Márcia, uma das dirigentes do Homem da Meia Noite, segundo o presidente da agremiação, esta indagou: “Por que tu não faz uma camisa com um fraque? Ela pegou um piloto e desenhou. Isso vai dar certo?!”. Deu certo, a procura pelas camisas é bastante intensa: “Aí eu contratei uma menina que é designer para fazer e que continua até hoje” (Luís Adolpho, em entrevista). Na sexta-feira anterior ao desfile, enquanto estive na sede, várias pessoas compravam e visitavam o espaço. Os tamanhos iam acabando aos poucos. No fim da tarde, só existiam os números grandes e, mesmo assim, as pessoas continuavam comprando.



Figura 28: A camisa do carnaval de 2014 é a primeira à esquerda. Acervo pessoal.

Durante toda à tarde, era um entra e sai na sede. Quando questionei sobre o desfile, “tudo está pronto, agora é só esperar para a hora”, respondeu dona Márcia, uma das dirigentes do Clube. A camisa era o principal assunto desse dia que antecedeu o desfile. A procura era muito grande. Muitos também opinavam e diziam que estava mais bonita, ou não, que a dos anos anteriores. Alguns compradores já tinham as camisas de vários anos. Ocorreram alguns conflitos no que tange à comercialização das camisas, pois algumas pessoas entendem que a aquisição da camisa dá direito, por exemplo, a entrar na sede no dia do desfile, o que não necessariamente acontece, já que a entrada na sede é limitada, pois ela é pequena e o público que acompanha o desfile é enorme.

Chegamos ao tão esperado momento, o sábado de carnaval, as ladeiras vão ficando cada vez mais cheias, quanto mais próximo da meia-noite, mais gente a entrar na rua do Bonsucesso, tentando se aproximar da sede. Faltando dez minutos para a meia-noite, parece não caber mais ninguém nessa rua. A expectativa, que já era grande, vai ficando cada vez maior. Durante as ocasiões da pesquisa, nos deparamos com moradores de Olinda, da Região Metropolitana do Recife (RMR), de outros Estados e até de outros países. Gente que sai da sua casa em Olinda e na RMR, sai do desfile do Galo da Madrugada³², que também ocorre nesse dia, todos rumo ao encontro com o Gigante.

Todas as atenções são voltadas para a sede, qualquer movimento nesse espaço produz uma enorme euforia do lado de fora. Como se o momento da saída pudesse revelar segredos, apresentando os mistérios que ali estavam guardados. Aos poucos, o Gigante vai preenchendo o seu espaço.

³² O Galo da Madrugada é um bloco carnavalesco que sai todo sábado de carnaval do bairro de São José, e desfila pelos bairros da região central da cidade do Recife. Foi oficialmente considerado pelo *Guinness Book*, o livro dos recordes, o maior bloco de carnaval do mundo em 1995. Ver informações: <http://www.galodamadrugada.org.br/>. Acessado em 20 de abril de 2015.



Figura 29: Gigante em pé, está perto do desfile começar, 2014.³³

Basta saírem da sede o relógio e as chaves que começa uma enorme gritaria. Esses elementos começam a se posicionar, ocupando a rua, assim como a orquestra, os passistas e a diretoria. Uma contagem se improvisa e os clarins anunciam o momento mais aguardado.



Figura 30: Os clarins que anunciam a festa, 2014.³⁴

³³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nBsA_gMBvU4. Acessado em: 20 de janeiro de 2015.

³⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2012/noticia/2012/02/em-olinda-homem-da-meia-noite-volta-desfilar-na-segunda-feira.htm>. Acessado em 20 de janeiro 2015.

A saída da sede é o momento mais aguardado, quando as fronteiras entre a sede e a rua se rompem, tudo parece entrar em festa. Os gritos, os papéis picados e os fogos de artifício cobrem de brilho, sons e cores as ladeiras e, por poucos minutos, tudo parece ser preenchido pelo Gigante. Nesse momento, cenário e atores parecem que possuem papéis parecidos, são protagonistas de “um novo mundo” (DAMATTA, 1997) festivo e carnavalesco que se estabelece e as reverências do e com o Calunga serão a constante da continuidade desse desfile.



Figura 31: O gigante deixa a sua sede, 2014.³⁵

Rituais tomaram conta do dia, mistérios rondam a sede, mas a saída já produz, por si, um momento único. Um grande espetáculo mediado pelas imagens e práticas estabelecidas pelo Gigante. Entendemos que espetáculo “não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens” (DEBORD, 2003: p. 9). Não é apenas a presença de um gigante ou a captação da imagem pela mídia e posterior divulgação, mas a imagem do Calunga e seus cumprimentos que representam, subjetivamente, sentidos que fazem as pessoas irem a este encontro. Os mais simples gestos do Homem da Meia Noite parecem grandes acontecimentos e a imagem dele é o que todos querem, muitos ainda tentam imitá-lo, usando fantasias, camisas, adornos ou mesmo as cores da agremiação. Não é apenas pela imagem do Gigante pura e simplesmente que as pessoas vão para Olinda nesse dia, mas pelo que sua imagem proporciona, o que ela mediatiza, que são, no fundo, relações humanas, o que muitos

³⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBos97BjLYQ>. Acessado em 20 de janeiro.

querem é perpetuar uma experiência pessoal de alegria, de conquista, um contato com um Gigante, produzindo atos gigantescos.



Figura 32: Surpresa, encantamento, admiração. É o desfile do Homem da Meia Noite, 2014³⁶.

É um espetáculo de brilho e cores, alegria, euforia, o que outrora poderia fazer sentido apenas para os participantes ou moradores de Olinda, nas últimas décadas passou a atrair multidões e essas multidões passam a viver, experimentar as emoções descritas pelos participantes: mesmo que não tenham os mesmos sentidos conseguem produzir experiências. Podemos pensar no espetáculo enquanto um processo de constantes mudanças e ressignificações, e percebemos nesse desfile elementos que estão passando pelo processo de espetacularização, que segundo José Jorge de Carvalho pode ser entendida

como a operação típica da sociedade de massa, em que eventos, em geral de caráter ritual ou artístico, criado para atender a uma necessidade expressiva específica de um grupo é preservado e transmitido através de um circuito próprio, é transformado em espetáculo para consumo de outro grupo, desvinculado da comunidade de origem. (2010: p. 47)

³⁶ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cantodaimagem/12993321924/in/photostream>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Poderíamos entender que alguns desses elementos da espetacularização estão presentes no desfile do Homem da Meia Noite. A coletiva de imprensa que divulga o tema e homenageados da agremiação, assim como as coletivas que explicam o sistema de segurança e as mudanças do percurso podem ser estratégias destinadas a alcançar as grandes massas. O Homem da Meia Noite foi criado para atender as necessidades de um grupo que não aceitava algumas posições de outra agremiação carnavalesca, criando assim sua própria agremiação. Os elementos desse Clube atravessaram e foram transmitidos por mais de 80 anos, porém, atualmente, seu desfile atinge muito os visitantes de Olinda. Algumas casas permanecem abertas e esperam a passagem da agremiação, mas muitas casas de moradores permanecem fechadas durante o desfile, entretanto, as ladeiras ficam cheias de pessoas dos mais variados lugares.

Autores, como Debord (1997), podem interpretar o espetáculo como um esvaziamento de sentidos devido às relações capitalistas. Podemos, em contrapartida, perceber que as agremiações carnavalescas, assim como demais elementos da cultura popular nas sociedades capitalistas, podem se modernizar e criar novos sentidos de continuidade de suas práticas e assim continuarem vivas. Essa dinâmica, já foi vista como uma forma de deturpar ou destruir os elementos populares, mas é preciso perceber que as relações sociais estão em constante transformação e que uma agremiação, por exemplo, com mais de 80 anos precisou estabelecer mudanças em seu desfile, em seus participantes e em suas práticas para continuar desfilando.



Figura 33: Como é Gigante, 2014³⁷

Uma das mudanças que o Homem da Meia Noite passou, ao longo do tempo, foi acerca da estrutura de seu desfile. Os clubes eram compostos por mais de 200 figuras contendo diretoria masculina, balizas puxantes fantasiados de morcegos, capoeiras, porta-estandarte, figuras históricas do império, figuras da profissão, cordão de homem e mulheres, o símbolo do clube e a orquestra com no mínimo 20 homens (REAL, 1990: pp. 15-16). Cada grupo representava ideias políticas, profissões, bairros e rivalidades, quando se encontravam se mostravam de forma tensa e conflituosa e, como informa Cláudia Lima, apresentavam os porta-estandartes vestidos à Luiz XV, que se revezam empunhando o símbolo maior da agremiação (2007).

No caso do Homem da Meia Noite, a estrutura é mais simples. Além da abertura, como já foi exposto, com os clarins, a diretoria abre os caminhos do desfile, seguido dos passistas, uma chave que representa a abertura oficial do carnaval é carregada, assim como um relógio apontando meia-noite, a(s) orquestra(s) e o Calunga. A orquestra assim como os passistas são contratados pela agremiação. O Clube não possui esses dois elementos e como muitos outros clubes e troças terceirizam esta atividade, dessa maneira, contratam de forma remunerada os grupos.

³⁷ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/cantodaimagem/12993321924/in/photostream>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.



Figura 34: Os passistas conduzem o desfile, 2014.³⁸

Estrutura estabelecida, o Gigante na rua, segue o espetáculo. A primeira grande reverência e novamente a euforia toma conta da rua. Gritos acompanham os gestos do Gigante que cumprimenta sua sede.



Figura 35: Cumprimentado a sua casa, 2014.³⁹

³⁸ Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2014/noticia/2014/03/homem-da-meia-noite-cumpre-tradicao-e-oficializa-foia-em-olinda.html>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

³⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=nBsA_gMBvU4 Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Um gesto que poderia ser singelo, mas por ser realizado por um Gigante se transforma em um momento muito aguardado, após sair da sede o Calunga se vira e reverencia o seu lugar, por respeito ao local em que fica armazenado por todo ano, ou por todo o processo ritualístico vivenciado naquele dia.

A sede do Gigante, que não é casa de nenhum participante, é o pedaço que aqueles que acompanham a agremiação procuram para demonstrar sua simpatia e seu carinho. É a casa e a guardiã dos segredos dos rituais e o local que abastece ainda mais os mistérios que envolvem a agremiação e que, no momento em que o Calunga sai, é a primeira a ser reverenciada, demonstrando toda gratidão pelo local de seu abrigo, por ser guardado nesse espaço, ou ainda por lembrar que lá é um espaço dos seus rituais e é preciso saudar esse lugar ao sair dele, para fazer com que o desfile aconteça da melhor forma.

Esse gesto vai ser repetido na frente das casas dos amigos, de pessoas importantes e lugares marcantes para a agremiação e para Olinda. Para as casas que ficam abertas e para os moradores que tanto aguardam é um momento especial. Tereza Costa Rego, artista plástica de Olinda que produziu a roupa do Gigante, em 2014, organiza todos os anos um jantar, em sua residência, no Amparo, para esperar a saída do Gigante e a reverência de sua casa.



Figura 36: O Gigante encontra com Tereza Costa Rêgo e reverencia a artista plástica, 2014.⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nBos97BjLYQ> Acessado em 20 de janeiro de 2015

O desfile segue com uma multidão, saindo do Bonsucesso, passando pelo Largo do Amparo, rua do Amparo, Quatro Cantos, Ribeira, São Bento, Rua da Pitombeira e Prudente de Moraes. Após esta primeira etapa, o Clube volta aos Quatro Cantos e vai pela rua do Amparo para o Guadalupe, retornando depois ao Bom Sucesso⁴¹. O percurso dura em torno de três horas e meia, pelas dificuldades de deslocamento ocasionadas pela enorme concentração de pessoas. Essa enorme aglomeração de pessoas acarreta também outras dificuldades para o desfile, como a violência, que será analisada no próximo tópico.

3.4. No meio do caminho tinha conflitos

O caminho percorrido por esse desfile vai interligar as duas sedes analisadas nesse trabalho. Acompanhamos a saída do Homem da Meia Noite, a expectativa do folião, os preparativos rituais e a euforia de sua saída. Depois desse momento, o cortejo começa e tem início as várias reverências e cumprimentos do Gigante a sua sede e às várias casas de amigos e vizinhos de Olinda. No entanto, conflitos vão preencher também esse desfile. A violência é um dos aspectos possíveis de ser observados durante o desfile e é uma das questões que mais preocupa os dirigentes da agremiação.

O espetáculo traz cores, brilho alegria e uma multidão às estreitas ruas de Olinda. Um dia de desfiles, algumas troças desfilam em Olinda e, na cidade vizinha, o Galo da Madrugada ganha às ruas do Centro do Recife. Esses elementos acrescidos do forte consumo de bebidas alcoólicas podem fazer com que o desfile da madrugada apresente também, como uma das principais marcas, as várias manifestações de violência.

Poucos momentos antes do desfile começar, muitos foliões cantavam: “Th! Fudeu! O Homem apareceu!”, o coro se improvisava, mais parecia que estavam entoando um grito de guerra. Quando a agremiação sai da sede, por alguns momentos, é como se tudo isto fosse esquecido. Porém, como presenciei em 2014, pouco tempo depois de sua saída, a orquestra já parava de tocar devido aos vários casos de violências. Os participantes e dirigentes da agremiação não gostam desse tipo de aquecimento ou

⁴¹ Novas modificações voltaram a acontecer com relação ao espaço de desfile em 2015. Ver <http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/02/03/>. Acessado em 03 de fevereiro de 2015.

preparação para o cortejo. Entendemos por violência, as brigas e várias confusões que ocorrem durante o desfile. Casos de brigas com armas como facas, pedaços de vidro e com pessoas gravemente feridas são muito presentes nas conversas.



Figura 37: Como as ruas parecem ter ficado tão estreitas e ao mesmo tempo tão largas, 2014.⁴²

“Se não fosse a violência, eu ia morrer sendo presidente do Homem da Meia Noite”, afirma o presidente da agremiação. O desfile é o momento que recebe forte atenção e cautela, principalmente, por causa dos vários episódios de violência que ocorrem nessa ocasião. Esse é um problema para os dirigentes e pode ser entendido como uma das maiores preocupações da agremiação.

A gente tem que aprender a conviver com a violência. A violência está no dia a dia da gente, esta no trabalho, na rua [...].

O Homem da Meia Noite é como se fosse um espelho, porque sai à meia-noite, um horário terrível, com uma multidão incalculável, com gente que já vem do Galo bêbada. Faz com que seja tido como violento, o que não é. A história do Homem da Meia Noite não é essa. Isso foi de um tempo pra cá. Não existia isso não. Primeiro, não era um Clube popular de tanta gente não. É uma coisa que aconteceu dos anos 1970 pra cá. (Luiz Adolpho em entrevista)

⁴² Disponível em: <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2014/noticia/2014/03/homem-da-meia-noite-cumpre-tradicao-e-oficializa-folia-em-olinda.html> Acessado em: 20 de janeiro de 2015

Quanto mais gente, mais casos de violência. Até os anos 1970, os participantes afirmam que não se verificava casos de violência, a agremiação tinha seus desfiles voltados para os moradores e não levava às ruas tanta gente. Porém, com o aumento da divulgação do carnaval de Olinda, a agremiação vai ficando mais conhecida e despertando o interesse de um vasto público. Ainda podemos elencar que a violência é uma constante do cotidiano das cidades, onde a desigualdade social ainda é grande e os fatores práticos, como a forte ingestão de bebidas alcoólicas e do desfile ocorrer em dia já bastante agitado, contribuem para seu aumento.

Os dirigentes que estão há mais tempo na agremiação também afirmam que os carnavais anteriores não eram marcados pela violência, que essa vem aparecendo cada vez mais e que sua existência não pode ser negligenciada.

As festas de Momo são festejos associados à libertação e aos excessos, se comia bastante e se bebia bastante, como afirma Burke, e as cenas de violência também não são novidades quando pensamos nos carnavais pelas representações de execuções ou castigos públicos (1989: p. 268) ou nas ocasiões de protesto social quando aconteciam os motins e rebeliões que podiam gerar o mau carnaval (1989: p. 276).

Também podemos perceber a violência na ocasião do entrudo, reminiscência das antigas festas pagãs (LIMA, 2001: p. 63). O entrudo adentra o calendário das festas cristãs trazendo o sentido de “introdução” – a palavra “entrudo” vem do latim *introitus* que significa “introdução” –, era a transição para o início da quaresma, momento de resguardo. A brincadeira atravessa o tempo, sai da Europa para a colônia portuguesa constituindo uma festa marcada pela exposição de uma guerra simbólica nas ruas, caracterizada pelos ataques entre os participantes com armas munidas, a princípio, de lima-de-cheiro e, tempos depois, de água suja, farinha e muitas outras coisas possíveis de serem arremessadas.

Dessa forma, percebemos que a violência é uma questão recorrente nos carnavais. Nos desfiles do Homem da Meia Noite, o número de conflitos tem aumentado a cada ano. Para os participantes, é preciso contratar seguranças particulares para garantir o início do desfile e, de alguma forma, controlar a entrada na sede e também para garantir a segurança dos participantes e dirigentes durante o desfile. As negociações com a polícia também acontecem, o desfile leva às ruas uma multidão e se faz necessário um sistema eficiente de segurança.

Eu já cheguei a sair com três policiais do meu lado e talvez esse ano teve menos violência do que este em que eu sai com 300. Isso num intervalo de 8 anos. Culpa da polícia? Não. Mostra o crescimento da violência, que é algo assustador. (Luiz Adolpho em entrevista)

A polícia dialoga com os participantes, porém o Homem da Meia Noite não conta com um grande efetivo policial, já que a maior parte dos policiais está no Galo da Madrugada. Mas, a cada ano, o Clube consegue mais contingente. Muitos pedidos foram feitos para agremiação como, por exemplo, mudar de horário, o que, para os participantes, é praticamente impossível. O que os dirigentes têm modificado nos últimos anos, e que possivelmente irá sofrer mais mudanças, é com relação aos locais em que o desfile vai passar, pois são priorizadas as ruas em que os moradores aguardam o Gigante, como as do Amparo e as ruas com uma iluminação melhor.

Mudar o horário é praticamente impossível, mas vai chegar o momento que ele vai sair, cumprimentar as pessoas, no Bonsucesso chegar no Largo do Amparo e voltar para sede. (Luiz Adolpho em entrevista)

Para redução dos danos ou mesmo para tentar minimizar o problema, mudanças nos locais do desfile ocorrem, porém nem tudo pode sofrer alterações como, por exemplo, o horário. Para os dirigentes e o presidente, o horário faz parte da tradição e, por isso, deve ter continuidade. No entanto, a análise da violência também pode apresentar as dinâmicas pelas quais a agremiação passa, a violência acaba sendo um estímulo que pode representar as adequações e negociações que são estabelecidas para produzir os desfiles.

3.5. O espaço de encontros

O desfile foi considerado, em nossa análise, como mediador entre as duas sedes. Nessa madrugada, as duas sedes são visitadas e motivadas por seus desfiles. As duas agremiações cumprimentam uma a sede da outra em uma noite que favorece bons encontros.

Antes de retornar a sua sede, O Homem da Meia Noite possui uma parada obrigatória no Largo do Amparo. Lá, outra sede está de portas abertas, esperando a chegada do Gigante. Na sede do Cariri, desde a meia-noite, ocorre uma grande festa,

quem compra a camisa pode participar do encontro dos que gostam dessa agremiação e ficam a espera de sua saída às 4 horas da manhã.

Trabalho e reuniões mobilizam as atividades que ocorrem na sede do Cariri nessa semana. Durante o mês de janeiro, a sede serviu, além dos últimos ensaios dos passistas e de orquestras, para organização de várias outras agremiações. Contudo, essa madrugada é de festa, aguardando a saída da agremiação.

Na madrugada, a espera de seu desfile é animada, uma festa com *buffet* e *show* com banda, garantem uma concentração acalorada para aqueles que adquiriram a camisa, dentro da sede no largo do Guadalupe. Logo depois da meia-noite, começa uma reunião de várias pessoas a espera da chegada do Homem da Meia Noite e da saída de Cariri.



Figura 38: A sede de Cariri se preparando para folia, 2014.⁴³

Ainda com uma grande multidão, pouco antes das 4 horas, chega o Homem da Meia Noite à frente da sede de Cariri e outro momento bastante aguardado acontece, a entrega das chaves do Gigante para esta Troça. Como foi apresentado no segundo capítulo, seria o Cariri a agremiação que, depois da passagem de Zé Pereira por Olinda, seria a responsável pela abertura do carnaval.

⁴³ Disponível em <http://www.leitecariri.com.br/noticias/2013/02/19>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

A chave de Cariri é a mesma desde o primeiro desfile da agremiação, todos os anos ela recebe uma nova pintura e é adicionado o ano do desfile, sobre o anterior. A chave que o Homem da Meia Noite leva é uma espécie de réplica a ser entregue ao Cariri, a passagem de uma agremiação para outra é como se o Clube entregasse a réplica da chave do carnaval e da cidade à Troça, porém é a troça que conduz a chave que representa a abertura do Carnaval. Toda esta encenação acontece na frente da sede de Cariri. As sedes, ao longo desse desfile, são, portanto, os cenários dos momentos mais aguardados, as principais ocasiões acontecem na frente, dentro e com as sedes. Mostrando como esses espaços são significativos para os participantes das duas agremiações.



Figura 39: A chegada do Homem da Meia Noite à sede do Cariri, 2015. Acervo Pessoal.

Para ambas, cada grupo é quem abre o carnaval. Para o Homem da Meia Noite, por sair primeiro, ele se torna o responsável pela abertura. Já para o Cariri, o Homem da Meia Noite seria considerado como o Zé Pereira, que desfilava no sábado de carnaval e que depois de sua passagem a folia de Olinda poderia ser iniciada. Dessa forma, para a Troça, o Gigante sai ainda no sábado e depois de sua passagem cabe ao Cariri a abertura dos festejos, já que, para os moradores mais antigos de Olinda, o carnaval nas ladeiras

começa no domingo. Com essa rivalidade, todos saem ganhando, pois os desfiles de ambos acabam se fazendo cada vez mais criativos e sempre se afirmando como os iniciadores.



Figura 40: O grande encontro em 2012.⁴⁴

Depois desse grande encontro, o Homem da Meia Noite retorna para sua sede, alguns poucos foliões ainda seguem com a agremiação, mas pouco tempo depois desse momento começa o desfile de Cariri. O personagem principal dessa agremiação desfila montado em uma burra que recebe um tratamento mais que especial, passa o dia inteiro recebendo alimentação e só desfila ao lado de seu dono, evitando, assim, maiores problemas. A agremiação se orgulha bastante de desfilar não com um boneco, mas lembrando um personagem que realmente existiu.

⁴⁴ Disponível em <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2012/noticia/2012/02/homem-da-meia-noite-entrega-chave-de-olinda-troca-cariri-olindense.html> acessado em 20 de janeiro de 2015.



Figura 41: Preparação para a saída de Cariri, 2015.⁴⁵

A estrutura do desfile da Troça possui “uma faixa, vem a chave, vem o burro e o velho, o estandarte, o passista e a orquestra” (Romildo Canuto, em entrevista). Assim como o Homem da Meia Noite, o Cariri também possui uma estrutura simples. Essas agremiações, por não participarem dos concursos de agremiações carnavalescas, não precisam seguir as regras e os personagens que as agremiações do frevo podem apresentar, por se apresentarem apenas em ocasiões específicas, então, possuem uma maior liberdade na composição de seus desfiles. Para as agremiações escritas, os personagens devem estar evidenciados, assim como devem apresentar uma boa performance, de acordo com as regras previstas. Diferentemente de agremiações como o Cariri, em que a performance é importante, mas a maior responsabilidade é realizar o desfile em seu bairro, para sua comunidade.

Os clarins anunciam e assim tem início o desfile, fogos de artifício também colorem a noite. O velho vem saindo aos poucos da sede, durante muito tempo não se sabia a identidade de quem se vestia de Cariri, o que criava um ar de mistério e assustava as crianças, já que, segundo o Hino e algumas histórias, o Cariri roubava crianças e colocava em seu saco.

⁴⁵ Disponível em: <https://triunfob.wordpress.com/2009/02/21/la-vem-o-cariri>. Acessado em 20 de janeiro de 2015.



Figura 42: O saco do velho Cariri, 2015. Acervo pessoal.

O velho sai da sede em meio a fotografias e forte assédio. A alegria toma conta desse momento, sua burra vai aos poucos se posicionando. Quando o velho monta em sua burra, aplausos, alegria e euforia tomam conta da sede e de seu entorno. O hino da agremiação é entoado e, pronto, o Cariri já pode começar o seu cortejo.



Figura 43: Passistas, amigos e o Cariri já está na rua, 2015. Acervo pessoal.

Mas não se pode desfilir sem primeiro reverenciar a sua sede. Através do porta-estandarte estas reverências acontecem, a sede é a primeira a ser lembrada e agraciada por toda dificuldade que foi consegui-la e por toda a disputa que é mantê-la. Nos primeiros momentos do desfile, ela é saudada.



Figura 44: Saudação do porta-estandarte, 2015. Acervo pessoal.

O desfile de Cariri segue pelo Guadalupe e Amparo acordando as pessoas e começando a folia do domingo de carnaval, não dispõe de nenhum efetivo da polícia, pelo menos não percebemos nenhum policial e mesmo os dirigentes afirmam que só podem contar “com nossa Senhora de Guadalupe”. Eles afirmam que o público é maior na saída, depois é reduzido a moradores e vizinhos de Olinda. É o que eles chamam “de porta e janela”, as pessoas esperam Cariri passar para sair de suas casas e, pelo horário, a maioria das pessoas está acordando para ver o Cariri.



Figura 45: Segue o desfile de Cariri, 2015. Acervo pessoal.

Klesio, um dos dirigentes, afirma, e também percebemos, que é um desfile tranquilo, sem maiores incidentes, não visualizamos nenhum conflito com violência. Os dirigentes alegam que, às vezes, quem dá trabalho é a burra que empaca e resolve que não quer mais desfilar. A Troça, por vezes, ainda passa na frente da sede do Homem da Meia Noite para devolver a chave e também cumprimentar essa sede, por uma relação de respeito e reciprocidade à visita anterior. Quando a devolução da chave não acontece assim, membros de uma das agremiações vão à sede do outro para devolver isso depois do carnaval.



**Figura 46: O dia amanhece embalado pelo Cariri que inicia a folia no domingo de Momo, 2015.
Acervo da Troça**

Quando o Cariri recolhe, o dia já está começado, já por volta de 8 horas, a orquestra da Troça, quando termina seus acordes, começa um dia de animação em Olinda. O Cariri abre as portas para o grande desfile das muitas troças, blocos e clubes que tem no domingo o dia certo para os seus cortejos.

As sedes preparam o desfile de suas agremiações por todo ano e nesse dia tão especial elas atuam não apenas como cenário, mas como verdadeiras protagonistas do desfile. Nesse período de grandes carnavais, ou de carnavais que arrastam multidões as duas agremiações levam às ruas um público enorme e, com horários tão específicos, conseguem fazer uma grande festa.

As duas sedes funcionam de pontos de concentração tanto dentro quanto fora. Por dentro, no Homem da Meia Noite, muitos querem entrar para visualizar o Gigante

antes de sua saída, no Cariri, a festa com *shows* anima a espera pela saída do velho mascate. Fora das sedes as pessoas vão se juntando e chegando para ver a saída de ambas as agremiações, há quem saia de um desfile correndo para ir ver a saída do outro.



Figura 47: Momentos antes do desfile de Cariri em sua sede, 2015. Acervo pessoal.

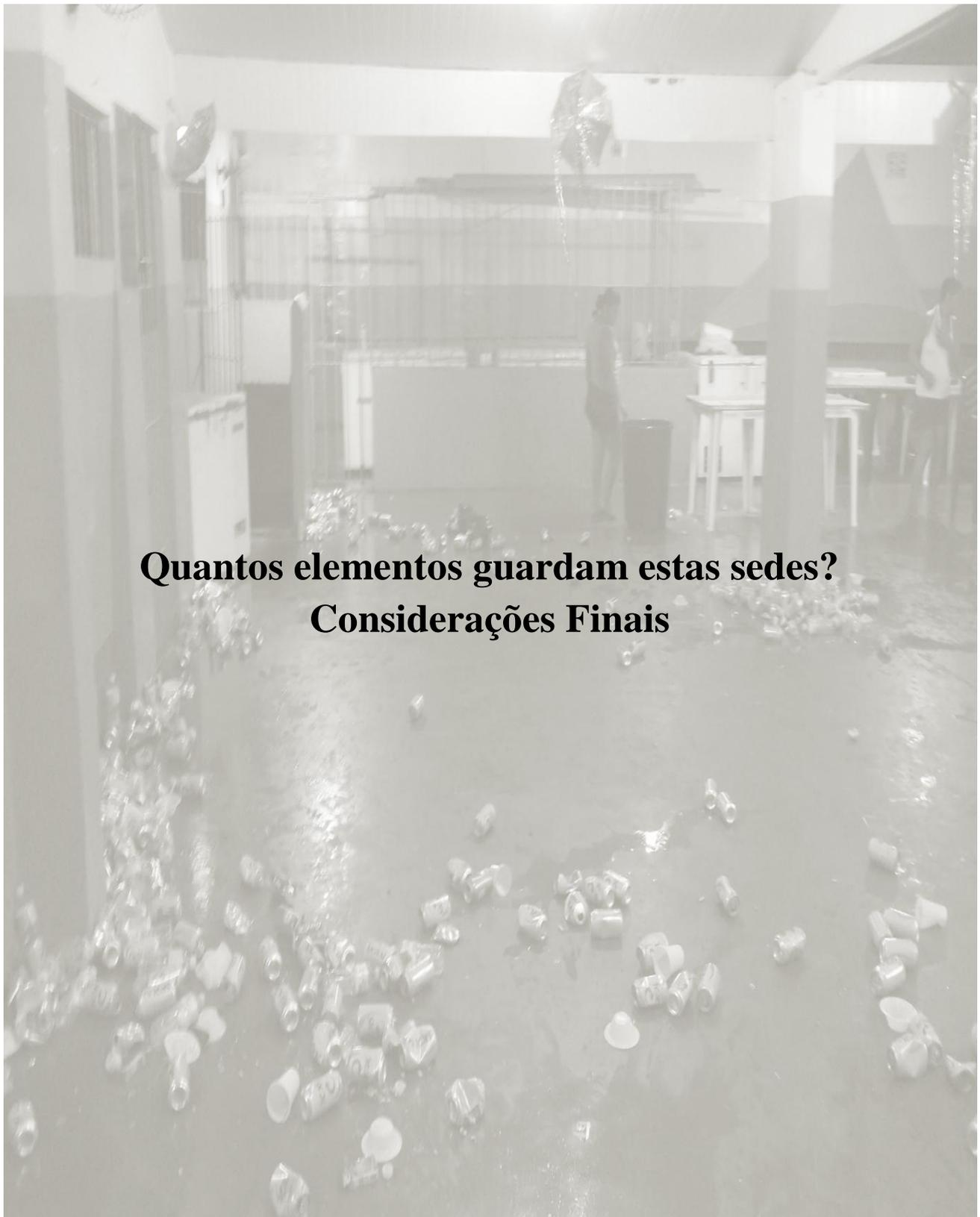
Na sede do Gigante ainda temos a realização de rituais que preenchem de mais sentidos esse lugar, é lá em que tudo acontece e onde muitos querem estar. A saída é a ocasião mais aguardada nas duas agremiações, à meia-noite em ponto sai o Gigante e quando ele cruza a fronteira, euforia e alegria parecem preencher as ladeiras de Olinda. A sede espera sua reverência que logo acontece e a permissão para brincadeira começa. Na sede de Cariri, o velho monta em seu burro e o porta-estandarte entende que a sede precisa ser reverenciada. Esses lugares não podem ser esquecidos e só depois desse cumprimento é que o desfile começa.

Fogos de artifício dão brilho, as orquestras produzem os sons, os passistas colorem e movimentam a noite, mas a violência também é uma das marcas do desfile do Homem da Meia Noite, questão que produz negociações, mudanças no desfile. Mas o Gigante continua a sair às ruas.

Rivalidades marcam as duas agremiações, dissidências de Cariri geram, por exemplo, o Homem da Meia Noite. A abertura do carnaval é uma questão defendida por cada uma dessas agremiações, mas, durante o carnaval, seus desfiles produzem um elo entre elas. O desfile remedeia as rivalidades e produz uma rede de interação entre o Clube e a Troça.

Os desfiles levam uma multidão a seguir um Gigante e um velho mascate sertanejo. O gigante é um tema recorrente tanto em procissões religiosas quanto no carnaval. Burke (1989) afirma que nos carnavais europeus, na Idade Moderna, carros alegóricos levavam às ruas pessoas fantasiadas de gigantes (BAKHTIN, 1987). Os bonecos gigantes aparecem em uma vasta bibliografia. Em seu levantamento, Bonald Neto afirma que em muitas culturas e celebrações podemos perceber a figura de um gigante. Esse pode romper com as dificuldades, enfrentar os obstáculos, vencer as mais variadas situações. Pensando no desfile de Cariri, a multidão segue um velho montado em um burro, pensando nas afirmações de Burke, que o carnaval seria uma festa que proporciona a inversão não apenas no que tange à religiosidade, mas ao cotidiano. Assim temos que, durante este período, seria possível que um velho mascate fosse agraciado com as honras de um rei, com um cortejo e sendo acompanhado por vários súditos. O Cariri sai agraciando os seus vizinhos como um rei que salda a sua população.

As sedes guardam todos esses elementos na ocasião do desfile, a expectativa da saída da agremiação, a preparação e o trabalho de seus dirigentes, os rituais que foram realizados com seus segredos, todo o encantamento da saída, as várias possibilidades de encontro entre as agremiações, se encontrando em rivalidades ou reciprocidade e, por fim, se encontram por guardar o ano todo personagens que desfilam como reis no carnaval. Um por ser um Gigante, que enfrenta todas as dificuldades, inclusive as de seu desfile e outro por romper com os valores de nossa sociedade, dando ao mais simples a possibilidade de reinar e agraciar a noite. Muitos poderiam ser um gigante ou mesmo esse mascate para serem lembrados, como não são, acompanham esse desfile para, de alguma forma, viver e experimentar os elementos que essas sedes podem guardar.



**Quantos elementos guardam estas sedes?
Considerações Finais**

Finalizamos esse texto tentando responder a esta que foi a afirmação defendida ao longo da dissertação e a pergunta que norteou nossa pesquisa: Que elementos guardam estas sedes? Essa pergunta tem todas as respostas possíveis, história, mistérios, segredos, dificuldades, continuidade.

As sedes guardam uma história de conquistas em suas edificações e acabam, dessa forma, representando a história de suas agremiações. Marcam os deslocamentos com as preocupações de planejamento e preparação com o carnaval, destacam a importância do compromisso e do trabalho na produção de seus desfiles.

A manutenção é uma das dificuldades que faz com que se produzam, com uma imensa criatividade, diversas alternativas para arrecadação de fundos. As agremiações precisam estar preparadas para as demandas financeiras, tanto para conseguir sair às ruas como para continuarem em seus pedaços (MAGNANI, 1998), espaços esses que significam uma teia de relações que ultrapassam a dimensão da casa e estabelecem uma noção nova e coletiva de pertencimento.

São as sedes, além de cenários, personagens principais nos desfiles das agremiações analisadas. Elas atuam e têm uma enorme importância nesse fazer, indo de encontro ao formato dos concursos e ao distanciamento ocasionados pelas passarelas. Não se desfila para ganhar, por exemplo, um embate. O Homem da Meia Noite e o Cariri Olindense desfilam ganhando e saem às ruas como vencedores, pois quantas agremiações acabam não saindo às ruas e se desfazem com o tempo? Com certeza, as suas maiores conquistas são os seus desfiles.

As agremiações estudadas são gigantes com públicos enormes e com seus desfiles que, apesar de terem tudo para dar errado, ocorrem em meio a atropelos pelos caminhos e dificuldades em seus bastidores. Continuam, assim, a desfilar com seus 83 e 94 anos de história. As suas sedes têm uma grande importância nesse contexto, pois são nesses espaços que a história da agremiação é lembrada e transmitida, são nesses locais em que relações são estabelecidas e os seus desfiles iniciam. Sem as sedes, essas agremiações poderiam não mais sair, ou mesmo não mais existir. Disso, os participantes têm toda certeza, por isso, se preocupam o ano todo em dar dinâmica e vivacidade a esses espaços, mantendo a sede aberta e fazendo com que a agremiação esteja viva e atuante, como se o carnaval continuasse com sua responsabilidade o ano todo.

Dentro da sede ainda podemos encontrar questões mais aprofundadas com relação às redes econômicas e de mercado que envolvem as agremiações carnavalescas, ou sobre os papéis que as mulheres ocupam nessas agremiações, percebemos mulheres na diretoria tanto do Clube como da Troça, mas a presidência ainda está nas mãos dos homens e muitas decisões ainda são tomadas por eles. Família e parentesco também podem ser uma possibilidade de análise, pois ainda é forte a presença de parentes nas agremiações.

Percebemos ainda que, com as sedes, as agremiações passam a ser vivenciadas por todo o ano, para além do carnaval. É como se as sedes pudessem manter o Homem da Meia Noite e o Cariri ativos por todos os dias do ano. Eles não existem apenas no carnaval, fazem parte de seus bairros do cotidiano de seus vizinhos.

Contundo as duas agremiações não podem mais ser identificadas apenas por seus elementos carnavalescos, burlescos ou lúdicos, como o Gigante e o Velho mascate, mas por eles e suas sedes, esses lugares passam a funcionar como uma condição para a realização do carnaval. As sedes não são apenas um aglomerado frio de pedras e cal, mas toda uma rede viva de relações reais e imaginárias que podem ser propiciadas por causa delas.

Terminamos tendo a certeza que nos tempos de ocupação e desocupação da cidade, pensar em um espaço como uma sede carnavalesca é pensar em conquista e resistência. As cidades parecem se destinar para as residências e para os centros de compras, o lazer vem quase sempre associado a esses centros. Na contra mão disso tudo, a sede se apresenta como um local coletivo e que garante outros laços além dos econômicos, esses também estão presentes, já que é preciso se manter erguido, mas outras relações podem ser sentidas nesses lugares. O lazer e a diversão estão presentes nas sedes assim como a construção de uma sociabilidade coletiva. Então, que as sedes continuem a referenciar suas agremiações, seus bairros, seus frequentadores e que nelas prossigam produzindo belos carnavais.

Evoé!!!!

Referências

- AMORIM, Maria Alice. *Patrimônios Vivos de Pernambuco*. Recife: FUNDARPE, 2010.
- AMORIM, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. *Carnaval: cortejos e improvisos*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2002. Coleção Malungo; v. 5
- ANDRADE, Maria do Carmo. *Bonecos gigantes foliões de Olinda*, 2004. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar>>. Acesso em: 21 de abril de 2012.
- ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. *Festas: Máscaras do Tempo, Entrudo, Mascarada e Frevo no Carnaval de Recife*. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 1996.
- ATAÍDE, José. *Olinda, carnaval e povo*. Olinda: Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1982.
- BAKHTIN, Mikhail Mikailovitch. *A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais / Mikhail Baktin*; Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, Editora da Universidade de Brasília, 1987.
- BONALD Neto, Olímpio. *Gigantes Foliões no Carnaval de Pernambuco*. Olinda, 1ª Ed. Fundação Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda, 1992.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Néstor García. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- CARVALHO, José Jorge. 2010. “Espetacularização” e “canibalização” das culturas populares na América Latina in Revista Antropológicas, ano 14, vol. 21 (1), pg. 39-76.
- CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *O rito e o tempo: ensaios sobre o carnaval*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*; 1. Artes de fazer. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- _____. *Carnavais malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ªa. Ed Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1997.
- _____. Roberto, *O que faz o Brasil, Brasil?*. Editora Rocco, Rio de Janeiro, 1986.

- DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DOUGLAS, Mary. Pureza e Perigo. *Ensaio sobre as noções de Poluição e Tabu*. Lisboa, Edições 70 (col. Perspectivas do Homem, n.º39), s.d. trad. por Sônia Pereira da Silva, 1966.
- FERRAZ, Maria C.F. *Clube de Alegoria e Crítica Homem da Meia-Noite: Da criação à símbolo da primeira capital brasileira da cultura*. Recife. Monografia de conclusão de curso de especialização em cultura pernambucana, FAFIRE. Disponível em: <<http://www.ladjanebandeira.org/cultura-pernambuco/artigos.html>>. Acesso em: 20 de novembro de 2011.
- GASPAR, Lúcia. *O Homem da Meia-Noite*. Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de novembro de 2011.
- _____. *Bonecos Gigantes de Pernambuco (A-Z)*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 30 de outubro de 2014.
- _____. *Troças carnavalescas de Olinda*. Pesquisa Escolar Online, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível em: <<http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/>>. Acesso em: 20 de outubro de 2014
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios*. Rio de Janeiro: DEMU-IPHAN-MinC, 2007.
- LÉLIS, Carmem (Org.); MENEZES NETO, Hugo; NASCIMENTO, Leilane. *Dossiê de candidatura: frevo, patrimônio cultural imaterial do Brasil*. Brasília: IPHAN, 2007. Disponível em: <www.portal.iphan.gov.br/portal> Acesso em 20 de janeiro, 2013.
- LÉLIS, Carmem (Org.); MENEZES NETO, Hugo; NASCIMENTO, Leilane. *Frevo Patrimônio Imaterial do Brasil: síntese do dossiê de candidatura*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2011.
- _____. *B.C.M. Batutas de São José (1932-2012): Sabe lá o que é isso!* Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2012.
- _____. *B.C.M. Banhistas do Pina (1932-2012): Sereno... serenatas... carnavais!* Recife: Fundação de Cultura da cidade do Recife, 2012.
- LIMA, Cláudia. *Evoé: História do Carnaval: das Tradições Mitológicas ao Trio Elétrico*. – 2ª. Ed. – Recife: Raízes brasileiras, 2001.
- _____. *Evoé aos clubes de frevo de Pernambuco*, 2007 disponível em <[HTTP://: www.claudialima.com.br](http://www.claudialima.com.br)>. Acessado em: 20/09/2012.

MAGNANI, José G. C. *A festa no pedaço – cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. *Cultura popular: controvérsias e perspectivas*. BIB, n.12. 1981

_____. *Rua, símbolo e suporte da experiência urbana*, 1993. <http://www.n-a-u.org/ruasimboloesuporte.html>

MENEZES NETO, Hugo. *O Balancê no Arraial da Capital: Quadrilha e Tradição no São João do Recife*. Recife: Ed. do autor, 2009.

REAL, Katarina. *O folclore no Carnaval do Recife*. Recife, 2ª ed: Massangana, 1990.

RIBEIRO, José da Silva. *Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação*. Rev. Antropol. vol.48 n°.2 São Paulo July/Dec. 2005

ROCHA, Gilmar. *Cultura popular: do folclore ao patrimônio*. Mediações, v. 14, n. 1, p. 218-236, 2009.

SAMAIN, Etienne. “Ver” e “dizer” na tradição etnográfica: Bronislaw malinowski e a fotografia. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul./set. 1995

SANDRONI, Carlos. “...do Frevo e do Maracatu”: música e festa no carnaval pernambucano. In. Revista Observatório Itaú Cultural: OIC. Nº. 14, mai. 2013. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2002.

SILVA, Leonardo Dantas. (Org.). *Antologia do carnaval do Recife*. Recife: Ed. Massangana, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. pp. 13-85.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VICENTE, Ana Valéria. *Maracatu rural: o espetáculo como espaço social*. Recife: Associação Reviva, 2005.